

Journal



Il
Manifesto
del
Manifesto

ANNO VI

NUM. 57

M A I O
~ 1925 ~

PRECO
5 \$ 0 0 0

Ilustração Brasileira

REVISTA MENSAL

PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO" — RUA DO OUVIDOR, 164

RIO DE JANEIRO

Teleph. Norte, 5402 — End. Teleg. "MALHO" RIO

Grande premio na Exposição Internacional do Centenario em 1922

FREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM EM 1911

Directores: ALVARO MOREYRA e J. CARLOS

Gerente: LEO OSORIO

SUCCURSAL EM SÃO PAULO DIRIGIDA POR GASTÃO MOREIRA — RUA DIREITA N. 7 Sob.

CAIXA POSTAL Q

Officinas: Rua Visconde de Itauna, 419

ASSIGNATURAS. Para o Brasil — Um anno, 60\$000; Seis mezes, 30\$000. Para o Estrangeiro — Um anno, 70\$000; não ha assignaturas de semestre. — Os exemplares para os Srs. assignantes são enviados pelo Correio sob registro.



Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que pode ser feita por vale postal ou carta registrada), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O MALHO", Rua do Ouvidor, 164. Collaboração litteraria, artistica ou photographica, ao director-secretario DR. ALVARO MOREYRA.



M a i o
1 9 2 5

MAPPIN & WEBB

JOALHEIROS E OURIVES

ESTABELECIDADA EM 1810
LONDRES

ESPECIALIDADES EM
BRILHANTES FINOS DO BRASIL,
E DO CABO, SAPHIRAS DO
ORIENTE, PEROLAS, ETC.

NOVIDADES
PARA PRESENTES EM
PRATA DE LEI — OURO — CRYSTAL
BRONZE — MARFIM — MARROQUINARIA,

FABRICANTES
DA AFAMADA "PRATA PRINCEZA"
O MELHOR METAL PRATEADO QUE EXISTE
PARA
TRAVESSAS, TALHERES, ETC.

MAPPIN & WEBB

100, OUVIDOR
RIO DE JANEIRO

28, RUA 15 DE NOVEMBRO
SÃO PAULO

Um novo estomago para Si

Quer V. S. um estomago novo pelo seu velho? Tem o seu estomago desarranjos? É muito para si digerir os alimentos?

PASTILHAS do Dr. RICHARDS

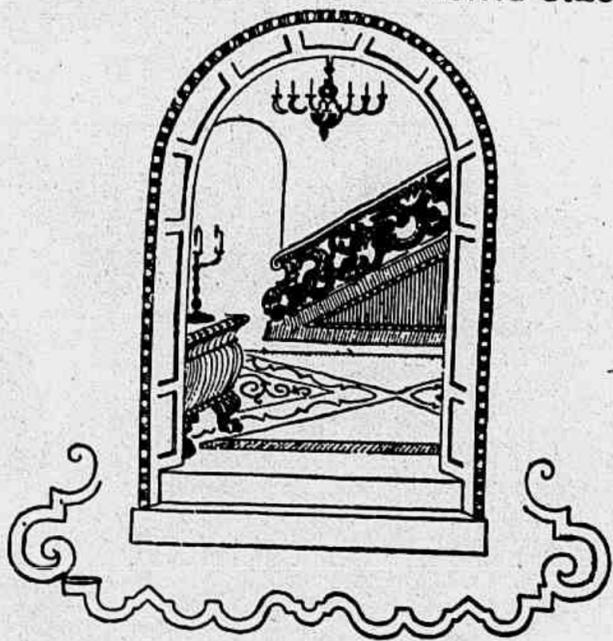
Porão o seu estomago como novo. Ellas conteem os succos digêstivos do seu estomago na fórmula de pastilhas. Quando tomadas ellas dissolvem-se, e esses succos digerem todos os alimentos, e ao mesmo tempo fortalecem o seu estomago e aparelho digestivo. Quer V. S. um novo estomago? Tome *hoje Pastilhas do Dr. Richards.*

GEORG HIRTH
LAUBISCH & C.^{IA}

RUA DO OUVIDOR, 86

TELEPHONE

NORTE 3128



MOVEIS FINOS E DECORAÇÃO
DE INTERIORES • TAPEÇARIAS
— CORTINAS • SEDAS —
CRETONNES • TAPETES
MOVEIS DE COURO



Como sabe o senhor dos desarranjos do seu motor?

UMA pancada secca muito forte ou um som como de qualquer cousa que range, é, em muitos casos, o primeiro aviso que o motorista recebe do desarranjo de sua machina. Bastava ter elle sido prevenido a tempo, e não haveria cylindros queimados, valvulas “geladas”, ou “mangueira de radiador quebrada.” Mas é que faltava ao motorista um Boyce Motor-Meter para avisal-o antes que fosse demasiado tarde.

O Boyce Motor-Meter indicará os desarranjos de dez a quinze minutos antes de se produzir qualquer damno. Logo que o desarranjo começa a manifestar-se, a grande columna de liquido vermelho do Boyce Motor-Meter sóbe para prevenil-o do perigo — que é, talvez, a correia do ventilador partida, um furo no radiador ou falta de oleo.

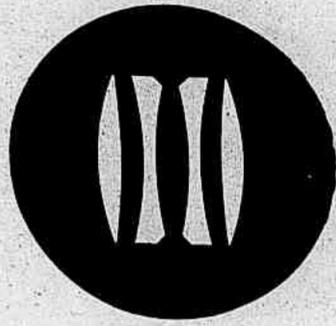
Os Boyce Motor-Meter são fabricados em tamanhos e typos adaptaveis a qualquer carro. Elles pódem ser collocados rapidamente e o seu preço está ao alcance de todos. O senhor precisa de um Boyce Motor-Meter!

Compre um

BOYCE MOTO METER

“O vosso carro merece um”

THE MOTO-METER COMPANY, Inc.
Long Island City, N. Y., E. U. A.



Ampliações de pequenos negativos

Entre as photographias que se tiram, ha de haver indubitavelmente algumas que sejam as preferidas. D'estas, como é natural, hão de querer ampliações, a fim de dar maior relevo aos pormenores interessantes da vista.

As exposições feitas com uma objectiva Kodak Anastigmatica prestam-se admiravelmente para este processo amplificador. Para obter bom resultado é indispensavel que o negativo esteja claramente definido, e isto é precisamente o que faz a objectiva Kodak Anastigmatica.

Todas as Kodaks *Especiaes* levam o Kodak Anastigmatica. Isto quer dizer que o tamanho da camara tem pouco que vêr com o tamanho das photographias.

As Kodaks *Especiaes* teem a vantagem de poderem-se levar no bolso, e a objectiva Kodak Anastigmatica de uma nitidez perfeita torna possivel fazerem-se depois excellentes ampliações.



KODAK BRASILEIRA, Ltd.

Rua Camerino 95, Rio de Janeiro

Ilustração
Brasileira



U P
WIERTZ
BERLIN
DESENHO REGISTRADO

O PO'
DE
ARROZ

Fandai DE LOHSE

E' o que ha de mais moderno em perfumaria

Gustavo Lohse A.G. Berlin • Fundada en 1831

Em todas as perfumarias finas
Agentes geraes

A. M. BITTENCOURT & C.

Rio:
Rua Buenos Aires, 87
Caixa 902.

S. Paulo:
Rua 15 Novembro, 56
Caixa 2027.

JUSTIÇA BRASILEIRA

ANNO VI — NUM. 57

RIO DE JANEIRO, MAIO DE 1925

ANTES E DEPOIS DA GUERRA



GUERRA separou o começo do seculo do resto que ainda havemos de viver. Separou com desespero, primeiro; com ironia, em seguida. O desespero permanece entre os que sobraram della, mutilados no corpo, ou mutilados na alma... A ironia sorri na bocca da gente amavel, que a assistiu de longe, transida e esperançada... Ha, por isso, os sentimentos e as idéas, as attitudes e os habitos de antes da guerra, e os habitos e as attitudes, as idéas e os sentimentos de depois da guerra... Ha tudo isso, isso tudo, e muito mais. Nos discursos, nos jornaes, nos livros, nas comedias, nas fitas, nas salas onde se dança, nas salas onde se conversa, e nas ruas d'aquem e d'além-mar, antes e depois da guerra substituiram o antes e o depois de Christo, tambem substituidos pela Revolução Franceza, e reintegrados, sem que ninguem percebesse, ao certo, por que se tinham ido e por que voltaram... — Ora, na verdade, nada mudou. O prazer e a dôr continuam intactos, nas extremidades da chusma immensa de pseudonymos que os alonga pelos entes e pelos dictionarios. Como no tempo remoto do Ecclesiastes, o sol cobre o mesmo bem e o mesmo mal. De geração a geração, afóra as maneiras de vestir, nós só nos differencamos pelo geito de gritar. Gritamos mais alto do que os nossos avós. Os nossos netos gritarão mais alto do que nós... Agóra, tal qual os

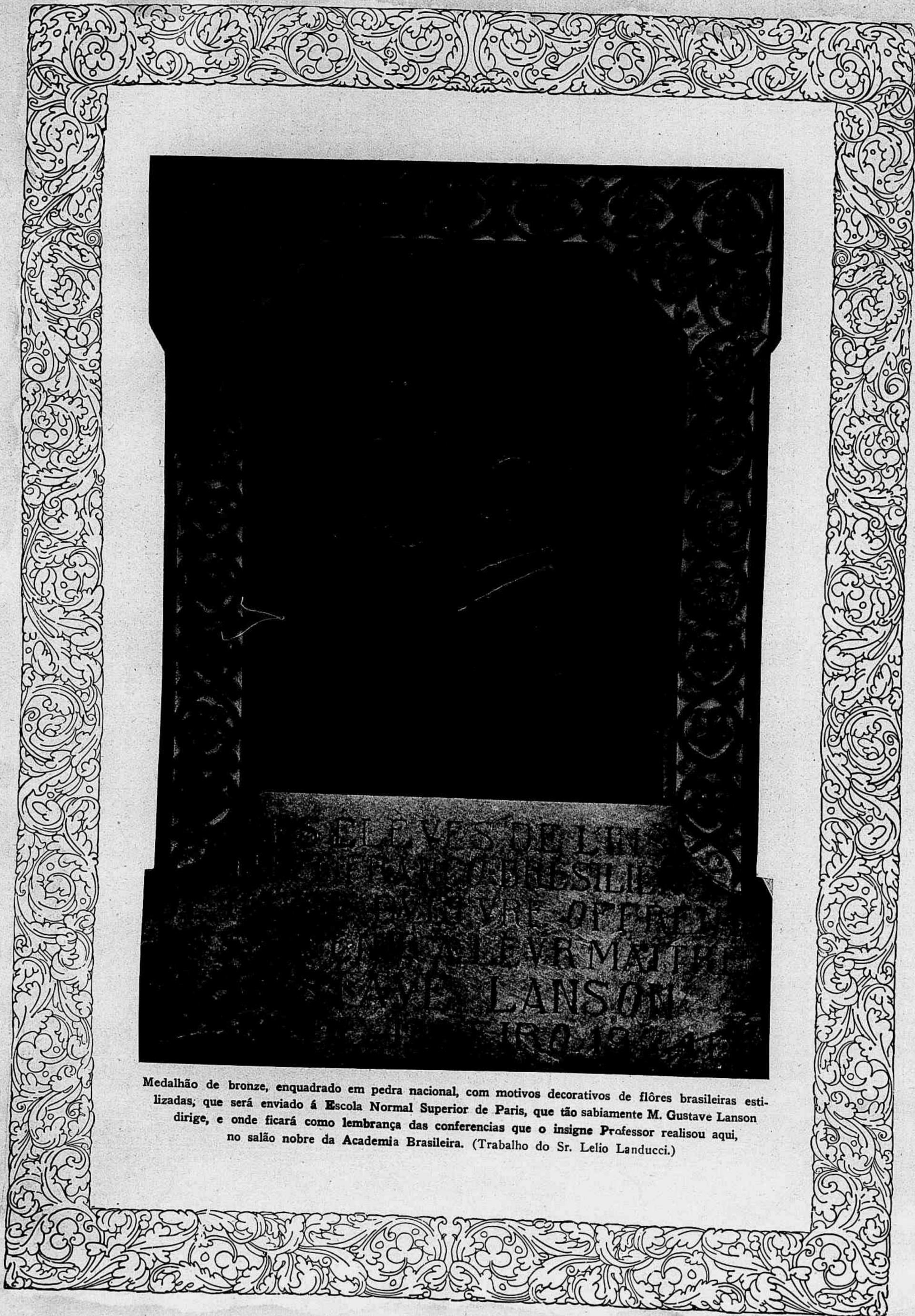
primitivos habitantes do mundo, não estamos contentes com a sorte. Todos nos queixamos. Metade, entretanto, por timidez, ou por finura, imagina que apenas outra metade se lamenta e protesta. Esta outra metade é, hoje, conforme a ultima opinião, o operariado. Que exige o operariado? "Implantar uma nova ordem politica e social, em que homens e mulheres sejam iguaes, e vivam e trabalhem com inteira liberdade; em que o homem não exerça soberania alguma sobre o homem, e o bem estar constitua o supremo principio da humanidade. Liberdade e igualdade de direitos para todos!"

Eis o desejo.

A Russia realisou o desejo... E na Russia, sob o regimen confraternizador, liberdade, por exemplo, é uma palavra do passado, sem sentido, dentro da mistura delirante... — Para que lutar? De que vale o esforço? Quando cessa o rumor, quando se acalma o turbilhão, e os olhos cansados olham em derredor, vêem sempre, com serenidade, com desdem, talvez, que tudo ficou semelhante ao que tudo era... — O derradeiro sabio do paiz do rei Zemiro, vindo trazer-lhe, á hora da agonia, o resumo da historia dos homens, fechado num volume que já não poderia ser lido, abreviou-o, afinal, assim:

"Sire, elles nasceram, elles soffreram, elles morreram". — O mais é fantasia dos historiadores. — Conformento-nos com a nossa historia, tranquillamente...

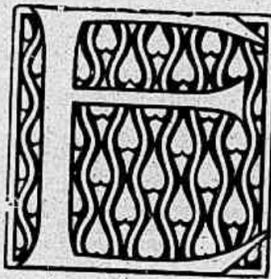
A L V A R O M O R E Y R A



Medalhão de bronze, enquadrado em pedra nacional, com motivos decorativos de flôres brasileiras estilizadas, que será enviado á Escola Normal Superior de Paris, que tão sabiamente M. Gustave Lanson dirige, e onde ficará como lembrança das conferencias que o insigne Professor realisou aqui, no salão nobre da Academia Brasileira. (Trabalho do Sr. Lelio Landucci.)

Amor, adoravel tormento!

por Chrysanthème



ESSE sentimento, symbolizado no pequeno e roseo Cupido, de sorriso malicioso e dedos finos presos ás flexas agudas, portadoras de toxicos terrivelmente deliciosos, plana sobre os humanos, como uma compensação ás dôres da terra. Entretanto, o soffrer por elle injectado nos corações dos homens e partido dessa esguia flexada, mandada a sorrir pelo menino gracioso e nú, é, ás vezes, tão intenso como uma agonia mortal. Recebida essa intoxicação num encanto vibrante de alegria e de vida duplicadas, nós vêmos, em seguida, as transformações dos individuos por ella atacados, extranhando que tão bello e sublime sentir adquira coloridos tão diversos dos da sua iniciação primitiva, promissora de resplendores magnificos. Será o homem dessa época, extraordinario pelas descobertas e ousadias nella agitadas, mais accessivel ao amor que a mulher, cuja metamorphose em guerreira espanta o universo inteiro? Ignoro-o e a minha psychologia a esse respeito é incompleta, difficil e complexa. Não posso affirmar ser a paixão, fórmula vulcanica desse palpar de um ente pelo outro, um privilegio feminino, nesses tempos que ahí vão, porque as senhoras, na evolução soffrida hodiernamente, receiam mais a doce escravidão do amor do que a variola, cabendo, antes, aos homens, encantados e perplexos em frente ao nosso novo avatar, experimentarem mais integralmente do que nós esse acre acicate do desejo sensual.

Antigamente, na éra do passadismo, as damas cultivavam o sentimentalismo com identico carinho com que se aprimoram hoje no jogo ou no *sport* do *flirt* e os ceruleos *myosotis* que lhes enchiam a alma, teciam-lhes grinaldas

suaves para as suas meigas cabeças de amorosas, curvadas ao jugo do ser masculino e soberano que as conquistava. Modernamente, dissecando o *élan* dos seus corações, ellas o reduzem a nada e a ironia, o desdem, a gargalhada, inutilizam a arranhadura epidermica, provinda da flexinha dulcorosa do bregeiro filho de Aphrodite, surgida das ondas do oceano, como uma flôr de carne preciosa. Não será culpa dos membros desse sexo, considerado forte durante tantos seculos, se a sua decadencia é um facto indiscutivel e irreprimivel? Fatigadas dos direitos a elles concedidos exclusivamente de ergueram os pavilhões da inconstancia, da infidelidade e da inconsciencia em amor, as mulheres, armadas das prerogativas modernas, decidiram tacitamente e numa solidariedade quasi absoluta, não os tomar mais a serio nesse assumpto. E, como todas as difficuldades possuem o seu picante peculiar, nós contemplamos, ora, os homens atterrados deante desse mysterio feminino que os empurra para o canto, correrem a ellas, attrahidos pela seducção desprehendida desse recuo a que não estavam habituados.

Todavia, se a mulher moderna descrê do adoravel tormento que é e será sempre ancian-se por alguém, ella, só aparentemente, mófa desse tumultuar das suas fibras, as mais intimas. Sem querer, ella quer ainda e todo o seu exterior, desde a cabelleira crespa até o sapatinho de côr, grita que, sem o amor masculino, a creatura, fingidamente soberana e valente que é a senhora actual, não achará graça na existencia. Se o modo de amar adquiriu, nesses dias, formulas novas e superficialmente diversas das de outr'ora, o aneio feminino é o mesmo, embora tendo soffrido reformas em alguns decretos e paragraphos. A dama da saia de balão e de cabello a *tropa-moleque*,

esperava a manifestação clara, a scintilha apaixonada, vindas do objecto do seu culto para, então, pegar fogo por seu turmo, enquanto que a de braços nús, saia curta e cabelleira raspada, a nossa modernissima e requintada representante do sexo fragil, lança, ella mesma, o pequenino lenço, bordado num angulo, a rir, a caçar, como se desprezasse aquelle para quem ousa um gesto tão energico e decidido. Os seus pobres e pouco psychologos adversarios, maravilhados deante da independencia dos appellos, e deslumbrados pelas promessas acenadas pelo lencinho aphrodisiaco, nada enxergam realmente do que se passa, pois que essa *raffinée* e *mignonne* bandeira amorosa é logo occulta na bolsa-pasta, de cambulhada com o carmim, pó de arroz e programas de cinemas. E temos começado a troca de hostilidades, cujo habil iniciar pertenceu á mulher, a qual, no emtanto, pelas attitudes, pelos risos e pelos sarcasmos, faz crer ao seu antagonista ter sido elle o unico atacante daquella barricada irreductivel e tremenda. Aliás, em todos os periodos da terra, a mulher jámais procedeu de outra fórma. O seu temperamento ardiloso, a sua natural hypocrisia — requintado ingrediente entrado na confecção do amor — que os homens adoram e a sua visceral faceirice, velada por um falso ar de simplicidade, supplicam ella aja assim para captivar aquelles que finge

desdenhar. Se, para a raça de alguns amantes, a pagina branca de um coração de menina possúe uma fascinação celestial, para muitos, essa folha alva, immaculada e pura, onde não se lê nenhuns rabiscos de precusores, enfatia e nausêa como um xarope de guaco e mel. As mulheres, com o seu espirito de intuição, comprehenderam ha longo tempo que a bondade, a singeleza, a constancia, desagradam á maioria dos homens, mas, passado o captiveiro, a educação e o pudor impediam-n'as primitivamente, de os rechaçar como anesthesiantes do amor. Hoje, valentes, armadas e commandando aos cerebros, quasi varonis, ellas jugulam as correntes da sentimentalidade, arvorando os pavilhões da descrença, mascarando de cynismo as ardentes e doces tendencias do seu espirito, na intenção de triumpharem dos antigos senhores, tornados despotas e tyrannos deante da sua fraqueza e docilidade.

O amor, esse adoravel tormento, transformouse, hoje, numa farça de bonde, de cinema e de salão, em que o homem e a mulher representam, mal, despindo os seus verdadeiros attributos, dizendo ambos o que não pensam e fazendo ambos o que não devem. E o Cupido, do alto do seu posto, já não sorri, inicando antes uma careta de expressão indefinida, mas de aspecto lamentavel.

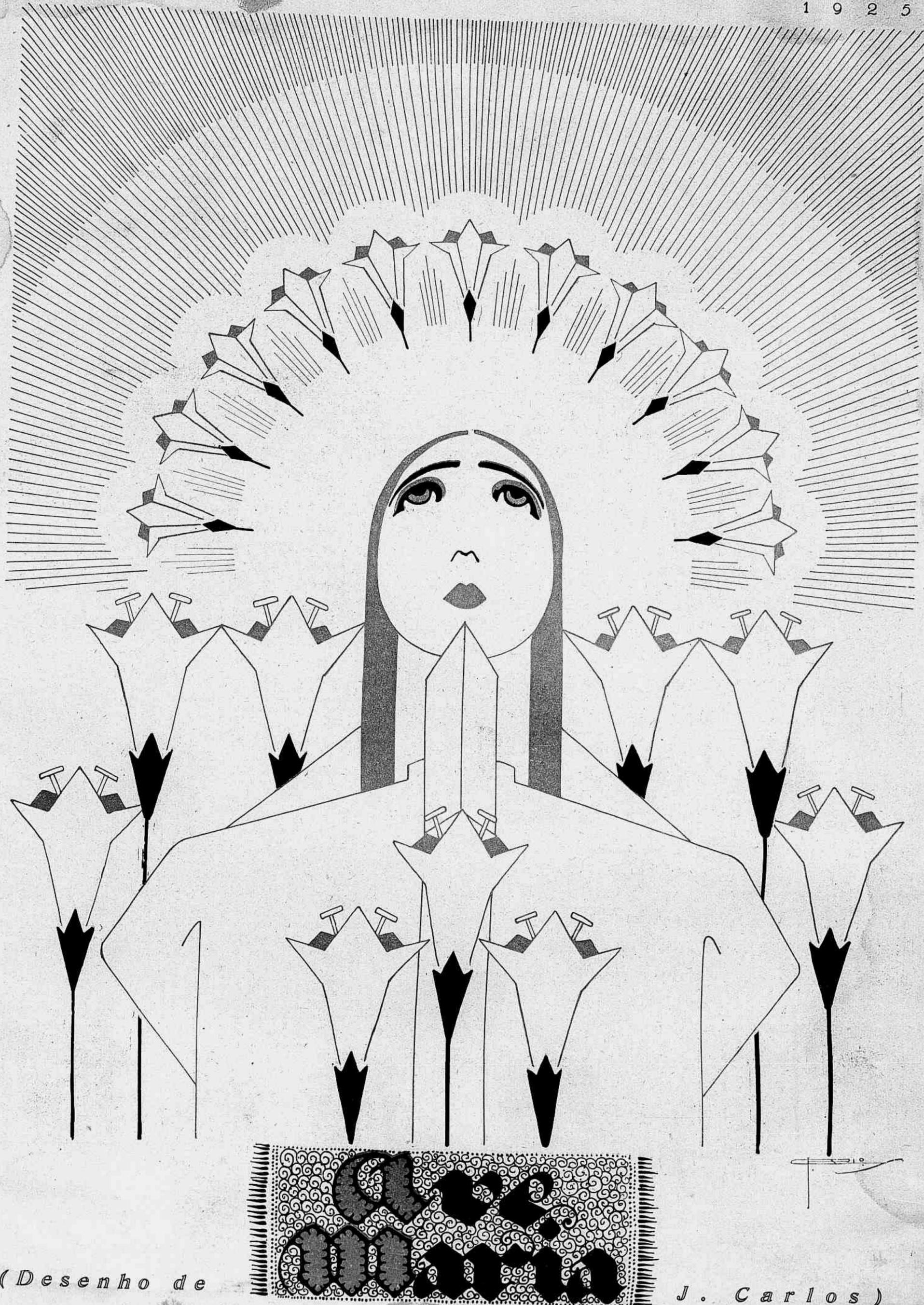
V U L G A R I D A D E

*Não deixes nunca um livro aberto:
Um livro é um frasco de perfume
Que se volatilisa lentamente
Quando fica liberto.*

*Fecha o teu livro. Elle resume
A tua vida negligente.*

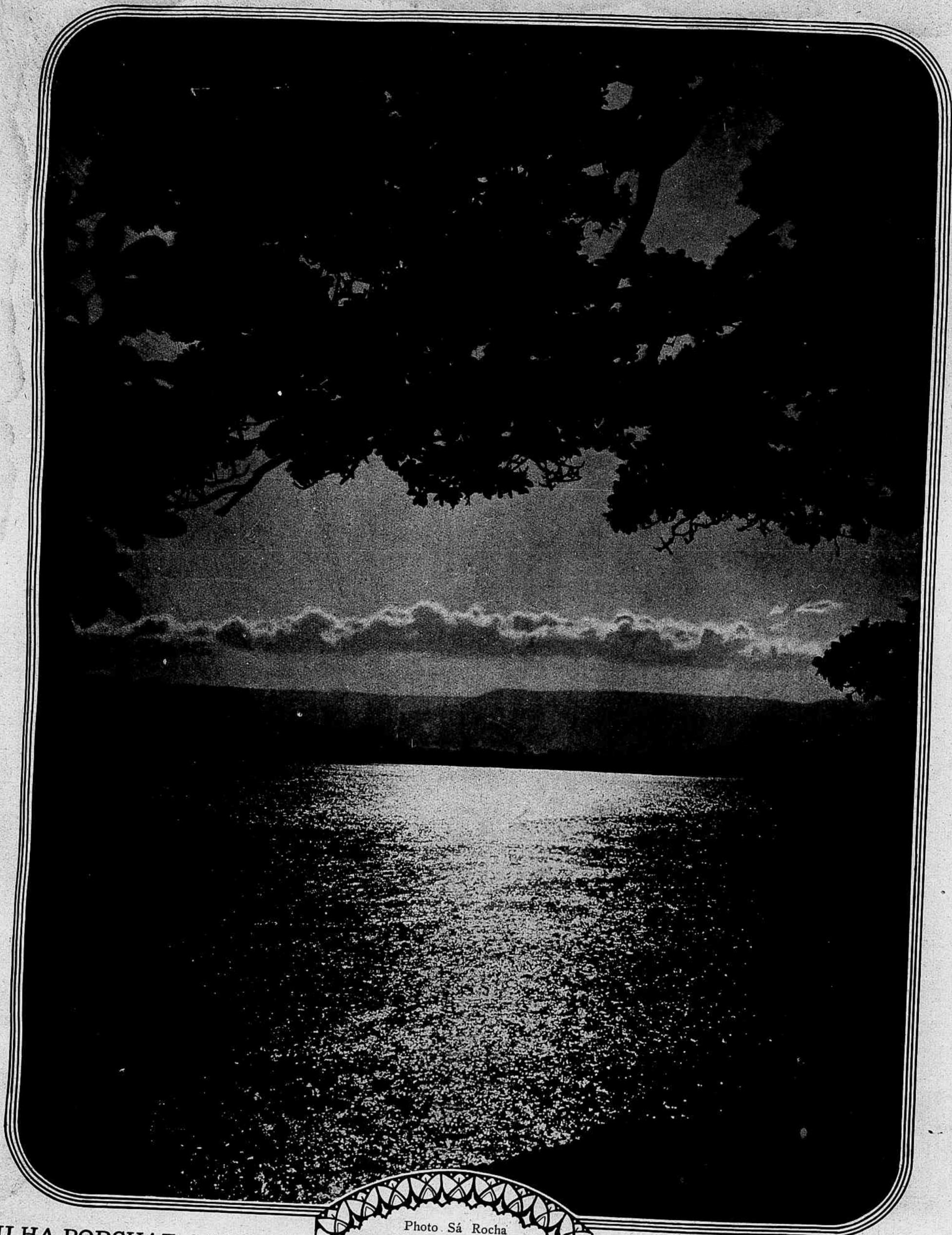
*Vida que toda gente olha e conhece
E' livro que se lê: perde o interesse...*

J A Y M E D ' A L T A V I L L A



(Desenho de

J. Carlos)

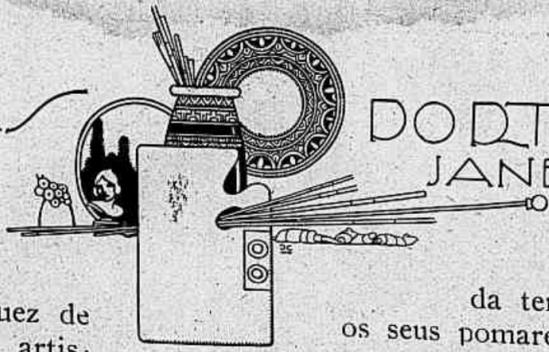


ILHA PORCHAT, SANTOS

Photo Sá Rocha
(Amador)

ESTRADA LUMINOSA...

ARTISTA NO RIO DE JANEIRO DO DT V G VE Z E S



to rnos, prodiga de belleza, mas cula de força creadora — des- perta num clima amovavel, em que

o Inverno é apenas um breve repouso da terra prodiga. Vêdes: — o Minho descansa os seus pomares em flor, e os seus vinhedos altos, e as suas arvores frondosas na curva lenta das suas collinas. nos valles amenos e fertes, na grandeza risonha das suas montanhas. Os rios ligeiros e limpodos cantam entre a frescura da herva tenra. Ha paz, serenidade, um pedaço de terra para cada braço, um sorriso do céu para cada alma... Quem dirá que ao lado desse jardim em extase se alcandora o severo vigor

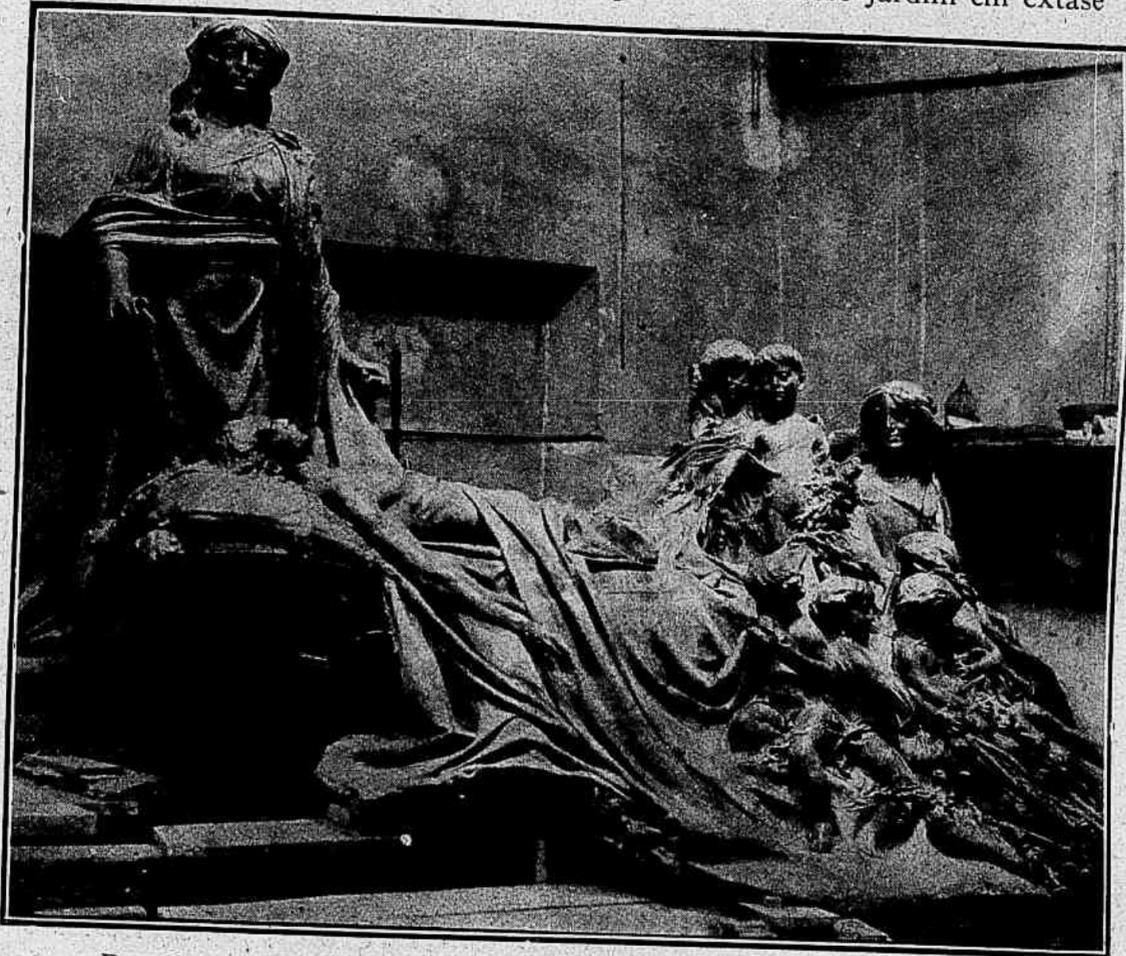
de Trás-os-Montes? Ali, a leira fecunda cerca-se de uma épica solennidade. A serra altiva emoldura as vegetações esplendidas. Não ensina a humildade: — ensina o orgulho e a força."

Pondo de parte a ausencia radical dos caracteristicos patrios, devemos reconhecer no artista um encantador impeccavel, um pintor senhor de todos os mysterios e de todas as qualidades primordiales ao verdadeiro artista, qualidades que lhe valeram já um renome internacional e os mais honrosos titulos em França.

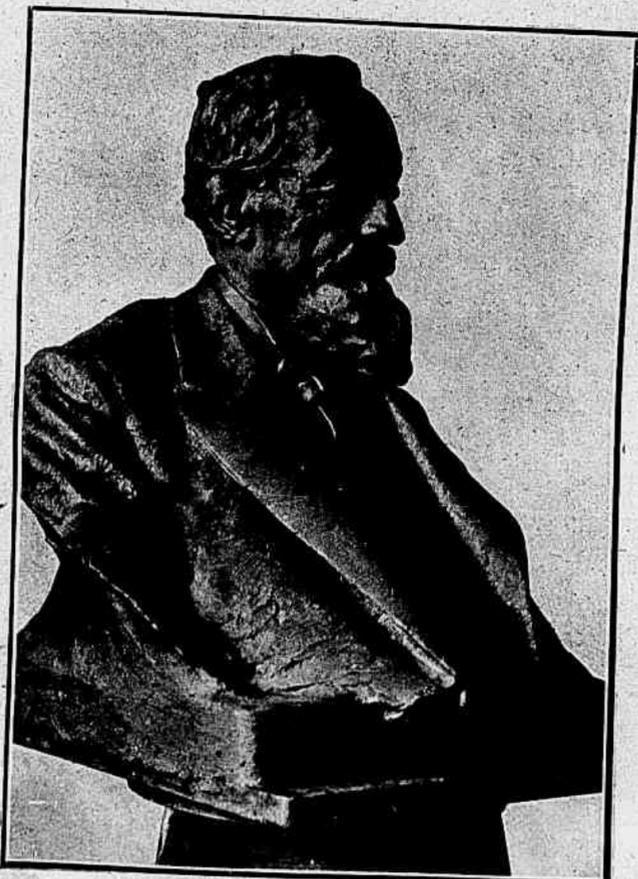
Na pinacotheca da nossa Escola de Bellas Artes, Souza Pinto possui duas pequenas telas: *Le Rendez-vous* e *Sob a verdura*, ambas rigorosamente executadas, desenhadas a primor e pinceladas com elegancia; o colorido limpo deixa perceber claramente o seu valor e a justa cotação em que é tido entre quantos entendem e amam

Outro artista que esteve entre nós durante um bom periodo de tempo foi Souza Pinto, um temperamento bem diverso do de Malhoa, como homem e como artista. A mostra de seus quadros, tambem realisada no Gabinete Portuguez de Leitura, constituiu um verdadeiro acontecimento artistico, um acontecimento, porém, bem diverso do despertado pela exposição de Malhoa: o conjuncto era fidalgo, luminoso, despertava exclamações de entusiasmo, mas não falava nada, absolutamente nada, da alma portugueza! Os quadros de Souza Pinto são magnificas expressões estheticas, mas não

possuem, entretanto, os caracteristicos da individualidade cavalheiresca e romantica de Portugal. Qualquer grande artista de França pôde assignar os quadros de Souza Pinto porque nelles predomina os caracteristicos emanados da grande patria nos fins do seculo XIX. Para pintar Portugal é incontestavelmente obrigatorio não sómente ser portuguez, mas antes de mais nada ter alma portugueza, alma que saiba comprehender e amar a terra encantada, onde, no dizer de João de Barros, poeta maravilhoso da *Oração á Patria*, "...o mar tem não sei que esplendor melancolico e suave, onde o sol doira com luz macia a maciez das praias e a delicada neve ou a ardente purpura dos jardins e dos vergeis. Vós lembrae-vos, de certo! Do sul ao norte, do poente ao occidente, uma natureza — quasi feminina pela sua doçura, ora triste, ora alegre, mas nitida de con-



Detalhe do monumento a Pinheiro Machado, por Pinto do Couto



"F. A. M. Esberard"



"Cabeça de negro" (Busto por Pinto do Couto).



"Dr. Almeida Carvalho"

Illustração
Brasileira

a arte. A figura principal de *Le rendez-vous* é encantadora e pousa sobre a ribanceira com naturalidade, o mesmo acontecendo com *Sobre a verdura*.

Na grande mostra pessoal realizada no Gabinete Portuguez de Leitura, figuraram dezenas de obras primas, verdadeiras criações de belleza como *Dans l'eau* e *Le Baquet de bleu* e de uma infinidade de nús tocados com verdadeira maestria. Souza



"Barão Homem de Mello"

Pinto é um creador, mas um creador que vê tudo por um prisma onde se reflecte a maneira franceza. Mas ha exagero em nossa apreciação; quantos se interessam pelas questões de arte devem estar lembrados da sua obra exposta no Rio de Janeiro. Antes da sua mostra pessoal havia apresentado na Exposição de 1908, um punhado de quadros primorosos, dos quaes se destacavam: *Os namorados*, *A irmãzinha*, *O almoço do avô*, *A hora do banho* e *Au bon coin*.

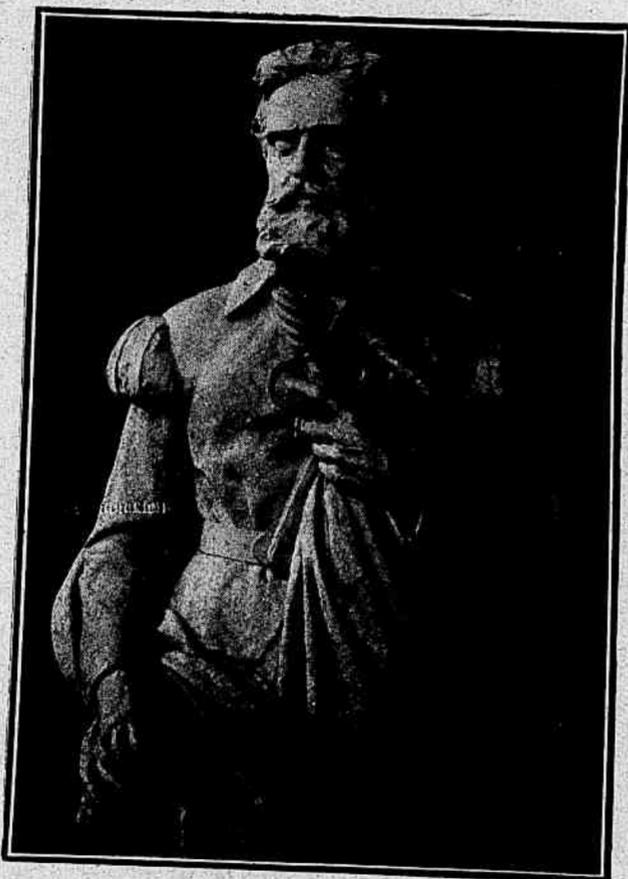
Entre as suas obras primas figuram ainda: *La culotte déchirée*, *Trempé jusqu'aux*, *Un nid dans les bois* (Museu Monte Carlo), *Le bateau disparu* (Museu de Lisboa), *Cabeça de velho a pastel* (adquirido pelo governo francez e posto no Museu de Amiens), *Au coin du feu* (adquirido pelo governo francez e posto no Museu de Nice), *La baignade*, *Le retour des bateaux*, *Dans les champs* (Museu de Melbourne), *La récolte de pommes de terre* (adquirido pelo governo francez e posto no Museu do Luxembourg, em Paris).

José Julio de Souza Pinto nasceu em Angra do Heroismo, na ilha Terceira. Estudou em Paris, com A. Cabanel. E' detentor dos premios seguintes: Menção honrosa em 1883, medalha de 2ª classe no Salão de 1889, Exposição Universal, de 1ª na Exposição Internacional de Nice em 1884, de 1ª na Exposição de Bellas Artes d'Atlanta, de 2ª classe, de ouro, na Exposição de Bellas Artes do Rio de Janeiro em 1894, de Honra do Centenario de Vasco da Gama, em Lisboa, em 1898. E' Cavalleiro da Ordem de São Thiago de Portugal e da Legião de Honra.

Rodolpho Pinto do Couto é, sem o menor favor, um dos grandes artistas esculptores do Portu-



"João Daudt" (Esculpturas de Pinto Couto).



"Camões"



O esculptor Rodolpho Pinto do Couto, ao lado da mascara de Souza Pinto.

gal contemporaneo. Veiu para o Rio de Janeiro ha um bom par de annos, aqui ficando e constituindo familia, pois contrahiu matrimonio com a distincta esculptora patricia D. Nicolina Vaz Pinto do Couto. Dentre os artistas portuguezes residentes no Rio de Janeiro, é, fóra de qualquer duvida, o mais forte e o mais operoso. A sua obra é característica, pessoal, emotiva e cheia de imprevistos agradaveis;

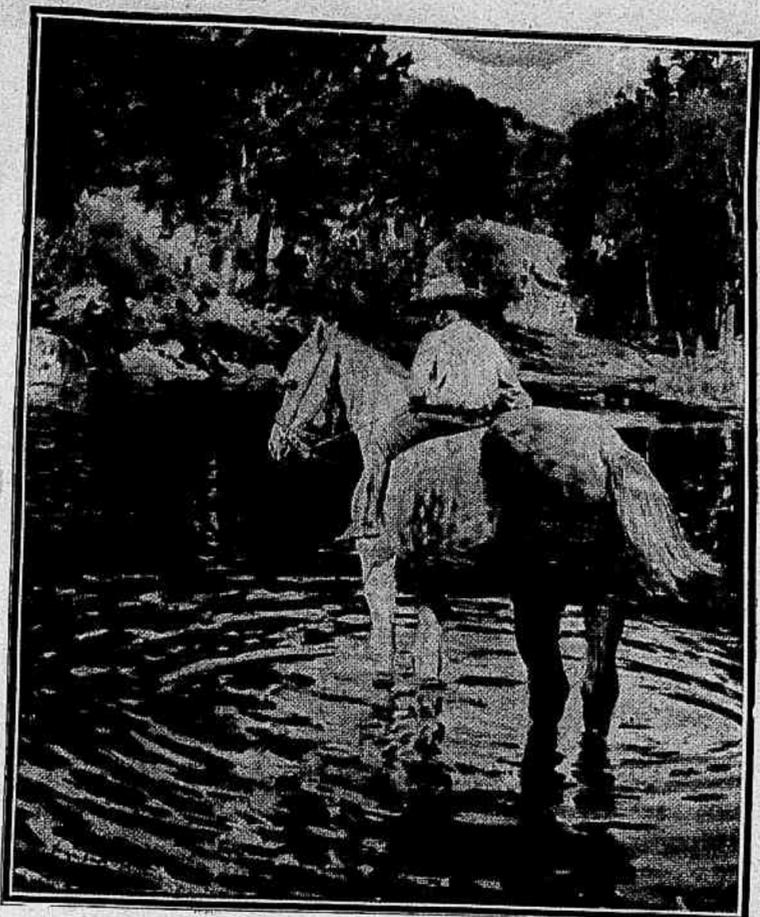


"Julio de Castilhos"

possuidor de uma consciencia artistica perfeita, vem, sem interrupção, offerecendo ao publico a prova irrefutavel do que affirmamos. Entre os seus trabalhos, muitos existem que podem ser considerados, sem obsequio, como verdadeiras obras primas: *Estudo para a mascara de Tolstoi*, *Cabeça de creança*, *Cabeça de negro*, *Retrato do pintor Souza Pinto*, *Rio Branco*, *Cabeça de velho*, *Epitacio Pessoa*, *Wenceslau Braz*, *F. A. M. Esberard*, *João Daudt*, *Dr. H. Vieira de Carvalho*, *Monumento a Pinheiro Machado*, *Setembrino de Carvalho*, *Camões*, *Retrato de Ernesto Senna*, *Cabeça de velho*, *Cabeça de estudo* e *Gago Coutinho*, estão nesse caso.

A nosso ver, as melhores obras, dentre as citadas, são: *Ernesto Senna*, *Souza Pinto* e *Monumento a Pinheiro Machado*; a emoção e a semelhança dos dois primeiros, attingem a um gráo de elevação pouco commum, mesmo entre os maiores esculptores contemporaneos do mundo inteiro; principalmente na cabeça de *Souza Pinto*, naquelle mal acabado proposital da cabeça, percebe-se tudo: a rudeza physica do retratado, a psychologia irmanada a uma esthesia profundamente encantadora, e uma técnica formidavel. O *monumento a Pinheiro Machado*, é, fóra de qualquer contestação, a obra mais completa realisada pelo artista; ella redime as falhas do esculptor que, felizmente, são em bem pequeno numero.

O conjuncto do monumento inspira respeito, faz bem ao observador pela harmonia das linhas, precisão de detalhes e correcção de desenho; taes predicados emprestam á aureola do esculptor um fulgor grandioso e aristocratico. Os ensinamentos existentes nas minimas particulas da obra revelam



" Dans l'eau "

esteti della bellezza pura: "E, prima d'ogni altra cosa, rammentiamo che nel vero esteta l'impressione sensoria delle cose deve predominare in vivezza su tutte le altre, como nel nero artista l'espressione formale del suo concetto dev'esser non solo la cura piú assidua, ma il piú essenziale bisogno..."

A figura do general apunhalado, tronco desnudo, braço hirto e cabeça varonil, cujos cabellos commungantes com os louros, vibra tanto, é tão verdadeira que parece na emminencia de erguer-se deante dos seus matadores, para dizer como Tasso: *Fra un secolo, due, diece, voi e i vostri cortegiani sarete polvere, ed io vivró!*

Tudo, em conclusão, no monumento a Pinheiro Machado, é perfeito. O artista fez obra digna do seu valor.

Confessamos lealmente sermos devedores de uma satisfação ao illustre artista, autor do busto de Ruy Barbosa. Em 1922, fazendo rapido estudo sobre os artistas portuguezes que nos têm visitado, ao tratar do escultor Pinto do Couto, tivemos, ao analysar o busto do grande brasileiro, uma phrase que melindrou o artista: "o observador tem a impressão de estar deante de uma caricatura, não obstante a bella technica existente," foram as pálvras. Confessamos a nossa injustiça. Nogueira da Silva escreveu a proposito, dizendo que o nosso juizo visava demolir a obra do artista: "Sei que já se tentou demolir a obra extraordinaria do grande artista. E falou-se em caricatura... Não tomaria aqui o reparo se não o tivesse lido em um artista distincto, forrado de um critico consciencioso e justo. Adalberto Mattos escreveu: — "o observador tem a impressão de estar deante de uma caricatura, não obstante a bella technica exis-

clara-mente a philosophia da belleza que reúne os factores estheticos e os estados de alma indispensáveis ás concepções da obra de arte. A força grandiosa que se desprende das figuras componentes do monumento gritam bem alto, fazem reunir na

tente". E' de veras lamentavel que o critico e o artista tivesse visto a technica e não a houvesse comprehendido. É mais lamentavel, porque sei quanto Adalberto Mattos abominava esses bustos lambidos e frios, verdaderos bonecos de bronze, que certos artistas costumam



"Le Baquet de bleu"

impingir como obra de arte.

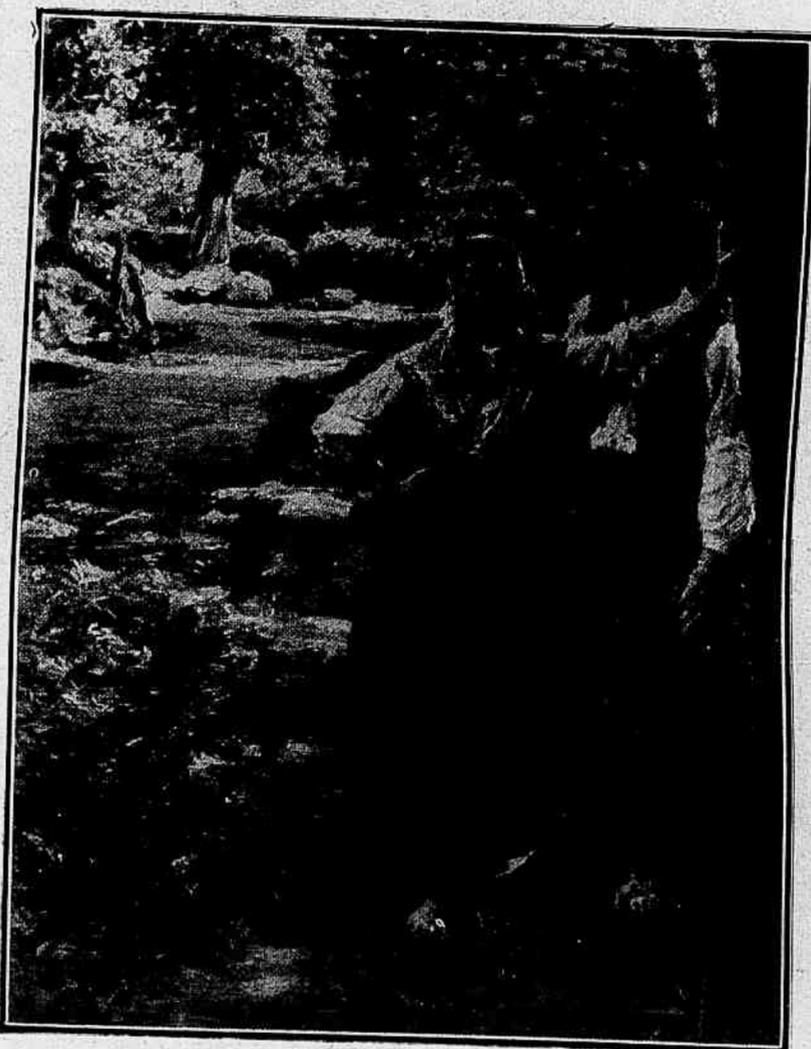
Não, Adalberto Mattos não tem razão. O busto de Ruy Barbosa, para o qual Pinto do Couto obteve do mestre inegalavel as sessões indispensaveis, é uma obra imperecível, em que viverá eternamente o espirito enorme e invulgar do eminente nune tutelar das nossas liberdades patrias. Esse marmore, que está na Galeria Jorge, é uma obra immortal. Se Pinto do Couto já não tivesse se imposto como um artista notavel, bastaria essa peça para immortalisalo".

Ao escrevermos sobre a obra de Pinto do Couto, devemos dizer que não nos passou pela mente a idéa de demolir cousa alguma, apenas representava a nossa maneira de sentir. Repetidamente fomos á Bibliotheca Nacional estudar o busto em bronze em questão, recebendo sempre a mesma impressão. Mais tarde tivemos a felicidade de ver o mesmo busto já em marmore na Galeria Jorge; foi nessa occasião que verificámos a nossa injustiça. Qual o phenomeno que occasionou a nossa impressão? Dificil será explical-o. Talvez o marmore, pela sua transparencia, tenha quebrado a rudeza que antes tantas vezes tinhamos sentido no bronze fortemente patinado. Tem razão Nogueira da Silva: o marmore representando o grande tribuno é realmente uma obra bella. Bem diz o velho rifão: Na esculptura o barro é a vida, o bronze a morte e o marmore a resurreição! Errámos.

E' com a maior satisfação que modificamos a nossa apreciação sobre o busto de Ruy Barbosa. Rodolpho Pinto do Couto merece a justiça que lhe fazemos porque é realmente um grande escultor, uma gloria do Portugal contemporaneo; fazendo esta rectificação nos sentimos bem. É assim, desejamos sinceramente que os illustres critico e artista não nos queiram mal.



Souza Pinto, autor das telas que illustram esta pagina.



" Os namorados "

Homens e coisas da Velha Armada.

A CONQUISTA DE CAYENA

QUOMO vistosa pantomima real, admitte-se a investida hyperbolica da conquista de Cayena — desafogo de um principe indolente, despeitado ainda das invasões de Junot; e não podendo levar á Europa a temeridade de uma guerra de **révanche**, lembrou-se da Guyana Franceza, mais á mão e indefesa, para arvorar-a nos moinhos de vento de uma jocosa audacia de opereta.

Por sorte, as tropas tomaram o seu papel a sério, e de volta escreveram uma das paginas mais grandiosas da formação da nossa nacionalidade.

D. João VI, todas as vezes que lhe clamava nas veias o sangue arrojado dos seus avoengos, vibrava de rancor contra as hostes atrevidas do atrevido corso. E de punhos cerrados, das varandas morgadias da Bôa Vista, mandava para os lados da metropole, onde o general de Napoleão estava prestes a ser feito marquez de Abrantes, as invectivas da sua grande magua, da sua triste vergonha, emquanto além, dispersos pelos alarmados desvãos da cidade-refugio, uma fidalguia de importação usurpava a sorrir superiormente as moradas e a paz do bom burguez.

Era mister uma cabal desforra, feita de monta que dêsse que falar a Portugal e ao mundo. Convocados os generaes, comparsas indifferentes do formidavel acto joco-tragico cujo enredo havia muito preocupára as agitadas noites del-rei, ficou deliberado que a vontade real seria feita. Que remedio! Bastava apenas para a satisfação desse capricho o sacrificio de dinheiro e sangue. Uma ninharia, em todas as épocas da historia, sempre que o despotismo triumphador resolveu fazer guerras.

Dahi a pouco se levava á sobressaltada possessão franceza uma insolente invasão.

José Narciso Magalhães de Menezes, capitão-general do Grão-Pará, um dos mais prestimosos contra-regras da espalhafatosa farça, teve ordem de enviar forças de mar e terra para as margens desertas do Oyapock.

— Com que dinheiro? — bradou logo, assombrado, o bravo cabo de guerra.

— Arranje-se — teria respondido o altivo principe, mal humorado.

Os cofres da Capitania andavam tuberculosos. Que fazer, sinão explorar esse outro grande tuberculoso chronico, stoicamente inexgotavel — o povo? Abriu-se então uma subscrição publica para angariar combustivel necessario á colossal fogueira que se ia armar.

Ao mesmo tempo, catando daqui e dali, conseguiu-se uma força de 400 homens, entre granadeiros

e caçadores de tres regimentos de linha, uma bateria de quatro peças de calibre 6 e dois obuzeiros de calibre 8. A' frente desse exercito metteu-se uma pomposa figura de prôa: Manoel Marques d'Elvas Portugal. Pelo lado do mar organizou-se este simulacro de esquadra: a escuna **General Magalhães**, que içava a insignia de capitanea, com 12 peças de pequeno calibre. O seu commandante — rezam as chronicas — ao contrario dos seus collegas de outras naus, entendia alguma cousa de navegação. O **cutter Vingança**, com oito peças de calibre inferior; levava como capitão o patrão-mór do Pará. O **cutter Leão**, armado como o outro, e commandado pelo sargento José Antonio de Barros. Tres barcas-canhoneiras, com um rodizio de 18 em cada uma, ao mando de um sargento e um furriel; a sumaca **Nympha**, com dois obuzeiros desmontados; a lancha **S. Narciso** e o hiate **S. Antonio**.

Um portento de frota, ao que se vê.

No dia 8 de Outubro de 1808, com a **mise-en-scene** dos grandes acontecimentos, perante a multidão que se estendia nas praias e dava vivas ironicos ao rei e ás naus empavezadas que balaucavam na ancia de navegar, tudo aquillo partiu para a villa de Chaves, a buscar tropa do 2º regimento, e dahi para o igarapé de Obusutuba, fertil de embira e de imbê, materia prima dos reclamados cabos de laborar.

Fiada na sapiencia nautica do capitão da escuna-chefe, que por seu turno não se fiava nas estrellas, a caravana só marchava de dia. Dest'arte, do ponto de partida ao cabo Norte, montado ás tontas, com temporal, foram gastos 34 dias. Ao léo da tormenta, uma das canhoneiras, por azar o transporte

da maior quantidade de munições de peça, desgarrou; dias depois foi dar a Surinan, e ahi vendida como traste inutil. Na madrugada de 13, gageiros annunciaram a vista de tres navios. O inimigo! — exclamaram das naus, onde já era tudo a visão de sangrento scenario de combate. E já se aprestavam para os golpes da primeira arremetida, quando se reconheceram nos barcos recémvindos a corveta ingleza **Confiance**, de 26 peças, sob as ordens de James Yeo, e os brigues portuguezes **Voador** e **Infante D. Pedro**, armado cada qual de 18 peças, e ao commando dos capitães de fragata José Antonio Salgado e Luiz da Cunha Moreira. Era reforço que chegava do Pará com mais 300 homens, e ordem expressa de tomar Cayenna, e invadir o territorio da Guyana.

Sem dar ouvidos ás novas determinações, insistiram os chefes na occupação do Oyapock. Distribuidas as forças, coube ao tenente-coronel Manoel Marques o commando das de terra, e ao chefe inglez Yeo a direcção das do mar.



Luiz da Cunha Moreira, o 1º ministro brasileiro da marinha, e um dos heroes da conquista de Cayena

A 1 de Dezembro já se achavam em terreno inimigo, plantando-se ahí solememente o pavilhão de Portugal. Sabiam da existencia de um forte que temiam, o forte de S. Luiz. Para lá marcharam, e ao termo da espinhosa missão, pasmaram-se do achado: um forte em abandono, totalmente coberto de ervas más. Enquanto isso, Yeo subia rio acima, nos cutters **Leão e Vingança** e a lancha **S. Narciso**, ficando o resto da esquadra na defesa da fós. Afinal, a 15, em aguas do rio Aproaky, encontraram-se forças francezas.

Cheios de furibundo ardor bellico, avançaram os nossos contra o inimigo, escurraçado em massa, cahindo prisioneiros um sargento e dez soldados. Os fugitivos entrincheiraram-se por fim em uma habitação a que chamavam **Collegio**, guardada por uma peça de bronze. Mas a tropa de Yeo tomou a peça, lançou fogo na casa, prendeu os que poude e apossou-se de duas escunas, — baptizadas depois com os nomes de **D. Carlos e Sydney Smith**. Numa ilhota adeante, ergueram o forte **D. Carlota**, armado com duas peças, onde se hasteou a bandeira portugueza.

Chamado a tomar parte nas operações, Manoel Marques fez-se de vela com a sua gente, e mais outra escuna aprisionada, a **Créole**, que se chamou **Lusitana**.

A 23, pela manhã, surgiu ao sul um navio suspeito. Duas lanchas seguiram a reconhecê-lo. Foram recebidas a bala. Sem recursos para o combate, as lanchas regressaram, abrigadas pela sumaca **Paquete**, ao mando de Pereira Pinto. Este, sem esperar auxilio, mandou montar um obuzeiro e partiu á procura do inimigo, que se escondeu sob a bandeira americana, que tremulava á popa. Travado o tiroteio, rendeu-se o barco estrangeiro, que era a escuna franceza **Petite-Adèle**, armada com quatro peças, que recebeu o nome de **Invencível Menezes**.

A 25, Manoel Marques acampava em Aroaky. O governo de Cayena, ao ter noticia da invasão, mandou que se armassem e guarnecessem as baterias de Diamante, Degrad des Canes e Trió, á margem do Marony.

Reuniram então Marques e Yeo a sua gente, que era formada de 200 granadeiros e 100 marujos, com uma peça de artilharia de campanha, e effectuaram um desembarque. Depois de curta investida, quasi sem resistencia, o forte de Diamante foi tomado; logo em seguida o de Degrad des Canes.

Não esmoreceram os de França. Resolveram proteger a morada do governador com duas baterias. Ao anoitecer, essas novas fortificações já estavam em nosso poder, além do forte de Trió. No outro dia, tornaram os francezes ás baterias da casa do governo. Foi enviado um parlamentar, que recebeu a bala. Revoltaram-se com isso os brasileiros: assaltaram a posição inimiga e incendiaram-na.

A 10, novos emissarios entenderam-se com o governo francez, com propostas de rendição, allegando a fraqueza notoria das suas forças. Em resultado dessa conferencia, a 12 assignou-se a capitulação. No outro dia, as tropas invasoras tomaram conta da cidade. O brigade **Infante D. Pedro**, mandado desarmar, partiu a 3 de Março para L'Orient, levando a bordo o governador de Cayena, Victor Hugues, e comboiando duas galeras de commercio, repletas de soldados francezes.

A Luiz da Cunha Moreira, que foi mais tarde o primeiro ministro da Marinha nascido no Brasil, deve-se principalmente o remate victorioso dessa pagina da nossa historia, que, aparte o valor da nossa gente, heróis de momento em todas as épocas, não representa mais do que uma velleidade de principe ocioso, especie de Sancho Pança com raros pruridos quixotescos.

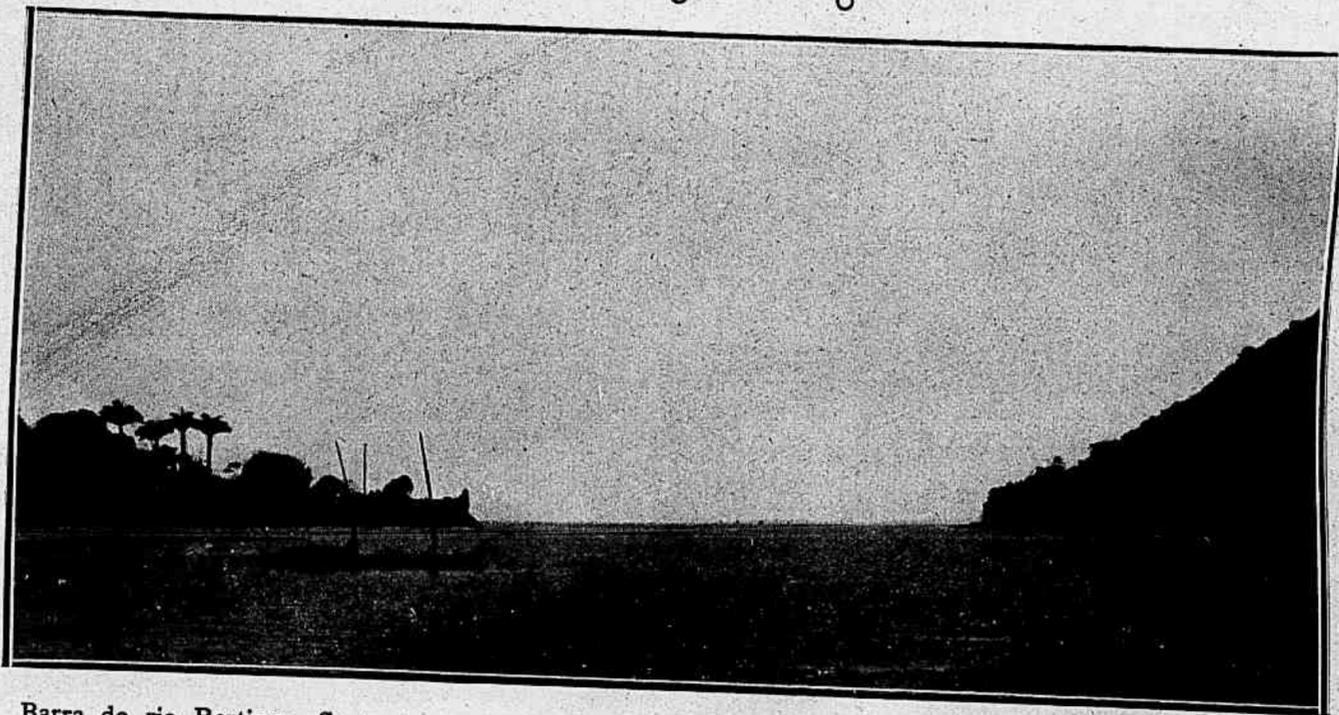
Que lucrámos nós nessa desvairada aventura? Quasi nada. Enquanto aos inglezes, sempre praticos e precavidos, abiscoitaram do melhor para o seu prático: o commandante Yeo, após um saque nas propriedades do governo, apoderou-se de todas as embarcações que fundeavam no porto de Cayena, além de reclamar de D. João VI, como indemnização de serviços de guerra, a somma de oito mil libras esterlinas.

Restava conferir aos nossos bravos um premio de consolação. Nada mais facil aos governos satisfeitos. Então, mandou-se cunhar uma medalha de prata com a effigie do rei no verso e a legenda **Cayena tomada aos francezes**, no reverso.

Taes façanhas não podiam deixar de impressionar a veia poetica de então. Em 1810 sahiu á luz uma **Ode á tomada de Cayena**, da lavra de José de Aragão e Lima.

E por muito tempo, á falta de melhor assumpto, não se falou de outra cousa, até que pela convenção de Paris, reunida em 28 de Agosto de 1817, a Guyana foi restituída aos francezes.

G A S T Ã O P E N A L V A



Barra do rio Bertioaga, Santos.

(Photo Sá Rocha)

Lequenos Poemas

Afonso Arinos Sobrinho

SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO

Que linda manhã pagã de Sexta-feira Santa!

Jesus Christo foi hoje crucificado
em centenas de sonetos e balladas;
no entanto, impiedosa e indifferente,
passaste na manhã trasparente
trazendo bem alta, como um pendão, tua cabeça aureolada...

Eu te vi passar na manhã transparente,
quando os sinos dobravam tristemente
contando a velha historia, a dolorosa historia...

Eu vi quando passaste e vi quando sorriste...

Como estavas linda nesta Sexta-feira Triste
em que tudo bradava a tua gloria!

Até a voz dos sinos parece que canta
Em honra tua...

Sexta-feira Santa?...

Alleluia!

Alleluia!

PELOS TEUS LINDOS OLHOS...

Hoje, sob o céu luminoso
quiz compor um poema para os teus olhos longinquos,
para os teus olhos claros como o céu todo luz,
para os teus olhos inquietos como o mar,
para os teus olhos estranhos de pervinca
cheios de um mel envolvente e criminoso,
para os teus olhos, que são duas flores azues
que estivessem morrendo ao despontar...

Para os teus lindos olhos...

Mas, sob o céu luminoso, de repente
eu me lembrei que nunca mais has de voltar;
e então, lyricamente, inutilmente,
senti um véo escurecendo o meu olhar...

E tudo só pelos teus lindos olhos...



O Sino

de Alberto Faria



LEVANTINOS de origem supponho os instrumentos de que venho dizer, pois na China já os conheciam pelo anno 2601 antes de nossa era, conforme archeólogos ainda empenhados na definitiva solução do problema.

O certo é, porém, que entre 2255 e 2206, o Celeste Império, hoje Republica terrena como outra qualquer, estava sob o governo de harmonioso Chum, o qual fizera da poesia, da musica sobretudo, um ramo de sua administração politica.

Nomeando para superintendel-o a Kuei, mestre de artes, assim lhe falou o soberano de rythmica memória:

“Quero que ensineis os filhos dos principes e nobres, afim de serem sinceros e affaveis, graves e complacentes. Explicae-lhes vossos conceitos moraes em verso, cantando, ao som de instrumentos, as estrophes que compuzerdes, de modo a vasar-lhes na alma todas as doçuras.”

E o CHU-KING guarda uma das taes peças, contendo, — si traduzida fielmente por Léon Charpentier, no estudo L'EVOLUTION DE LA POÉSIE CHINOISE, — referência dupla a orgams e sinos.

Então, pequenos seriam, ou seriam grandes os últimos?

No francês, que os conjuga aos primeiros, apresentam-se-nos em diminutivos — **clochettes**.

E, testemunha do Passado remoto, lá existia, singular realisação de harpa eólia, uma torre de dóze andares, em cujo cimo innumeradas sinetas, tangidas só do vento, carrilhonavam admiravelmente. Viu-a ainda Fernão Mendes Pinto, o da maravilhosa PEREGRINAÇÃO, a quem alliteradores patricios alcunharam **Fernão, mentes? Minto!**, roborando injustiça britânica, a de Shakespear, influenciado talvez pelo adágio — **longas vias, longas mentiras**. — Descrevendo o régio túmulo de Porsenna, imitante á torre, Plínio citou Varrão, por tambem parecer-lhe isso inverosimil, **NATURALIS HISTORIAE**, liv. 36, cap. XIX, ns. 7 e 8.

Mas, conservando a primitiva fôrma cylíndrica, augmentariam no correr dos séculos, porque em Pekim ha sinos superiores a 200.000 libras na cifra do peso. Alguns desses monstros têm nomes, curiosamente significativos, sem duvida; entre elles, tres avultam, na traducção de immobillidade, impertinência e terror: **Dorminhôco, Pedante Papão**. E o derradeiro faz-nos evocar, pelo appellido terrífico, uma scena dos **JARDINS DES SUPPLICES**, de Octave Mirbeau:

“...
La cloche sonnait toujours...”

Mais ses vibrations diminaient, diminaient jusqu'à n'être qu'un souffle de brise, une toute petite plainte d'enfant, étouffée derrière un rideau.

— Pourquoi cette cloche?... D'ou vient cette cloche?... questionna-je.

— Comment? Tu ne sais pas?

Mais c'est la cloche du Jardin des Supplices! Figure-toi... On ligotte un patient... et on le dépose sous la cloche... Et l'on sonne à toute volée, jusqu'à ce que les vibrations l'aient tué!... Et quand vient la mort, on sonne doucement, doucement, pour qu'elle ne vienne pas trop vite, comme là-bas!... Entendes-tu?...

J'allais parler, mais Clara me ferma la bouche, avec son éventail déployé:

— Non... tais-toi!... ne dis rien!...

Et écoute, mon amour! Et pense à l'effroyable mort que ce doit être ces vibrations sous la cloche... Et viens avec moi... Et ne dis plus rien, ne dis plus rien...

Quand nous sortimes du couloir, la cloche n'était plus qu'un chant d'insecte... un bruissement d'ailes, à peine perceptible, dans le lointain...

“...”

E o sino assim se degradou no Oriente, longínquo e mysterioso, onde a tortura attinge refinamentos incrediveis.

Alonguemos os olhos por outras terras, através das edades, em seu curso natural, a surprender o papel, ou a fixar o mistér dos sinos, quer na vida religiosa, quer na civil.

Consoante o jesuita Athanasio Kircher, autor fecundo e de boa nota do 17º centenario, é aos egypcios que se lhes deva e invenção. A's margens nilóticas, annunciavam as festas de Osiris.

De similhante antiguidade não haveria que duvidar, dando crédito a Clemente de Alexandria, segundo o qual o grande sacerdote Aarão trazia debaixo das vestes campainhas em numero equipolente ao dos dias do anno. Aliás, isso consta do **Exodo**, cap. XVIII, vtos. 33 a 35.

Os gregos tel-os-iam imitado, pois em Athenas estavam em uso nos sacrificios da expiação, nos mystérios dos chorybantes, nas cerimônias bacchicas. Sobre muitos baixo-relevos, representando bacchantes, vêem-se estas com túnicas, tendo pôr todos os lados, presas, campainhas, afim de produzir ruido no sagrado exercicio das dansas. Modernamente, os camponeses da Europa dansam tambem, fóra de tecto, ao som de carrilhões, mas sem intuito religioso, a denunciar vestígio cultural. Todavia, outro facto, de natureza análoga, accusa phenômeno de persistência, a meu tibiio parecer. Examinemol-o, rapidamente.

Nas montanhas e pastagens da Suissa, encontra-se abundancia de gado, sem guarda de pastor algum, trazendo ao pescoço campainhas, cujos sons variam ao infinito, em combinações extranhas e encantadoras, a lembrar as harmonias do pagode chinês, ou do sepulcro do rei clusino. Ora, esses animaes reportam-nos, imaginariamente, áquelles por Sidónio chamados **gregos tintinnabulata**. Espantalho a lobos, as campainhas do gado helvético? Afiguram-se-me, preferencialmente, verdadeiros amulêtos.

As **tintinnabula**, a que tambem se refere Plínio, já muito antes delle eram de uso na cidade dos Cesares, onde serviam para erguer do somno os escravos, attrair ao banho os patricios e anunciar a hora do mercado á plébe.

Cae a ponto a anecdota de Strabão, **GEOGRAPHIA**, liv. 14, cap. II, nº 21:

Um citherista exhibia-se aos habitantes de Iaso, que pareciam admirar-lhe a pericia na arte. Subito, sóa a campainha, que dá signal da venda do pescado. Todos accorrem ao mercado, excepto um, que era surdo. Diz-lhe o tangedor de cithara:

— Sou-te muito agradecido, tanto pela affeição que votas á música, como pela honra de tua presença... Os outros, foram-se apressados, mal soû a campainha.

— Que? Acaso, já soû a campainha? Pois, então, fica-te em paz!

E ás moscas, podia ter accrescentado o retardatório...

A importância dos mesmos, no tocante á arte industrial, veiu a ser demonstrada por Léon Germain e Joseph Bertholé, em largas publicações, depois daquelle anno, em que Henri Jadart deu á estampa a história do célebre sino de Reims... Reims, agora ferida de morte em seu coração de granito rendado, coração que era a cathedra deruida...

Permitti-me que, accidentalmente, evoque, pelos quatorze alexandrinos de Philippe Dufour, o conspecto dessé assombroso monumento de estilo gótico, tornando nuvem de pó, a eclypsar todas as conquistas da **Kultur**, por uma nefanda reversão germânica á barbaria avita:

Ville royale et pour toujours mélancolique,
Parmi les souvenirs dont l'éclat t'est resté,
Dans tes murs notre histoire apparait en beauté;
Et la France y respire un parfum de relique.

Tes vieux logis, sous leur auvent, d'ardoise oblique,
Conservent un attrait de noble vétusté;

Sévère fleuron d'art á ton front incrusté,
Sur le ciel glorieux rêve ta basilique.

Mais voici Notre-Dame! Elle éblouit encore,
Immense fleur de pierre et d'orgueil, enrichie
Du faste de l'Eglise et de la Monarchie.

Et l'on dirait qui va surgir dans son décor,
Aux mystiques lueurs des splendides verrières,
Près du roy Charles Sept Jeanne d'Arc en prières.

O poeta alludiu comparativamente á Notre Dame, de Paris, immortalizada pela penna de Victor Hugo. Entre os mais célebres sinos, cumpre citar seu famoso bordão, fundido no século XVII. Só se faz ouvir nos grandes dias, em festas como a da Ascensão, que endoideciam a Quasimodo, o sineiro por excellência, o sineiro typo.

Esse e outros escaparam ao furor demagógico, á formidável **razzia** da Revolução Francesa. O dec. de 23 de Julho de 1793 mandou que se deixasse apenas um sino em cada paróchia fundindo-se em canhões e moedas os demais. E' a sorte dos sinos, nas guerras internas, ou externas; nosso **Museu histórico**, á Ponta do Calabouço, guarda **El cristiano**, canhão que Lopez mandara fundir com os sinos de Assumpção. Merece vista a formidável peça, tomada ao inimigo, o bravo Paraguay.

Comtudo, após a Revolução, reabertos os templos na França, novos sinos occuparam os lugares vagos.

Um dos poupados, naquella occasião, foi o de Saint Germain l'Auxerrois, que dera o signal de massacre na tremenda noutada de S. Bartholomeu, em 1572. Esse — ironia do Destino! — pertence actualmente á **Academia Nationale de la musique**, onde serve para repetir o toque fatídico, quando allí representam os **HUGUENOTTES**. E' elle quem emite o funebre fá.

Todavia, o maior de França, e um dos mais bellos do Mundo, pelos relevos caprichosos que o tornam immensa joia, é o Savoyardo, ao presente installado no campanário da basilica do Sacré Coeur de Montmartre, na Cidade-Luz. Depois do Savoyardo, os sinos de mais peso, na França, são o de Ruão, com 20.000 kilogrammos, e o da Notre-Dame, com 17.170.

Excedem-nos em muito os da Russia, sem competência na Europa: o de Krenlim, com 201.206; o de Trostkoï, com 175.000; o de Boris Gudonof, com 140.000; o de Santo Ivan, com 57.976; finalmente, o de Novgorod, com 35.000.

Aliás, a idéa primitiva e primordial do **signum**, sino, nas diversas manifestações, sacras, ou profanas, privadas, ou publicamente, sempre foi a de advertir. Conta Suetónio, de Octavio Augusto, e **jus vita**, cap. XCI, que mandara collocar no templo de Júpiter Capitolino, para chamamento do povo, muitas campainhas, como as que se punham ás portas. Os monges do Egypto chamavam aos officios, batendo nas portas das cellas com martellos de madeira. E d'ahi se originaria a **feita dos ferrôlhos**.

Os primeiros christãos não conheciam os sinos, ou, melhor, delles não se utilisavam, religiosamente, porque, congregando-se ás occultas, no escopo de evitar perseguições impiedosas, não os podiam ter.

Acredita-se geralmente que seu uso foi introduzido nas igrejas em cerca de 400 da era vulgar, sob o reinado de Constantino, pelo bispo de Nôla, na Campânia. Mas a asserção, que tal attribue a S. Paulino, não se baseia em documentos; parece falsa tradição erudita, decorrente apenas do nome do sino — campana, e que procederia da própria matéria — metal da Campânia.

Bem seguro é, porém, que no século VII já se guarneciam de sinos os templos cathólicos, cujos campanários, a principio **cylíndricos** e depois quadrangulares, datam dessa época. Nas basilicas romanas, começaram a marcar as horas canônicas sob o pontificado de Sabiniano, 604-6. Até então, ou pouco antes, os christãos da Europa,

Ilustração Brasileira

em muitas partes, reuniam-se ao toque de **matracas**. Em 640, Lobo, bispo de Orleans, achando-se na cidade de Sens, em cerco pelo exército de Clotário II, fez soar os sinos da igreja de Santo Estevam, o que bastou para desmancho e fuga da hoste inimiga. Isto prova que os sinos ainda não eram assás conhecidos em França.

Dos primeiros de grande dimensão fala Béda, quarenta annos mais tarde. E dous centenários após, si tanto, estava dilatada de modo consideravel a quantidade de sinos, especialmente na Grécia.

Na Inglaterra, desde o século VIII, tangiam-nos pelos mortos, com bravura, pois o povo julgava que, quanto mais fortes fossem os dobres pelos defuntos, menos probabilidade havia de suas almas serem presa de espiritos diabólicos, circumvagantes no ar. Para conseguir-lhes o afastamento, pagavam-se respeitaveis sommas a quem puzesse em balanço os maiores sinos das cathedraes.

Só a partir do século XIII é que elles tiveram proporções enormes, não raro sendo artisticamente decorados; a este aspecto, os do século XVI são os mais notaveis, em que ameude apparecem junto a seus nomes os dos doadores, *paranymphos*, etc.

Até 1884, nos programmas de estudos archeológicos e históricos dos estabelecimentos europeus, os sinos apenas figuravam com o interesse da **epigraphia**, ou do **mobiliário ecclesiástico**, salvo quando remontavam ao Mediévo, ou linha extrema, o fecho de Quinhentos.

Dos grandes sinos conservados, um dos mais antigos é o da cathedral de Moscow, fundido em 1653; com 29 pés de altura, 28 de diâmetro, 64 de circumferência, pesa 10.625 arrobas, ou mais 6.875 que o de Pekim, sendo precisos 20 homens só para mover-lhe o badalo. Exibe uma enorme brecha, feita pelos canhões napoleônicos em 1812. Os curiosos aproveitam-se da abertura para, penetrando no interior, admirar-lhe as dimensões colossaes.

Entre os sinos de nossa Candelaria, tambem ha um quebrado, que dizem ter servido de trincheira, na rua do Carmo, contra os franceses, segundo o saudoso dr. Vieira Fazenda.

Será lenda patriótica?

Egualmente sympáthicas, a várias luzes, algumas ha dispersas pela face do globo, salientando-se a que empresta sentimento e vontade aos sinos.

Tendo Santo Eloy interdicto uma igreja, o cura não quiz obedecer-lhe; mas o sino recusou-se a sonar.

O sino de Villela, que resôava por si mesmo, sempre que a Espanha era ameaçada de qualquer perigo, ou soffria um abalo, perdeu a faculdade prophética, quando expirou Fernando, o Catholico, último dia em que espontâneamente se fez ouvir.

Conta uma tradição, cara ao povo norte-americano, que o sino da Liberdade, cujos sons annunciaram, em Philadelphia, o nascimento dos Estados Unidos, inopinadamente se fendeu, estalando, pelo trespassse de Marschall.

Mas, não é tempo de falar-vos, com pausa, de lendas e tradições, que vieram aqui por méra incidência do assumpto.

Antes devo tratar dos carrilhões ou música das torres, que constitue ponto de arte. E assim terei que referir-me, imparcialmente, á Allemanha, paiz idéal dos grandes jogos de sinos.

O metal dos sinos é, como sabeis, uma liga de cobre e estanho. A fabricação delles comprehendê tres operações principaes: **traçado**, **moltagem** e **fundição**. O badalo deve ter a vigesima parte de seu peso.

Ha uma poesia clássica, **Das Lied von des Gloche**, em que Schiller intercalla a estrophes descriptivas da fabricação do sino, em todas as phases, outras descriptivas dos successos da humana vida, aos quaes se associam repiques, toques e dobres.

Por ser demasiado longa, não direi a **Canção do sino**, fielmente vertida por José Gomes Monteiro. Mas chamo vossa attenção para ella, que se encontra nos **ÉCOS DA LYRA TEUTÓNICA**, impressos em 1848.

No verão deste mesmo anno de 1848, Pöe compunha, a instâncias de Mrs. Shew, **The Bells**, poesia tão famosa como **The Raven**, do mesmo autor, que Machado de Assis passou a vernáculo magistralmente. Ides ouvil-a, essa maravilha de rythmos, em optima versão inédita do sr. Mário de Alencar, recitada pelo sr. Goulart de Andrade, emerito na "arte de dizer". Assim, concorrem ambos para quebrar a monotonia de minha palestra.

O S S I N O S

(Original de Edgard Pöe, versão de Mário de Alencar)

I

Ouve os trenós com seus sinos
Pequeninos,
Argentinos!
Oh, que mundo de alegria que o som delles pre-
[ludia!

Como tintinnam, tintinnam,
No ar da noite, frio e fino!
Quando os astros que faiscam
Pelos céos, como que piscam
Com deleite crystallino;
E o tempo, o tempo, o tempo afinam,
Numa espécie de Rúnica rima,
Pela tintinnabulação tão musical que anima
Esses sinos pequeninos
Dlin, dlin, dlin,
Sinos, sinos argentinicos,
Pelo tlinque, tlinque, tlinque, clinque, clinque,
[guizalhados pelos sinos.

II

Ouve os nupciaes melodiosos sinos
Aureos sinos!
Oh, a sua harmonia que mundo ditoso annuncia!
No ar da noite embalsamado
Como elles cantam seu contentamento!
Das fundidas notas de aureo accento,
Concertada,
Canção liquida fluctua
Até a rôla que escuta, e gluglua
A' lua.
Oh! das cellas resonantes
Que jorros de euphonia emanam abundantes!
Como ella se amplia!
Como ella confia
No porvir! como fala
De um arroubo que, alheio aos destinos,
Balança, badala,
Agitando, oscillando,
Os sinos, os sinos, os sinos,
Blen-go, blen-go, blen-go, bléen,
No canto contente e fremente dos sinos,
No bimbalar e repicar dos sinos!

III

Ouve o alto alarma dos sinos —
Bronzeos sinos!
Que bizarra historia de terror que narra a sua
[turbulência!
No ar da noite estarrecido,
Como elles berram, como clamam seu terror!
E' demais o horror
Para qu'elles falem
Só nos guinchos, nos gritos que estalem
Em tom solto indefinido,
Pódem elles clamar seu appello á clemência
Do fogo, do fogo,
Seu insano rogo,
Ao raivoso e surdo fogo que alça a labareda em
[salto
Cada vez mais alto, cada vez mais alto,
Com desejo louco e bruto,
Do esforço resolutivo
De agora, ou nunca, ver-se posto
Junto á lua de pallido rosto.
Oh, os sinos, sinos, sinos,
Que expressão de pavor a que aventam
E de desesperação!
Como clamam, clangoram, lamentam!
Quanto horror trasvasando elles vão
Sobre o collo da noite offegante!
E inda o ouvido sabe bem
Pelo repique,
Pelo choque instante,
O que lhe indique
Si o perigo foi, ou vem;
E inda o ouvido bem distingue
Nos retintinnos
Nos estalos
Dos badalos,
Quando o perigo recresce, ou se extingue:
Pela raiva que entumece, ou que amortece a voz
[dos sinos,
Dos sinos, dos sinos,
Blem-blem, blem-blem, blem-blem,
Dos sinos, dos sinos,
Pelo clamor, pelo clangor, pelo estridor dos sinos!
Ouve o dobre dos sinos —
Ferreos sinos!
Que mundo de solenne pensamento accorda em
[nós o monótono som!
No ar da noite silente
Como a gente
Teme e treme

E se espanta

A' melancolica ameaça de seu tom!
Pois toda voz que delles sahe e ondula,
Da ferrugem da garganta
E' voz que geme
E ulula.

E os sineiros — oh, os sineiros! —
Esses que ha nos campanarios,
Solitarios,

Que se dão annos inteiros
A tanger, tanger, tanger
O abafado monotono dobre,
Acham gloria e têm prazer
Em rolarem assim uma pedra por sobre
O humano coração.

Não são nem mulher nem homem —
Nem por gente, ou bruto os tomem —
Que duendes são.

E o rei delles é quem tange,
E' quem tange, tange, tange,
Em tom que plange,
O paeen dos sinos.

E o peito d'elle se amplia
De alegria

E elle uiva e elle dansa,
Nem se cansa,

Concertando tempo e passo
Por um Runico compasso,
Ao paeen dos sinos,
Dos sinos,

Concertando tempo e passo
Por um Runico compasso

Ao soluço dos sinos,
Dos sinos, dos sinos,

Ao gemer longo dos sinos,
Por um Runico compasso.

Ao hãobão, hãobão dos sinos,
Dos sinos, dos sinos,

Ao dobrar, dobrar dos sinos,
Bân-bão, bân-bão,
Bann, bann, bann.

Ban-ban-bão, — ban-ban-bão,
Dos sinos que vêm e vão,

Ao gemido incontinente, vertido, cahido dos sinos,
Bãão, bãão, bã-ão.

Os sinos de tonalidades differentes suggeriram a idéa do carrilhão, como se designa o conjunto de timbres diversos, resultantes da diversa espessura dos mesmos. Grossos fios de ferro partem de todos os sinos, vindo prender-se a duas cadeas com chaves, que o executante faz baixar a fortes golpes de mãos e pés. Ao termo da execução seu estado é tal, que tem de recolher-se á cama. Em razão de semelhante difficuldade os carrilhões são, na maior parte, postos em movimento por um simples mecanismo de relojoaria, recordando os cylindros de orgams antigos.

Nos seculos XIV e XV quasi todas as cidades da Flandres tinham carrilhões.

O de Dunkerque era dos mais celebres, e algumas de suas árias tornaram-se populares.

Em Paris, aquella da Samaritana, de Pont-Neuf, era o mais famoso; todos os autores do tempo fazem-lhe referências.

Jean Jacques Rousseau, influenciado talvez pelo scepticismo da Revolução, disse positivamente, em seu **DICTIONNAIRE DE LA MUSIQUE**, que a musica dos sinos é tola: "c'est une sottie musique que la musique des cloches." Mas, de outra feita, sinceramente de certo, houve por bem confessar que a voz dos sinos sempre o impressionara singularmente... E pouco importaria que o não houvesse confessado. Muita gente, artistas inclusivé, e, entre estes, até notaveis musicos, acham encantos nos sons vibrantes e prolongados dos sinos. Um, nomeado Pothoff, organista de Amesterdam, escreveu peças para carrilhões. Todas são em tres partes, e contém bonitas melodias, variadas por trechos rapidos, que do executante exigem prodigiosa agilidade manual e pedicular.

Em 1352, quando se construiu o grande relógio de Strasburgo, igualmente se aperfeçoou o jogo de sinos. O povo agglomerava-se defronte da cathedral, á hora em que o relógio soava, e um gallo, de madeira, surdida cantando, enquanto figuras de reis passavam, por um mecanismo curioso. Desse relógio não foi conservado sequer o desenho. Só a ave de pau ainda se guarda em Strasburgo: e, por occasião de reconstruirem a cathedral, em 1570, desprezaram os sinos de grande maquinismo da relojoaria.

O mais antigo jogo de sinos, de relojoaria, permanece em Olmutz. Fabricou-o Antonio Pol, em 1419, sendo reconstruido, em 1898. Vêm-se no interior do monumental relógio artistico, em nichos gothicos, pequenas figuras de anjos, com martellos e campainhas na mão. A' hora em que se põe em

acção a complicada relojoaria, movimentam-se as figuras e tocam, aparentemente.

A terceira grande relojoaria de sinos, na Allemanha, é a de Aquisgrana, construída em 1636. Possuía unicamente um jogo de vinte sinos.

Não é pequena a bibliographia desta materia artistica, sobretudo na literatura ingleza. Porém, o tempo urge, não convindo externar a parte relativa a ella. Apenas accrescentarei que no extremo occidente europeu a relojoaria de igreja teve o primeiro impulso nos fins do seculo XV, dado pelo frade leigo João de Commenda; Sousa Viterbo consagra ao assumpto um capitulo, o II do livro ARTES E ARTISTAS EM PORTUGAL.

O carrilhão desmoralizou-se, modernamente... no Rio de Janeiro.

Quem o disse, num estilo meio enygmatico, foi Machado de Assis, o discipulo do padre-mestre Silveira Sacramento, em chronicas da *Gazeta de Noticias*, aos 3 de Julho de 1892:

“.....”

Fui creado com sinos, com estes pobres sinos de nossas igrejas. Quando um dia li o capitulo dos sinos em Chateaubriand, tocaram-me tanto as palavras daquelle grande espirito, que me senti (desculpem a expressão) um Chateaubriand desencarnado e re-encarnado.

“.....”

Creado, como ia dizendo, com os pobres sinos de nossas igrejas, não provei até certa idade as venturas de um carrilhão. Ouvi falar de carrilhão, como das Ilhas Philippinas, uma cousa que eu nunca havia de ver, nem ouvir.

Um dia, annuncia-se a chegada de um carrilhão na terra. Outro dia, indo a passar por uma rua, ouço uns sons alegres e animados. Conhecia a toada, mas não me lembrava a letra.

Perguntei a um menino, que me indicou a igreja proxima, e disse-me que era um carrilhão. E não contente com a resposta, poz a letra na música: era o **Amor tem fogo**. Geralmente, não dou fé a creanças. Fui a um homem, que estava á porta de uma loja, e o homem confirmou o caso e cantou do mesmo modo, depois calou-se, e disse convencidamente: parece incrível como se possa, com o prestígio do theatro, as saias das mulheres, os requebros, etc., dar uma impressão tão exacta da opereta... Feche os olhos. Ouça... a mim e ao carrilhão, e diga-me si não ouve a opereta em carne e osso:

Amor tem fogo,
Tem fogo amor.

Carne e osso, meu rico senhor; carne e osso!

Esse trecho de chônica é mixto de dobre e repique, no qual a ironia do escriptor se funde á religiosidade do ex-sacristãozinho da Lampadosa, destinado a commemorar em 1898, na mesma folha carioca, a morte anonyma d'O sineiro da Gloria:

Conheci dous sineiros na minha infância, aliás tres — o SINEIRO DE S. PAULO, drama que se representava no theatro S. Pedro, o sineiro da NOTRE-DAME DE PARIS, aquelle que fazia um só corpo, elle e o sino, e vôavam juntos, em plena Edade Média, e um terceiro que não digo, por ser caso particular. A este, quando tornei a vê-lo, era caduco. Ora, o da Glória parece ter lançado a barra adiante de todos.

Era um escravo doado em 1853 áquella igreja, com a condição de servir dous annos. Os dous annos acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o officio. Contem bem os annos, quarenta e cinco, quasi meio século, durante os quaes este homem governou uma torre. A torre era elle: d'alli regia a paróchia e contemplava o mundo.

Em vão passavam as gerações, elle não passava. Chamava-se João. Noivas casavam, elle repicava ás bodas; creanças nasciam, elle repicava ao baptizado; paes e mães morriam, elle dobrava aos funeraes. Acompanhou a história da cidade. Veiu a febre amarella, o chólera mórbus, e João dobrando. Os partidos subiam, ou caíam, João dobrava, ou repicava, sem saber delles. Um dia começou a guerra do Paraguay, e durou cinco annos; João repicava e dobrava, dobrava e repicava pelos mortos e pelas victorias. Quando se decretou o ventre livre das escravas, João é que repicou. Quando se

fez a abolição completa, quem repicou foi João. Um dia proclamou-se a República; João repicou por ella, e repicaria pelo Império, si o Império tornasse.

Não lhe attribuas inconsciência de opiniões; era o officio. João não sabia de mortos, nem de vivos; a sua obrigação de 1853 era servir á Gloria, tocando os sinos, e tocando os sinos, para servir á Gloria, alegremente, ou tristemente, conforme á ordem. Póde ser até que, na maioria dos casos, só viesse a saber do acontecimento depois do dobre, ou do repique.

Pois foi este homem que morreu esta semana, com oitenta annos de idade. O menos que lhe podiam dar era um dobre de finados, mas deram-lhe mais; a irmandade do Sacramento foi buscal-o á casa do vigário Molina para a igreja, rezou-se-lhe um repouso e levaram-no para o cemitério, onde nunca jamais tocará sino de nenhuma espécie; ao menos, que se ouça deste mundo.

“.....”
Volviendo ao arrepio dos tempos, quero registrar agora alguns usos da igreja, relativamente aos sinos.

O mais antigo, pois data de 750, ao que parece, é o de benzel-os, dando-lhes nomes de santos, antes de pô-los ao serviço divino. A affirmacão do cardeal Baronius, assignalando o anno de 789, está em desacordo com as **Capitulares** de Carlos Magno, que ordena a suppressão da cerimonia.

Aliás, bem cedo se acharam razões theologicas para apoiar a corrente supersticiosa, e, em 968, o papa João XIII deu-lhe a sancção suprema da Igreja, benzendo, pessoalmente, o sino da cathedral de Latráo e communicando-lhe seu próprio nome.

A idéa desenvolveu-se rapidamente, e nós encontramos a popularizada numa multidão de sinos. Póde-se estudar este ramo da literatura theologica nos velhos campanários da Europa.

Um sino de Bâle tem a inscripcão — **Ad fugandos demones**. Noutro, de Lugano, lê-se: O som deste sino faz fugir os demónios e chama os homens á prece. No da cathedral de Erfurt, declara-se que elle afasta o raio e os demónios malfazejos. Um carrilhão da igreja dos jesuitas, de Pont-à-Mousson, tinha gravadas as phrases: Elles louvam a Deus, dispersam as nuvens, espantam os demónios e chamam o povo (é datado de 1634). A **Canção do sino**, de Schiller, traz a epigraphe — **Vivos voco: mortuos plango: fulgura frango**.

A doutrina exigia naturalmente um ritual de consagração, tornando-se de grande importância a cerimonia já mencionada, á qual muitas vezes presidiam papas, ou reis. E, para augmentar a efficácia do benzimento, empregou-se, em algumas, agua do Jordão.

Era o meio para combater o “Principe das potências do ar”, segundo consta do cap. XI da HISTÓRIA DA LUCTA ENTRE A SCIÊNCIA E A THEOLOGIA, de D. White, que conheço na traducção francesa de H. de Varigny e G. Adam.

Quanto aos **reformadores**, diz White, com referência aos protestantes, embora acceitando, de um modo geral, a theoria da intervenção diabólica nas tempestades, oppuzeram-se ao benzimento dos sinos e negaram a influencia delles sobre a dispersão. Ficou, entretanto, vivaz na Allemanha protestante, sob o disfarce de uma theoria que apresentava carácter assaz racional, por attribuir os bons effeitos dos sinos ás preces dos fieis provocadas por seus sons.

Esta idéa, tão arraigada nos espiritos da Edade Média, transmittiu-se ao mundo moderno, e temos prova de que os próprios philosophos custaram a libertar-se della no facto de Descartes e Bacon falarem disso com respeito, contentando-se em suggerir timidamente que, si os sinos attingem o fim proposto, a razão é talvez devido a **abalo do ar**.

Não se conformaram os theologos, pois não lhes podia bastar uma doutrina tão moderada, e o celebre bispo Bienfield de Tréves, em seu ruidoso **TRATADO SOBRE A FÉ NAS CONFISÕES DAS BRUXAS**, gastou um capitulo inteiro para demonstrar a efficácia dos sinos contra as perturbações atmosphéricas. E, baseando sua doutrina no 1º capitulo de Job e no 2º da epístola aos de Épheso, insiste na realidade da intervenção diabólica nas tempestades.

Descartes, apenas apontado por White, sem citação de logar, diz n'OS METEÓROS disc.-VIII:

“Emfim, não é sem razão o acreditar-se que um grande ruido, como o dos sinos, ou o dos canhões, póde diminuir o effeito do raio, porque elle ajuda a dissipar e fazer cair a nuvem inferior, em balançando a neve, de que ella se compõe. Assim procedem muitas vezes os que têm o costume de viajar entre montanhas, onde as avalanches cons-

tituem perigo, abstendo-se até de falar e tossir, de modo que o barulho de sua voz faça desmornar a neve.”

A explicação podia satisfazer, em parte, á sciência do tempo.

Depois, tornou-se corrente, ao contrário, que os violentos toques de sinos attraem os raios sobre as torres, sendo numerosos os casos de sineiros fulminados, por occasião das tempestades, conforme estatísticas do tempo dos Encyclopédistas. Mas os accidentes não impediram a perduração do uso na Hollanda, Prussia e outros paizes protestantes.

Aquellas estatísticas, ainda que reaes, não podem corroborar factos... de observação imperfeita. Sabe-se hoje que a altura e a fórma dos campanários, — não os toques violentos dos sinos, — são os verdadeiros attractivos dos raios, até muitas vezes subsequentes a fortes deslocacões de ar, produzidas por occurrências idénticas, ou análogas ás da Ilha do Cajú, na tarde funesta de 27 do mês transacto.

Um actual descendente de Calino, que não é theólogo como o bispo Biensfield de Tréves, nem philosopho, como Descartes, aconselharia, para resguardo de sineiros, o remédio preventivo do **para-raio**, nas torres dos templos...

O benzimento dos sinos, confundido pelo povo com o baptismo, por elles receberem nomes de santos e terem padrinhos, apoia-se em muitos symbolos, a cuja descripção me excuso, para não repetir um passo do Larousse, de facil leitura a todos, ou para não commetter heresia.

Por força de semelhante confusão, adquiriram os sinos uma espécie de personalidade. E isto esclarece certos eventos, assás curiosos, como os que vou contar.

Em 1498, durante o assalto ao florentino convento de S. Marcos, para arrancar d'alli João Savonarola, o sino chamou em soccorro dos sitiados. Por uma sentença dos magistrados, esse sino **sedicioso** foi condemnado a ser conduzido pela cidade no dorso de um asno, em signal de ignomínia. Consta das CURIOSITÉS JUDICIAIRES, de B. Warée.

Sob a minoridade de Louis XV, o sino tocou em appello a contrabandistas de sal, que, armados, exerciam seu mistér ilícito. Mas, por vezes, elle repicou tambem em honra de taes violadores da lei.

Em 1717, refugiou-se um magote daquelles contrabandistas numa paróchia que lhes era favoravel, tanto que os habitantes resistiram aos guardas do rei e empregados do fisco, matando uns e ferindo outros. O intendente processou-os, condemnando-os severamente; e, como haviam tocado a rebate contra a guarda real, **ordenou que os sinos fossem descidos e açoutados pela mão do carrasco**. Albert Babeau inseriu o informe na obra LE VILLAGE SOUS L'ANCIEN RÉGIME.

Quando Novgorod, cidade independente, foi conquistada por Ivan III, este deportou, para os confins da Russia com a Sibéria, um décimo dos respectivos habitantes, bem assim o sino da praça pública que os convocara. O successor do mencionado tzar, Ivan IV, amnistiou a todos, sino inclusivé, dando-se o regresso em conjuncto.

Na cadeia de S. João d'El-rey, patriarchal cidade mineira, existia ha annos, si é que já não existe mais, um sino, engradado, a quem condemnaram a **prisão perpétua**, porque esmagara um indivíduo, sobre o qual caira. Viu-o lá, **cumprindo a pena**, o dr. Ancora Lins, engenheiro do Ministério da Viação.

Ditos episódios, tragi-cômicos, comprovam a asserção de que os sinos tinham uma como **personalidade**, e de algum modo **jurídica**.

Illustrada a passagem, continúo na applicação ecclesiastica do sino.

O uso de soár o **Angelus** data de 1088. Alexandre Herculano disse:

“Os sinos collocados em campanários de paróchia aldeã, ou mosteiro solitário, são uma cousa poética e santa; os sinos, pendurados nas torres garridas de garridissimas igrejas das cidades de hoje, são uma cousa estúpida e mesquinha.”

Si foi excessivo em deprimir os sinos urbanos, não no foi em enaltecer os rústicos; a severidade para uns, descambante quicá em injustiça, resultaria do amor a outros, fervorosamente evidenciado na amargura da comparação.

Os filhos dos centros tumultuários, absorvidos em luctas nervantes, ao cabo sempre inglórias, desconhecem a paz espirital, emanada dos encantos do ermo, que envolvem a matéria na gaze do sonho.

Falta-lhes o meio propício, que é esse ambiente carinhoso da solidão, onde os rumores são vagos e harmoniosos e donde a maldade humana

parece desterrada, ou aonde não chega, tolhida no avanço pelas árvores, mudas sentinellas de Deus.

E os que dos campos migraram ás cidades, trocando a placidez deleitosa pelo torvelim bulhento, na illusão de frágeis conquistas mundanas, esses pranteiam todo o bem perdido, nas horas de recolhimento íntimo.

Ao recordarem o ágro pátrio, em que, no crepúsculo vespertino, a voz da natureza lhes falava ao coração, pela voz do bronze, fazendo-os volver os olhos para o firmamento azul, desatam em lágrimas de prata, como si dentro de si tivessem outro *stellata domus*.

Ouçam um delles, Wenceslau de Queiroz:

Quando, entre os astros congelados, erra,
Num céo de inverno, a lua morta e fria,
Chora em mim essa voz que ouvi, um dia,
No dia em que parti de minha terra.

Lembra-me: dava o sino **Ave-Maria**,
E eu já transpunha os alcantís da serra...
Toda a saudade que minh'alma encerra,
Toda a saudade nessa voz gemia!

Assim, por mais que a Realidade bruta,
Me sôe sempre, nesta humana lucta,
Como um pesado carrilhão sonoro,

Ah! não me esqueço dessa voz dolente,
E quando a escuto n'alma, docemente,
Não me envergonho de dizer que choro...

E porque se ha de envergonhar, o homem,
de dizer que chora?

Não foi esse o único poeta paulista que nos transmittiu sua impressão pessoal do **Angelus**. Fê-lo também outro, primeiro extinto, Antônio de Godoy, e fê-lo com uncção religiosa. Toca ás almas, ainda as mais áridas, o mysticismo desta ballada:

Angelus plangem os sinos... Blão!
A tarde expira;
Resôa a lyra,
Máguas tirando do coração.
Ave-Maria! que paz, que calma!
Tudo estremece...
Sóbe de joelhos ao céo minh'alma.

Blão! **Ave-Maria!** quanta poesia
Doce nesta hora...
Alma que chora,
Reza em louvor de Santa Maria!
Angelus plangem os sinos... Blão!
Scisma quem ama;
Corpo que és lama
Pede a Maria graça e perdão!
Santa Maria, cheia de amores,
Rogae por nós
Soluça a voz
Meiga da brisa n'alma das flôres...

Blão! **Ave-Maria!** o sino chora.
Resôa o sino:
Que azul divino
Vai pelo céo de Nossa Senhora!
Da noute cai sobre a cidade
Negro sudário:
No campanário
Plangendo os sinos tocam **Trindade!**

Tudo socego... Vaga um lamento
Triste na noute:
Como um açoute
Nas casuarinas sussurra o vento.

Finda-se o dia, chega o caixão
Da noute escura,
Que é a sepultura
Do pobre morto que era pagão.

A via-lactea no céo fulgura,
Branca, tremendo...
Vão-se accendendo
Tochas ethéreas lá pela altura.

Noute cerrada. O vento geme
Nos cyprestaes;
Soluçam — ais —
Brisas que passam, luar que freme.

Tudo silêncio e melancolia...
Na noute calma,
Pede minh'alma
Paz e conforto a Santa Maria.

A doce piedade, resumbrante de taes versos, qualquer de vós, na angustia de ruído círculo, apenas a teria presentido contemplando o **Angelus**, extraordinário quadro de Millet, onde um par provinciano, cabeças pensas, ora em pleno campo

de cultura, ao toque em longníquo campanário, de uma ermida ao fundo da paizagem, — téla silenciosa e, todavia, falante...

Mas, qual de vós, poderia compôr eguaes, exprimindo o mesmo sentimento, sem a suggestão directa do próprio sino de uma capellinha, que chamasse á préce do entardecer?

Nenhum, de certo.

Por isso, Vicente de Carvalho, depois de experimentar **A voz do sino**, um sino de

Tarde triste e silenciosa
De villa da beira-mar:
Uma tarde côr de rosa
Que vai morrendo em luar...;

por isso, emendou a mão o saudoso poeta praiano:

Não, tu não falas a tóa:
Errei, confesso-o... Perdôa,
O' sino humilde da villa,
Que assim badalas, badalas,
Na paz da tarde tranquilla;
O' sino, que também resas,
O' sino, que tanto falas
A' terra, toda asperezas,
Como ao céo, todo luar,
Chamando, com o mesmo zelo
Cada infeliz — a rezar,
Nossa Senhora — a attendel-o.

Razão tinha Alexandre Herculano, cuja alma afinava pela de Alphonse de Lamartine, em **La cloche du village**:

Oh! quand cette humble cloche à la lente volée
Épand comme un soupir sa voix sur la vallée...;

esse outro **Sino da aldêa**, que tão bem verteu nosso Pedro Luiz, emprestando-lhe magia comparavel á de Vicente de Carvalho:

Oh! quando o sino humilde em música plangente,
Tremendo, suspirando exhala docemente
Aquelle som, que vae morrendo pelo val;

versos antigos, mas sempre novos, porque traduzem indefinido **saudosismo**, que o sr. Antônio Corrêa de Oliveira veiu a exprimir, ao modo popular, no **AUTO DO FIM DO DIA**:

Sino, coração da aldêa,
Coração, sino da gente;
Um, a sentir quando bate,
Outro, a bater quando sente.

Lendo-os no original francês, ou na versão brasileira, estareis de accordo com o argentino Bartolomé Mitre, ao rematar **La campana**:

Tu és a voz do Destino,
Que preside sempre as Horas,
Que, com suas asas sonoras,
Te ferem no coração;
E tu, seu vôo marcando,
Retribues em harmonia
Os golpes que te dão.

Todo o coração de poeta é, effectivamente, um sino, que ora repica, ora dobra, porém, do-brando, ou repicando, espalha luminosamente a cinza das Horas...

Do seu, que ainda tem muita cinza luminosa a espalhar, ha bons treze annos dizia o sr. Augusto de Lima, evocando a mininice na histórica Villa Rica do Ouro Preto:

Desde algum tempo, agora,
Ha não sei onde, dentro em mim, ou fóra,
Um grande sino lugubre, invisível,
A badalar... a badalar...

Pesquise a causa incógnita possível
Dessa extranha audição que me apavora.
E nada posso averiguar.

Saudosos sinos que eu amei creança,
Sinos da minha villa, companheiros
Dos meus sonhos floridos de esperança,
Não sois vós que eu escuto.

Hoje, em logar dos sonhos — são coveiros;
Em vez das flôres vivas — morte e lucto;
Em vez do canto alegre que soltaveis
Das gargantas de bronze, em vozes de ouro,
Minh'alma escuta e pasma,
Do mystério nas vagas insondaveis,
A voz funesta, a voz de agouro,
Do aterrador **Sino-Fantasma!**

No emtanto, já se foram outros, d'aqui e d'além; o Olavo Bilac, que disse em **Surdina**:

Meu coração dobra a finados,

e o Antônio Nobre, que o repetiu na **Pobre tysi-ca**, em éco transatlântico:

Meu coração dobra a finados.

Pela hora que se adeanta, não insisto em enumerar usos da igreja, como era meu desejo, nem tampouco em descrever a poesia de alguns delles, qual desejava.

Cinjr-me-ei, neste resto de palestra cansada, ao **folk-lore**, no que se refere ao sino; e, ainda assim, limitando o assumpto a cousas paulistas, particularmente de Campinas, minha terra adoptiva.

Todos cantam sua terra...

No **ALMANACH LITERARIO DE SÃO PAULO**, para 1880, deparou-se-me sob o titulo **Pedras de sino**:

"Existem na ilha de S. Sebastião, municipio de Villa Bella, nesta provincia, umas pedras de grandes dimensões, que são muito curiosas pelo perfeito som de sino, que produzem quando tocadas com uma pequena pedra, ou qualquer outro corpo rijo.

Essas pedras sonoras se encontram na práia e algumas dentro do mar, que a banha, mas aglomeradas em um só sitio.

A sonoridade reside nas extremidades e saliências superiores das ditas pedras, sendo tanto mais forte o som, quanto menos grossa a saliência, ou ponta das pedras que o produzem. Esse som, que imita perfeitamente o de um grande sino de bôa voz, pôde ser ouvido a grande distância.

Tocadas as pedras com uma itaúna, pequena pedra roliça (aliás pedra preta), dão melhor som do que quando tocadas com um martello, por exemplo.

A singularidade desse phenômeno fez dar-se ao sitio, em que se acham as mencionadas pedras, que fica entre o pequeno bairro da Praia do Pinto — e o não menos pequeno, mas pinturesco bairro do — Vianna, a denominação de — Pedras de sino — por que é conhecido na ilha, que não deixa de encerrar em seu seio muitas outras curiosidades, infelizmente ignoradas dos próprios habitantes".

O toponymico Pedras de sino acha-se bem justificado, pelo esclarecimento anonymo, que nada tem de fantasista, ao contrário do que talvez pareça. Apenas não se trata de um phenômeno singular, nem siquer demasiado raro, como se affigiu ao autor do trecho, cujos conhecimentos seriam ainda escassos. Depois de utilizar-me delle alhures, deparam-se-me em obras antigas noticias de outras pedras de sino, no Brasil, com que eu podia ampliar o ponto, agora. Mas não o farei.

E' já sabida a propriedade sonora que, entre as pedras, apresentam as rochas amphibólicas, existindo não poucas destas na Europa, onde foram objecto de estudo, mormente dos que cultivam o **stone-lore**. A sonoridade de taes megalithos, provocada com o toque de um metal, ou mesmo de um calháu, é, com effeito, semelhante á do bronze. E d'ahi, da analogia de sons, resulta o povo relacional-os com os sinos, até em contos maravilhosos.

São rochas amphibólicas as **pedras sonantes** de uma quebrada proxima de Saint Gildo, na Costa do Norte, na França; e um blóco, da espécie, vizinho á capella de Saint-Gildas, lá também, serve para chamar os fieis á prece.

Outros passam por sóar espontaneamente, entrando já aqui o sobrenatural, de que se alimenta a imaginação popular.

Um rochedo de Gernesey é conhecido pelo nome de **Rocque-ou-le-coq-chante**, e dizem que, collando-se a orelha ao nível da terra, ouvem-se distinctamente sons de sinos, que vêm do interior da pedra.

Em St. Brieuc, convida-se o curioso a encostar a orelha, simplesmente, as **Pièrres-Sonnous**, conforme denominam as do logar, para ouvir o canto das fadas.

Em Espanha e Portugal abundam penedos idénticos, que o povo acredita habitação de mou-ras encantadas.

Pedras de sino, da Ilha de S. Sebastião, têm sua lenda, que ouvimos a um filho do logar, o sr. Felix da Cunha. Relaciona-se, como outras das redondezas, ao apparecimento do Senhor Bom Jesus de Iguape, colhido por dous índios em 1647, na praia do Una, junto á foz do Piassúna. Segundo tradição, a santa imagem ia de Lisboa para Pernambuco, quando ladrões do mar abordaram a náu de transporte. Lançaram-n'a fóra os tripulantes lusitanos, afim de que lhes não caísse em poder. E, assim entregue ás ondas, veiu ella na crista destas rumo sul, até que uma noute se aproximou de S. Sebastião (ladeavam-n'a seis velas accesas, cujas luzes observara o vigário, padre

Manuel Gomes). Ao passar pelos penhascos, entre os bairros dos Pintos e do Vianna, saudaram-n'a os mesmos, sôando espontaneamente. E, desde esse milagre, o povo chamou-lhes Pedras de sino.

Passo a outro caso, que envolve lenda não menos interessante.

Quando destruída a **Invencível armada**, a Inglaterra soltou nos mares piratas audazes.

Um dos corsários britânicos, Cavendish, veio ás costas do Brasil e ao Prata, onde poz a sacco diversas terras.

Santos e S. Vicente, esta mais florescente então do que aquella, tiveram-n'o mais sua maruja por hospedes forçados e indesejáveis.

Retirando-se da ultima, carregou para bordo as riquezas que encontrara, inclusivé as alfaías do templo.

Entre os objectos do culto cathólico, ia o sino, que não chegou á náu dos roubadores da Europa, visto como se afundou o batel conductor.

Ter-se-ia dado isto em 1591, época da expedição. E ainda hoje se diz que, nas festas do orago da antiga villa, ao novo sino responde, em toques distinctos, o submergido no mar.

A igreja de S. Vicente está situada numa pequena eminência ao fundo da enseada que tem á direita o morro dos Barbosas e á esquerda uma planura, onde se estende o casario.

O som do sino da igreja repercute no obstaculo, que é o morro vizinho, e, então, o reflexo, que é o eco, parece o som de outro sino, em mysteriosa réplica.

O que acabo de contar foi-me narrado pelo sr. Ruy Martins Ferreira, professor no Gymnasio de Campinas.

E' uma simples e graciosa lenda, cuja explicação natural, conforme aos dictames da sciência, elle mesmo adjuntou.

Não consta documentalmente, pelo menos da Relação de Knivot, logar tenente de Cavendish, peça dada á estampa na **Revista do "Instituto histórico e geographico brasileiro"**, que na presa opima da villa littoranea entrasse o sino lendário.

Nem era preciso que entrasse, para architectar-se a fábula, bastando a tradição da pirataria, que nos despojos das cidades costumava incluir os sinos dos respectivos templos.

Aliás, o arrebatal-os, com fim de grosso resgate, não era prática exclusivamente de piratas, que imitavam os chefes de exércitos regulares. Os de França tambem assim obravam, donde o provérbio **rouba ou roupa de franceses**, para significar quanto lhes caía ás mãos. Mas, reciprocamente, ingleses e franceses, attribuíam-se taes pilhagens sacrilegas.

Nas duas nações inimigas, que se alliaram, para defender-se de outras, conquistadoras modernas, abundam as lendas dos sinos submergidos.

Na Normandia fazem remontar o prodígio á **Guerra dos Cem Annos**. Os ingleses, após devastarem as costas, levavam as divicias sagradas em bateis, que eram tragados pelas ondas. Quando tentavam retiral-as do fundo das águas, davam-lhes em cima os franceses, desbaratando-os. Depois, em dias solennes, de júbilo cultural, os sinos submergidos punham-se a sôar, espontaneamente. E accedem lá que, em horas de firmamento limpo, quando o sol illumina a superficie equorea, vêm-se e ouvem-se os sinos, a carrilhonarem sobre as aréas do abysmo.

A lenda dos sinos submergidos é commum ás águas de toda a natureza, e o phenômeno da resonância, que constitue sua base, suggerere, por desejo de explicação, as narrativas maravilhosas.

Dispensó-me de apontar quantas variantes ha, com applicações a diversos logares, assignalando tamsómente a primeira explicação do phenômeno

acústico, relativa á mesma, que data do fim do século XVIII.

Thomas Saint-Mars apresentou-a, num memorial, á **Academia céltica**.

Em Herbage dizia-se ouvir sinos sôarem no lagc, todos os annos, á meia noute do dia de Natal; elle próprio observou tal sonância, pela Natividade de 1778.

Procurou, então, diferentes posições, para destruir similhante illusão acústica, convencendo-se, por fim, de que os sons não eram outros se atravessando os ares, alli ecôavam.

Debalde garantiu ao povo que só em noutes de Natal, ou em quaesquer occasiões que sôassem fortemente os sinos de Nantes, sôariam alli tambem os pseudos submergidos desde 1200.

Mas ficou assentado, para a gente de estudo, que taes sonâncias coincidem sempre com as grandes festas cathólicas, achando-se no eco dos sinos das igrejas a explicação real dos pretendidos toques dentro de poços, lagos, rios, ou mares.

Agora, duas lendas campinenses.

Em artigo, inserto na **Revista do "Centro"**, registou-as o sr. Benedicto Octavio, a quem devemos tantas páginas de investigação paciente, que resurjem e illumina a Campinas antiga, sempre querida a seu espirito bairrista.

Faltou-lhe apenas, — mesmo porque esse não era o objectivo do chronista, — dar a filiação estrangeira de ambas a par das explicações naturaes.

Nos fins do seculo XVIII, os moradores da Campinas velha, incipiente povoado, ouviam a meude toques de sinos, ou de sinetas, partindo das mattas circumjacentes. E interpretavam esses toques, que suppunham necessariamente sobrenaturaes, como reclamos de um templo, a beneficio da christandade, á qual falleciam ainda os sacramentos. Trataram então de fundar a primitiva igreja, onde se realisassem as cerimônias do culto cathólico.

A explicação natural do caso está ainda no phenomeno acústico: os sons aparentemente extranhos, vindos dos recessos dos bosques, eram — nada mais, nada menos — ecos de campainhas muito conhecidas, que os tropeiros collocavam ao pescoço dos animaes. Estes, batendo a estrada, em demanda de Goyás, em seus movimentos, as agitavam ás vezes fortemente.

Nos paizes do Velho Mundo, quer ao norte, quer ao sul, são resabidos os contos populares de **sinos nas florestas**, que não raro attraem e fazem perder-se creanças curiosas e incautas. Entre os contos de Andersen, em curso no Brasil, encontra-se um bem expressivo disto. Talvez que lá haja alguma **arvore de sino**, como aqui chamamos a samaúmeira, cujas raizes expostas á flôr da terra, si tocadas fortemente, resoam á maneira de sino.

A segunda e ultima lenda é a dos sinos que sôaram por si mesmo na Matriz Velha, da antiga S. Carlos, em 1835, quando se deu o julgamento do padre Dr. Joaquim Anselmo de Oliveira, vigário da paróchia, accusado de crime sacrilego.

O sr. Benedicto Octavio, que não pôde obter os autos do famoso processo, hoje em minhas mãos, graças a um acaso feliz, acreditou que o reverendo fôra victima de perseguição dos **senhores de engenho**, devido a suas accentuadas idéas abolicionistas. Dos velhos papeis judiciários, por mim cuidadosamente manuseados, infere-se apenas que intrigas de sacristia levaram ao banco dos réos o futuro arcepreste de S. Paulo. Incontestavel, porém, é que o levita não roubára as joias dos santos, nem a grande lampada de prata, pela qual ficou designado vulgarmente o feito — **Processo do roubo da lampada**.

O padre Dr. Joaquim Anselmo de Oliveira, antes de abrir-se o juri, teria dito que um successo extraordinario, acontecimento maravilhoso, proclamaria, afinal, á face dos homens, sua inteira innocência.

Ora, no momento de lavrar-se-lhe a sentença absolutória, por unanimidade de votos, os sinos da igreja parochial, inesperadamente, bimbilharam com vigor nunca dantes notado. O povo, surpreendido e admirado, crente num milagre, affluíu ao templo... Uma vacca caraúna, que pastava no pátio da igreja, hoje Praça Bento Quirino, penetrára nos baixos da sineira, pondo-se a mascar a corda do sino, provavelmente por via do sal de que a empregaram as mãos do tangedor, no exercicio habitual...

Concluo, pois, que a phrase emprestada ao sacerdote, intelligência assás lúcida, o seria **post factum**, resultado de assimilação analógica e imperfeita, por parte do povo, de fábulas peregrinas, como a que de fr. Paulo Rendasio refere o Padre Manuel Bernardes, na Conversação affavel da **NOVA FLORESTA**: "Ao fallecer, no dia e hora em que previra, os sinos, tocando-se por si mesmos, e a fama de suas virtudes, ainda mais clamorosa, convocaram tal concurso de gente, de toda Calábria, que foi preciso differir ao sagrado corpo a sepultura quarenta dias".

O sino de Saint Quay teve longo tempo, si já não te mmais, a reputação de denunciar os larápios. E diz-se ainda que em Guingamp, quando os ladrões querem despojar de seus ricos adornos Nossa Senhora de Rochefort, um sino sôa por si só, revelando o sacrilégio. Existem eguaes tradições na Peninsula Ibérica.

Si o sino da Campinas d'out'ora houvesse sôado a tempo, as santas da Matriz Velha não se veriam privadas de seus resplendores e pingentes de chrysolithas, nem o bom do parcho soffreria a injustiça do aleive, nas humilhações por que passou...

Mas, si todos os sinos de um paiz muito nosso conhecido sôassem sempre que se perpetravam delapidações, os casos de hemorragia auricular seriam sem conta.

Estas palavras, refluindo amarguras individuais, de tempos idos, ou accenando a collectivas, da hora presente, não devem cerrar minha descolorida palestra.

Dar-lhe-ei áureo fecho, recorrendo a bello soneto de um grande amigo de sinos, que tanto os exhaltou na prosa cantante de **IRONIA E PIEDADE**:

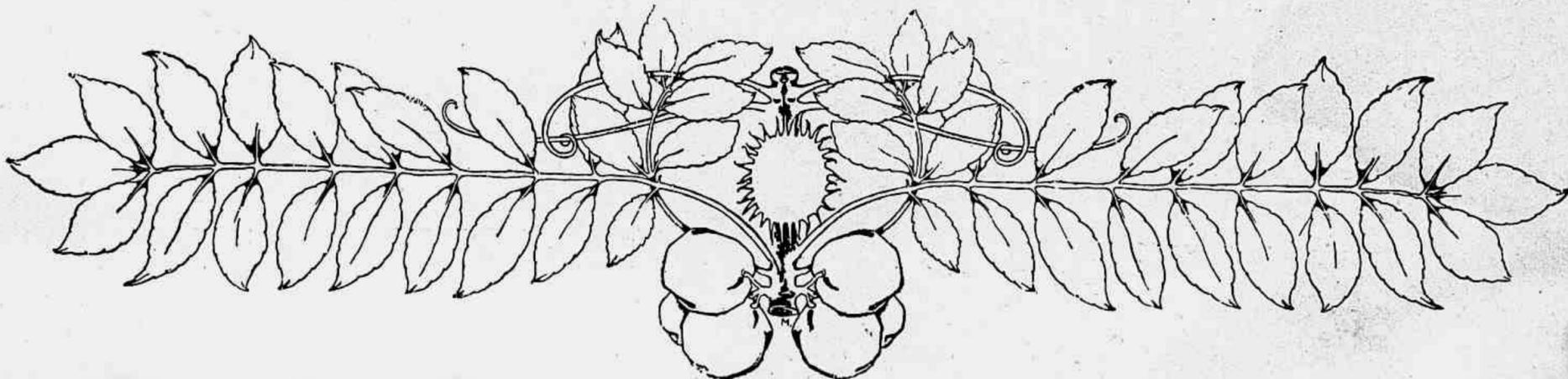
Plangei sinos! A terra ao nosso amor não basta...
Cansados de ânsias vis, de ambições ferozes,
Ardemos numa louca aspiração mais casta,
Para transmigrações, para metempsychoses!

Cantae, sinos! D'aqui, por onde o horror se
Larrasta,
Campas de rebelliões, bronzes de apotheoses,
Badalae, bimbilhae, tocae á esphera vasta!
Levae os nossos ais rolando em vossas vozes!

Em repiques de febre, em dobres a finados,
Em rebates de angustia, ó carrilhões, dos cimms
Tangei! Torres da fé, vibrai os nossos brados!

Dizei, sinos da terra, em clamores supremos,
Toda a nossa tortura aos astros, de onde vimos,
Toda a nossa esperança aos astros, aonde iremos!

Felizes os que, como o Olavo Bilac da **Tarde**,
presentindo a aproximação da morte, contam re-
viver no seio casto de amorosa estrela!



UM SENTIMENTAL

De *Alba de Mello Amadeu Soares.*

... E ella repetia as palavras do poeta.
"... amar sem esperanças,
Amar, só por amar..."

Triste amor esse, de renuncias feito,
sem posse...
Único, eterno, e puro e sem defeito."

Conhecera-a e embriagara-se á luz dos seus olhos e á doce essencia que rescendia de seu corpo de virgem. Nem poderia ser melhor panejado do que naquelles versos o seu estado d'alma. vivia e soffria desse mal que o tantalizava, martyrizava e era tambem a sua unica alegria.

Emma sentia affrouxar-se o animo diante da belleza e sinceridade daquelle sentimento. Noites a fio passara a adivinhar como nascera o amor insensato que aquelle homem lhe tinha, sem que para isso houvesse ella feito um nada, uma faceirice a mais.

Procurara-o para obter um favor, e sahira grata ao acolhimento feito.

Depois começara a estimal-o muito, com esse grande amor filial todo feito de reconhecimento que o bem produz nas almas como a sua.

E elle, ao confessar-lhe em cartas a insensatez do seu sentimento, pedira-lhe que o deixasse viver no doce goso desses tormentos, feliz de ser martyrizado assim.

"Ah! mas não me cures, não! E' uma ventura essa minha tamanha desventura. E o inferno em que as vezes pareço viver é como um céu de delicias sem par. porque diante de mim está sempre bella e divina a tua imagem.

Quero que me digas uma palavra só. Has de dizer-m'a. eu te supplico de joelhos e de mãos postas. "Queres que eu te deixe viver calma e tranquillã sem o meu amor? Curar-me?... Como?"

"Il n'y a que la femme que nous aimons qui puisse nous guérir d'elle même."

Dá que eu viva para todo e sempre enfermiço e padecente, consolado com o meu grande mal, feliz com a minha dor infinda. Foi essa Emma, bella, de uma belleza moral incomparavel, que eu idolatrei. Que mais deveria eu querer? E' que não senti as lavas ardentes do vulcão que, lento, se gerava nas entranhas do meu sêr. E' que não vi nesses primeiros instantes como havia no fundo do meu coração esse sentimento forte e impetuoso que me leva a querer-te. E' que... tambem te viram os olhos do meu corpo e me seduziram as perfeições do teu sêr.

Como agora viver sem ti? Como viver, se nunca serás minha? Oh! nunca, nunca! Nem eu te devo amar, porque o meu amor é um crime, nem tu me podes amar... porque não me podes amar; porque seria um absurdo e um erro contra todas as leis naturaes e até humanas que em teu coração germinasse esse amor. Vês como te falo sincero e franco. Bem

me conheces o passado e os sentimentos. E é por isso que eu não posso soffrer senão sem remedio. Nada me podes fazer. Em tuas mãos não está acudir aos meus males. Dou-te razão. E's bella e pura. E eu só te amo porque em ti se casam a belleza physica e a moral".

"Não te sei dizer por que crise estou passando. Vivo a soffrer, mergulhado na mais profunda tristeza. Ha longo tempo que vivo nessa obsessão, sob a influencia da tua alma, dominado pelo teu olhar, vencido e escravizado aos teus encantos, seduzido pelos teus feitiços.

Os dias foram marcando o crescimento dos meus affectos e com elles, na mesma proporção, o augmento das minhas dores moraes. E agora não sei dizer-te que pensamentos me enchem o cerebro, que tristezas me enoitecem o coração e enlutam a alma.

E não me vexo de confessar-te: tenho os olhos humedecidos de lagrimas como se houvesse perdido o meu precioso thesouro, o meu idolo, o meu phanal, que és tu. E', então, uma passiva e covarde resignação aos decretos imperiosos do destino. E' uma submissão á fatalidade que me crucia e esmaga. Sou um triste vencido. Humilho-me ante a força das coisas, perdidas as esperanças de que vivi."

"A minha razão tem momentos de lucidez e eu vejo em derredor de mim tudo claro. Compreendo como essa paixão céga me vai levando desviado do caminho direito da vida. E' um sopro de bom senso, um grito de consciencia desperta!

Só eu sei o que isso me custa, rasgar a fundo essa ferida no meu coração, desfazer todos os sonhos, dissipar essas esperanças em que me embalei a crêr numa felicidade que nunca será o meu quinhão na vida. Hei-de transformar este meu amor, que é um crime, numa santa amizade, que será uma virtude. Ah! mas isso não seria amor, esse sentimento que por ti nutro, que leva ao desvario, a desejos vehementes, a ancias infindas..."

"Porque deixaste que esse germen tenue se fizesse o grande todo que me enche o coração? Como não o mataste logo ao nascer?"

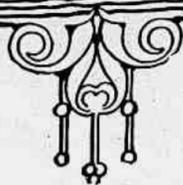
Era uma faúlha apenas quando o accenderam em minh'alma dolente os teus olhos incomparaveis, esse amor que os dias fizeram vulcão."

"Has de esquecer-me. Estou tão mudado, Emma! verás... Tão outro sou agora que não te supplico mais o olhar de piedade. Não me contenta nem apraz que me dêes por compaixão a tua estima. Sou um insensato e quero que me dêes a paga que mereço: a tua indiferença. Chego a preferir isso ao teu dó.

Nem quero perturbar mais a tua paz e o teu socego. O meu amor foi um goivo, um triste goivo, e eu peço-te perdão para os meus desatinos."



Jardim Botânico
Rio de Janeiro



Photographia de
F. Mesquita Braga

M a 1 0
1 9 2 5

Δ vida parlamentar north-americana (Excerpto.) por Helio Gobos

I — CASA DOS REPRESENTANTES E SENADO

A criação do poder legislativo em dous corpos teve, nos Estados Unidos da America, estas razões principaes: a necessidade de obter dos estados menores o apoio á constituição, com a representação igual no Senado, e, depois, a convicção geral de que cumpria pôr um dique, com a camara alta, ás provaveis demasias da baixa. Não contribuiu menos tbem como exemplo o dos estados da confederação, com seu systema legislativo duplo.

Reflecte, assim, a casa dos representantes a população, ao passo que o Senado representa os estados. O numero dos membros da primeira não pôde exceder de um por 30.000 habitantes, sendo hoje de 435 contra 65 ao tempo da instituição da Republica. São condições para admissão a cidadania americana por sete annos, no minimo, idade maior de 25 annos e residencia no proprio estado, quando não no districto. Pela interpretação vencedora, a Camara baixa é tambem poder competente para, não obstante maioria eleitoral proclamada a favor de um candidato, denegar-lhe assento por motivos de ordem moral ou civica. Assim, excluiu a casa dos representantes, em 1900, a Brigham H. Roberts, de Utah, sob razões de polygamia. Dando seu parecer no caso, disse a respectiva commissão não bastar ao individuo preencher os requisitos constitucionaes, podendo a Camara vedar-lhe a entrada por outras razões como as de moral publica, criminalidade, etc. "It is conceivable, indagou então, em apoio de sua these, that the constitution meant that a crime could not disqualify?" Outro exemplo foi o Victor Berger, socialista, julgado, logo depois da eleição, em 1918, sob o Adiction Act, por obstruir a acção do paiz na guerra contra os imperios centraes. Excluido com um só voto a seu favor, apresentou-se novamente aos suffragios de Wisconsin, sendo reeleito por grande maioria, mas a casa dos representantes lhe recusou, de novo, accesso. Não se contentou o presidente da commissão, ao dar seu parecer, em dizer que se tratava apenas de um caso de processo criminal, mas insistiu que a recusa tinha por motivo maior o da fidelidade á nação. "The one and only issue in this case, acrescentou, is that of americanism". Tanto neste, como no caso anterior, o parecer da minoria não deixou de protestar contra a decisão. Foram estas suas palavras no primeiro: "Que garantias nos restarão quando, destruidas as barreiras da constituição, surgir uma Camara com outras exigencias de moralidade e decencia, segundo as quaes se venham a crear, sem a necessaria base legal, novos requisitos de admissão?" No segundo, a linguagem foi: "Chegámos ao ponto em que o homem que crê em certos principios não pôde ser ouvido?"

Para a eleição á casa dos representantes e outros cargos, tinha a constituição deixado o modo de realização e o processo aos estados. Em 1842, porém, pôz-se em execução o Apportionment Act, segundo o qual, nos estados com mais de um representante, os membros da casa dos representantes "seriam eleitos por districtos formados de territorios contiguos, em numero igual ao dos representantes a que o estado tem direito, e não po-

dendo eleger nenhum districto mais de um representante". Apesar da intenção da legislação federal em procurar, assim, crear districtos eguaes, algumas legislaturas estaduaes, para fins partidarios, chegaram a um abuso tal de poder que constituem, mau grado protestos e ensaios de reforma, a denegação do direito de representação. Chama-se o plano "gerrymandering", do nome de um antigo deputado por Massachussetts, seu iniciador, e por elle os districtos eleitoraes são traçados de tal fórma, segundo a maior ou menor força numerica do partido, que a opposição, sendo, de facto, numerosa, faz poucos representantes. Ficaram celebres, na historia constitucional americana, pela sua fórma curiosa, um districto "corda de sapato" no sul, outro "sacco de sella" no norte. Foi devido a esse processo, escreveu Schuyler Wallace, que, em 1920, no estado de Pennsylvania, os republicanos, em numero de 1.114.000 votantes, elegeram 35 membros para a casa dos representantes, ao passo que os democratas, que votaram em numero de 600.000, ou mais, da metade, só fizeram um.

Por quasi um seculo, as eleições para a casa dos representantes se realizaram em épocas diferentes, á vontade dos estados. Em 1871 e 1872, porém, substituindo o voto oral pelo escripto, determinou uma lei federal que aquellas eleições tivessem logar no mesmo dia, isto é, na terça-feira seguinte á primeira segunda-feira de Novembro. Só se exceptúa dessa regra, por uma velha praxe, o estado de Maine. E' o prazo do mandato de dois annos, tendo-se alvitado na convenção de 1787 o mandato annual e sendo tendencia hoje considerar demasiado curto o biennial, não só porque se torna impossivel aos congressistas em tão breve espaço de tempo o conhecimento das materias sobre que teem que decidir, como tambem porque metade do termo será tomada com a campanha de reeleição. Nos Estados Unidos da America, arguem alguns que as desvantagens do mandato curto são ainda maiores devido a que o novo Congresso se não reúne sinão depois de um anno de sua eleição, isto é, eleito em Novembro só se inaugura, salvo sessão especial, convocada pelo presidente, em Dezembro do anno seguinte. Procura-se, todavia, modificar hoje essa praxe, dando-se ao Congresso eleito immediata reunião.

Quanto ao Senado, tem cada estado o direito a dois senadores, estando ahi a unica restricção posta pela carta fundamental á revisão constitucional. Maryland, Delaware, Connecticut tinham receio de se ver supplantados em materias federaes por New York, Virginia e Pennsylvania, donde a egualdade da representação. Essa regra de egualdade é tal que 18 estados, Nevada, Wyoming, Delaware, Arizona, Vermont, New Mexico, Idaho, New Hampshire, Utah, Montana, Rhode Island, South e North Dakota, Maine, Oregon, Colorado, Florida e Nebraska, com 36 senadores, egualam em representação a New York com 2 e uma população mais ou menos igual a de todos elles. Dez estados da união, com mais da metade da população do paiz, teem menos de um quarto da representação na Camara alta. Si essa egualdade equilibra, na verdade, grandes e pequenos, cumpre dizer que não se encontram estes, nas grandes questões politicas, alinhados contra aquelles; antes factores sociaes e economicos dictam a acção dos estados e suas preferencias politicas.

São condições para ingresso no Senado, idade maior de 30 annos, cidadania americana por nove annos no minimo e residencia no estado. Embora ensaiada a prerogativa de exame do merito pessoal do candidato, como condição eventual de assento, não teve a solução deparada na casa dos representantes. Assim é que foi o senador Smoot, do Utah, depois um dos membros mais conservadores do Senado, reconhecido em 1907, máo grado a imputação de sua seita nos primeiros tempos de sua vida quando em pleno desenvolvimento a raça dos mormons. O parecer contrario deixou dito pelo seu relator, o senador Hopkins, que nem ao Congresso nas suas duas casas legislativas, nem aos estados seria licito accrescentar outros requisitos de qualificação á senatoria além dos mencionados na constituição. "The senate, accrescentou, has no constitutional authority to inquire into the antecedents and early career and character of a senator who applys for admission with the proper credentials of his state".

Eram as eleições senatoriaes indirectas, isto é, se realizavam pelas assembléas legislativas estaduaes. Grande campanha preparou, com o auxilio dos democratas e de alguns republicanos chamados progressistas, a adopção da emenda constitucional XVII, em 1913, já referida. Era um protesto da massa contra o poder das machinas eleitoraes e, segundo se ouviu, o fim de uma usurpação injustificavel. Divergem, porém, hoje as opiniões no saber si essa reforma melhorou o caracter do Senado, pensando alguns ser ella muito recente para justificar qualquer juizo definitivo e imparcial. Em principio, tambem, a eleição directa desvia ao senador grande parte do seu tempo, pela necessidade que tem de trabalhar no estado pela sua reeleição. A opinião geral, porém, tem o processo do voto directo como mais democratico, além de haver, no seu juizo, melhorado consideravelmente o nivel moral e intellectual da Camara alta. Porque, com relação ás convicções politicas, embora o Senado presuma de conservador e socegado e a casa dos representantes dê avançada e tumultuaria, o contrario muitas vezes aqui succede.

A razão está na composição mesma das duas Camaras. A' proporção que a casa dos representantes foi augmentando de numero, o poder de discussão publica veiu nella diminuindo, passando as deliberações cada vez mais para o seio das commissões. Com o Senado succedeu o contrario, pois o numero relativamente pequeno de seus membros deixou sempre ampla margem ao debate. Assim, á proporção que a casa dos representantes, que foi noutros tempos a arena dos grandes discursos, e onde os Clay, os Webster e os Calhoun adquiriram a reputação de oradores e homens de estado, desaparecia da attenção publica, nella cresceu o Senado pelo contraste, os homens que o foram preferindo e a prerogativa em certas questões de tomo como as externas. Foi ainda Woodrow Wilson quem accentuou a differença, num estudo da evolução legislativa americana, profundo como tudo que lhe sahiu dos dedos. "A casa dos representantes já foi campo de debates, escreveu elle; hoje, não discute mais. Falta-lhe tempo. Haveria oradores de mais e ha muitos assumptos em andamento. Ella é uma instituição para a acção, tem que trabalhar... O Se-

nado guardou seu primeiro regimento sem grandes alterações. Nelle está ainda um logar de debate livre e prolongado. Não se abrevia no Senado o direito, aos seus membros, de dizerem o que quizerem e quanto quizerem. Os senadores são poucos em numero, pôdem ser indulgentes. A casa dos representantes, não. O Senado pôde continuar a fazer sobresahir a obra individual, mas a casa dos representantes deve ser organica — uma instituição efficiente e não uma assembléa palradora...

O grande prestigio do Senado, na politica interior e externa, vem, assim, de longos annos atraz, quando começou a ser procurado como uma promoção de bons serviços na casa dos representantes e a melhor arena de onde falar á nação. Nelle, de facto, se focaliza a constante attenção geral. Pôde não vir, e geralmente não vem, para as columnas metropolitanas o que se faz e diz na Camara baixa; mas o que se debate e resolve na alta não sahe dos frontespicios das gazetas. Nelle a opposição ao executivo, o theatro das grandes lutas politicas, os "bosses" de renome, que tiveram o paiz nas mãos, Hanna, de Ohio, Platt, de New York, Penrose, de Pennsylvania, Aldrich, de Rhode Island, os quaes si vão desaparecendo, não é porque falem substitutos, mas porque a massa, sim, se torna cada vez mais difficil de dirigir; e hoje se chamam Johson, Borah, La Follette.

A referencia a John Cabot Lodge, cuja acção contra o ante-penultimo presidente ninguem ignora, traz ao espirito uma observação, feita por quem elle mais profundamente feriu, num tempo em que este, simples professor, não tinha contra si, pondo-lhe abaixo os sonhos mais caros, a maioria do Senado americano. E' a preocupação de independencia, o desejo de dominar em vez de ser apenas consultado, a tendencia a dirigir a politica nacional, que caracteriza, cada vez mais, o legislativo, no seu orgam mais alto, em suas relações com o executivo. Esta não foi, com certeza, a intenção dos patriarchas, quando, ao crearem o Senado, o fizeram um orgam de collaboração e conselho. A suspeita, para não dizer rivalidade, entre os dois poderes, não raro desfechada em conflictos graves, a formalidade das relações mutuas, o embaraço que isso traz á marcha das cousas publicas, são o ponto critico de toda a organização constitucional americana. Nenhum remedio, até hoje, lhe acharam os homens. O mais á mão delles, o do tacto pessoal, não deixou de dar resultados satisfactorios com um ou dois presidentes. Advogou-o um terceiro antes do poder e o destino viu em que lhe deram as esperanças com um dos desenlaces pessoases mais tragicos nas relações entre a Casa Branca e o Congresso: "He (the president), ouviram em 1908 os alumnos de Princeton, may himself be less stiff and selfish, may himself act in the true spirit of the constitutiva and establise intimate relations of confidence with the senate on this own initiative, not carryng his plan to completion and then laying them in final form before the senate to be accepted or rejected, but keeping himself in confidential communication with the leaders of the senate while his plans are in course, when their advice will be of service to him and his information of the greatest service to them, in order that there may be veritable counsel and a real accomodation of views instead of a final challenge and contest".

II — O CONGRESSO EM ACÇÃO

A sessão do congresso é annual, começando sempre na primeira segunda-feira de dezembro. Compõe-se cada legislatura de duas sessões, sendo a primeira mais longa, pois começa em dezembro dos annos impares e continúa, em regra, pela primavera e o verão, e a segunda, geralmente

mais curta, pois inicia seus trabalhos em dezembro dos annos pares e encerra-os em março seguinte. Ao Chefe da Nação cabe convocar extraordinariamente o congresso, quando o exigir o interesse publico, e em regra sempre o faz ao assumir o governo, pelo menos para aprovação de nomeações feitas. Do que fica dito, conclue-se que a cada novo presidente corresponde uma nova legislatura, sendo de vantagem para sua administração, si fôr ella da mesma facção partidaria. Uma das curiosidades do regimen americano é que, sendo eleito o congresso em novembro, como vimos, e só tomando posse em dezembro do anno seguinte, delibera a legislatura findante sobre medidas ás vezes da mais alta relevancia, apesar de, pelo voto, já se acharem virtualmente eliminados muitos de seus membros. A estes chama a opinião publica, com evidente animosidade, sinão sarcasmo, de "lame ducks". Já dissemos que, com a designação de outra data para as eleições, procura o paiz pôr termo a esta situação. Segundo o actual regimen, já se disse na casa dos representantes, "qualquer membro do congresso, derrotado pelo povo, legisla para o povo na segunda sessão ordinaria. Um homem nessas condições não está em condições de bem desempenhar o mandato legislativo".

Uma das difficuldades crescentes do congresso é a molle complexa de trabalho, que o defronta. Calcula-se que em cada legislatura, isto é, de dois em dois annos, entre projectos, resoluções e pareceres, ha nada menos de 30.000. Só no primeiro dia da ultima legislatura federal foram apresentadas ás duas casas 2.650 projectos de lei; e em 1913 calculou o Nebraska Legislative Reference Bureau que mais de 55.873 medidas legislativas se apresentaram ás legislaturas estaduaes naquellé anno. O desenvolvimento economico do paiz, de um lado, e os projectos de feição pessoal de outro, augmentam cada anno a ordem do dia dos trabalhos. Cada representante, seja para effeitos eleitoraes, seja para real beneficio do seu districto, procura fazer sobresahir sua acção, principalmente na obtenção de leis de favor. Chamadas "pork barrel legislation", essas leis se obteem sob nome de "riders", em verbas especiaes como portos, rios e canaes, ou nos orçamentos dos ministerios. O exame dos auxilios estaduaes para estradas de rodagem, por exemplo, mostra o abuso a que chegaram os favores legislativos, com a construcção de caminhos de nenhuma vantagem geral. E assim se escreve: "If the member does not get his pork from the treasury, he is generally regarded as a failure by his constituents".

Tal sendo a massa de trabalho, claro é que não poderia o Congresso leval-a a termo sem a disciplina de partido e a organização das commissões. E' a primeira tanto mais rigida quando se trata de medidas de maior significação politica geral. Para as necessidades de cada partido é factor essencial o "caucus", ou reunião dos membros do Congresso na decisão de medidas importantes. Provém o nome, na explicação mais aceita, dos indios Algonquin, em cuja linguagem a palavra "haw-kaw-was" significava falar, dar conselhos, instigar. Pelo "caucus" se determina a escolha do "speaker" e dos "leaders", a composição das commissões, o destino das medidas mais relevantes em fóco, as alterações regimentaes, todas as grandes manobras legislativas, em summa. Ha um "caucus" para cada partido e sua reunião ocorre regularmente no inicio da sessão legislativa, ou occasionalmente, quando necessario. Da precisão no funcionamento e disciplina do "caucus" depende o exito legislativo, sinão nacional, do partido, variando, porém, os resultados com a personalidade dos chefes, a natureza das questões em dia, a disposição do grosso das forças em obedecer. Actualmente, por exemplo, está o "caucus" republicano em maior descredito do que o democrata, não porque tenha guia, nenhum o tem,

mas porque, sendo o poder da maioria, revelou uma ausencia total de direcção, necessaria para pôr Congresso e executivo na mesma estrada; circumstancia provada, entre outros factos, quando a Casa Branca vetou medidas do seu Congresso, taes como a pensão aos soldados da grande guerra e delle se apartou em outras não menos importantes, como a prohibição de entrada japoneza, a programma fiscal e a côrte internacional de justiça. Pela sua natureza mesma, o "caucus" é objecto de critica violenta, vendo nelle os mais intrataveis, nada menos que a negação do governo democrata e puro despotismo. A verdade, porém, mostra que seria difficil levar a nenhum termo os trabalhos legislativos sem a tyrannia das regras e da disciplina de que o "caucus" é a expressão mais acabada.

Entre os que mais o atacaram, um o descreveu ao Senado, em 1908, desta fórmula: "Compareci a uma reunião do "caucus" no começo desta legislatura. Tomei nota do tempo quando entrámos para a sala e não estivemos reunidos mais de tres minutos e meio. Sabe V. Ex. o que aconteceu? Eu o direi. Alguem propoz o nome de um collega para direcção dos trabalhos. E, em seguida, fez-se outra proposta para que elle nomeasse a commissão das commissões: e, afinal, uma terceira, que levantassemos a sessão. Ninguem disse nada a não ser o senador que fez a primeira proposta. Então, e ali mesmo, decidiu-se do destino de toda a legislação na presente sessão do Congresso... Si V. Ex. examinar, senhor presidente, as commissões do Senado, verá que um pequeno grupo de homens, em numero muito limitado, domina as maiores decisões desta instituição". E' o quadro certamente exagerado, mas dá mostra da reacção que provoca tal regimen nos menos subordinados á disciplina politica. Está, com effeito, no trabalho das commissões (menos, todavia, no Senado, do que na casa dos representantes, pela razão explicada atraz) a grande tarefa legislativa americana. Não muda a situação nos estados. Calcula-se que nas legislaturas destes, 50 ou 60 % das medidas, morrem nas commissões e no Congresso Federal de 80 a 90 %. Tal é o accumulo de medidas a votar, que uma das commissões, a do regimento, dispondo de toda a legislação nos dias finaes da sessão, tem a si o encargo, mediante dois terços de votos, de pôr de lado o mesmo regimento. E' um processo summario, que decide atarantadamente de tudo para decisão do chefe do executivo, do Senado, ou do governador, conforme se trata do Senado, da casa dos representantes ou de um estado. O trabalho legislativo pelas commissões não levanta menos as iras demagogicas de um grupo, sempre na brecha no acoimar de despotico e contrario ao regimen de representação popular. Já em 1880, o Greenback Party pedia "um regimento legislativo inteiramente democrata" retirado das commissões "o poder de veto que praticamente tem numa medida maior que o proprio presidente". Aqui, tambem, seria difficil, entretanto, fazer obra sem o recurso das commissões. Toda a experiencia no governo de homens o testemunha. E não é só de dar rapidez ás materias em estudo sinão tambem de prover á sua solução de maneira mais capaz, pois que nas commissões se reúnem, afinal, os homens de especialidade, senhores pelo conhecimento e a pratica dos problemas de cada uma. E' cada commissão legislativa, permanente ou não, composta de uma maioria, do partido dominante na casa, e de uma minoria, cujos membros são da facção politica em desfavor; e o presidente, homem em geral proeminente no partido da maioria, se escolhe pela regra do mais longo serviço. Variam as commissões em numero, mais ou menos, de 30 no Senado e 60 na casa dos representantes, além das especiaes para investigação de repartições publicas e outros fins. Os poderes destas são comparados aos das côrtes na alçada obrigatoria e raio

de acção e teem immensa repercussão em todo o paiz. A investigação, alludida acima, sobre a cessão de terras publicas de petroleo é uma das mais, sinão a mais sensacional do paiz, pelas pessoas envolvidas, a importancia da questão em debate e o effeito na politica nacional. Examinam-se livros, por confidenciaes que sejam; inquirem-se testemunhas por maior que lhes pareça a immuni-
dade, tudo com essa febre de publicidade, essa repercussão commum aqui, quer se trate de um divorcio, quer de pôr a nú abusos de administração. Por essa circumstancia, veem alguns nas investigações legislativas americanas uma devassa intoleravel na vida e nos negocios individuaes, sem maior resultado que a fomentação do escandalo: depoimentos que teriam immediato repudio nos tribunaes ordinarios, pela sua aleivosia ou falta de fé, são propagados aos quatro cantos do paiz, sem a necessaria facilidade de defesa. O facto, porém, é que, si nessas investigações vai geralmente uma arma politica de primeira vantagem, e muitos abusos assim occorrem, ellas preenchem uma função innegavel, a de trazerem para o debate da opinião materias que ficariam sepultadas entre as paredes officiaes, constituindo, desse modo, não só preventivo de abusos como valvula de critica popular.

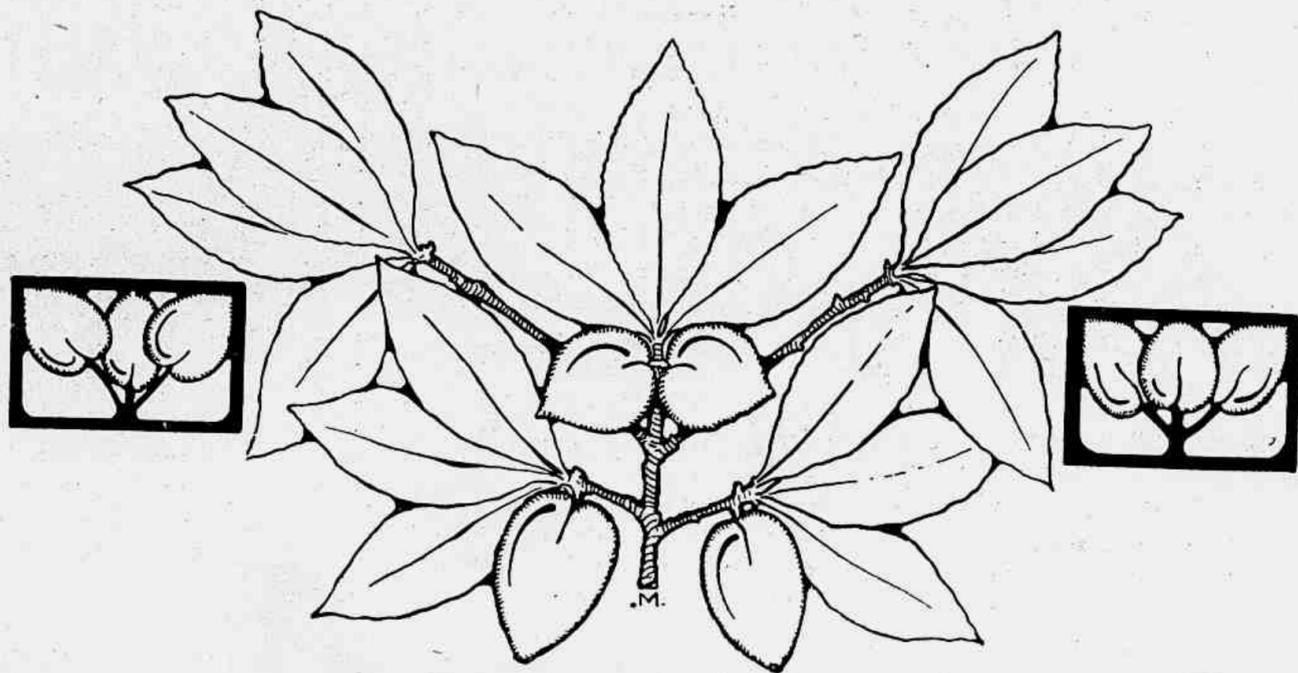
Si, cada partido tem, nas duas casas do Congresso, mais ou menos identicas, suas linhas de ataque e defesa sob a acção do "leader" e seu assistente, o "whip", diverge nellas o modo de exercer a direcção suprema. Assim é que no Senado cabe a presidencia ao vice-presidente da Republica, e, na sua falta, por ter assumido a direcção do estado, a um dos senadores de sua escolha. Embora soldado de seu partido, exerce o presidente função de mais conciliação entre os grupos, e menos partidario, pôde representar, de um modo geral, a instituição. Na casa dos representantes, ao contrario, o "speaker", não passa de um organo do seu partido, por elle posto na cadeira para servir-o. Uma das divergencias entre a Casa dos Communs ingleza e sua correspondente americana, está em que pôde aquella tudo, ao passo que tem esta seus limites. Outra reside no facto de que o "speaker" é alli o "presiding officer", na verdadeira accepção de presidir, com uma acção imparcial e moderadora sobre toda a casa; ao passo que aqui não representa mais que sua facção, estando dividido o poder entre elle e os presidentes de algumas commissões importantes, mesmo depois que lhe foi reduzida a força em 1910. De facto, até essa data era absoluto o poder do "speaker" americano cabendo-lhe, entre outras prerogativas salientes, designar os presidentes das commissões e a maioria do pessoal de uma das mais importantes, a commissão do regimento. A dominação de taes homens, como Cannon e Read, o poder dictatorial que exerceram nos assumptos

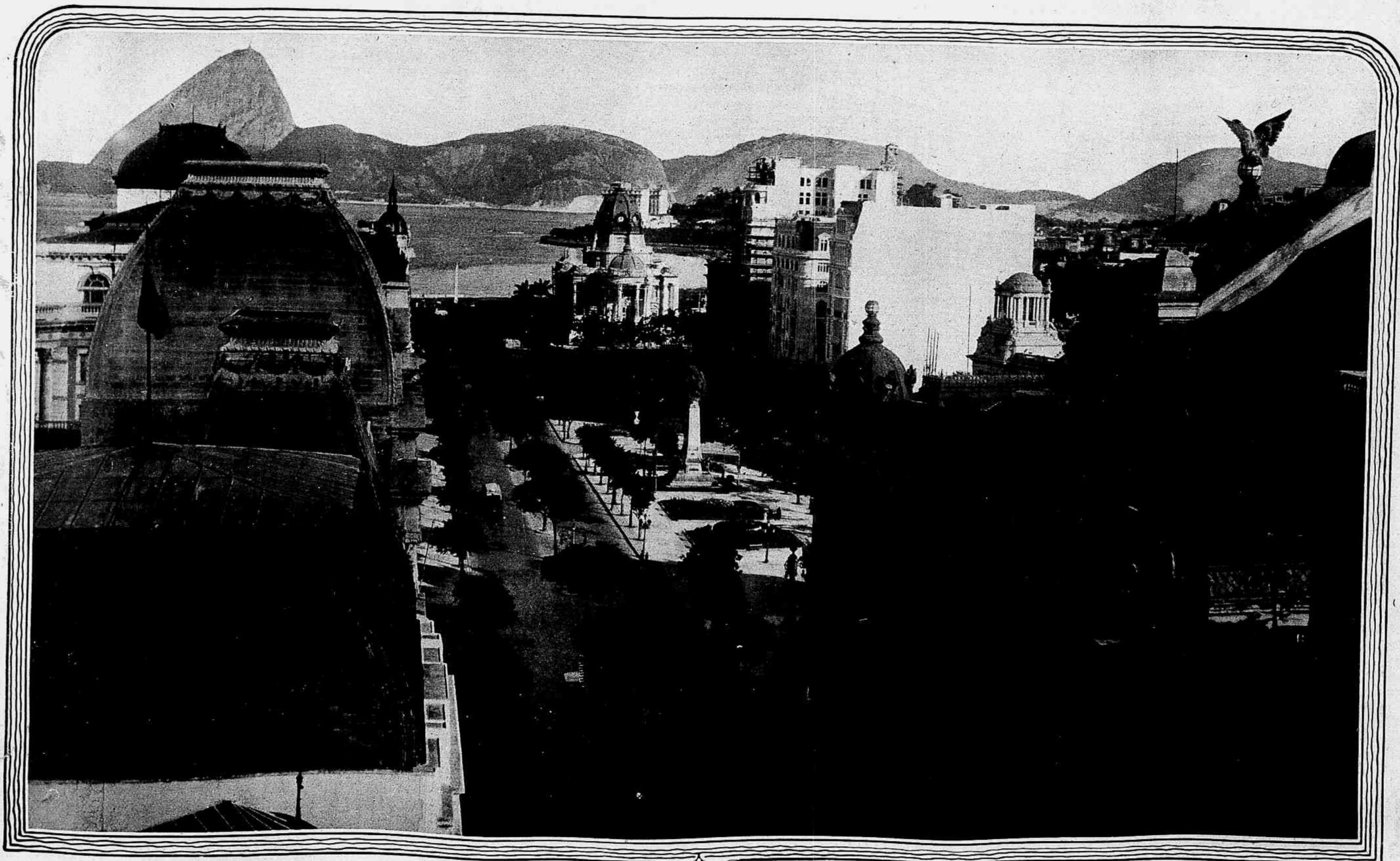
legislativos, e mesmo na politica nacional, provocaram uma reacção, que, oriunda no "middle-west" pela iniciativa dos democratas com auxilio de progressistas e independentes, culminou na chamada "revolta" daquelle anno, e por virtude da qual a faculdade de designar os membros das commissões foi transferida para uma commissão, chamada das commissões, de eleição da casa. Apesar do ruido que houve a respeito desse movimento, diz a observação politica que si o poder do "speaker" foi de facto reduzido, não chegou ás circumstancias festejadas, pois que nominalmente transferido para a casa plena, está de facto com ella e a commissão creada. Afinal de contas o poder do "speaker" é condição do systema politico do paiz e da sua organização partidaria. Si um poder tem, na casa dos representantes, maioria sobre outro e deve fazer prevalecer essa vontade, preciso é um organo supremo, de vigilancia e acção, que o realize. Não ha como vel-o como um autocrata, si é organo da maioria, e as maiorias, em toda a parte, teem a palavra. Instituição para acção, como vimos, e não conselho para discursos, a machina legislativa da Camara baixa tem que andar, afim de poder desempenhar os fins para que foi creada; e o responsavel por ella é seu presidente. A este respeito, não faltam ao poder legislativo americano certos aspectos dos outros, entre os quaes, para citar dois, o poder de obstrucção que tanto delonga os debates, e o expediente de inserir na resenha official, como pronunciadas, orações que o foram em parte ou não o foram de modo nenhum, que tanto os abrevia. Tem o "speaker", por exemplo, a prerogativa de recusar todas as iniciativas que julgar dilatorias, bem como o poder de obrigar a votar os presentes que não respondem á chamada. Este ultimo expediente se levou a cabo depois de prolongadas tentativas, nas quaes, horas a fio, a casa, com numero para sessão, não o podia dar para votação. Na 50ª legislatura federal, para só citar um exemplo, a casa dos representantes ficou em sessão continua oito dias e noites, durante os quaes se procedeu a mais de cem vezes a chamada para votação das moções de adiamento e suas emendas. "Os funcionarios nessa occasião ficaram tão exhaustos, narra um historiador, que não puderam continuar; e outros individuos com pulmões mais resistentes e vozes mais fortes lhes tomaram o logar na emergencia. Si isso não foi brinquedo de criança, difficil parece definil-o".

Para concluir, não podemos deixar de alludir a duas particularidades do regimen legislativo americano, o escriptorio de referencias e redacção de leis, e o trabalho dos corredores, ou "lobbyism". Ellas existem não só nas assembleias federaes como nas estaduaes. Quanto ao primeiro, trata-se de um centro permanente, á mão do legislador,

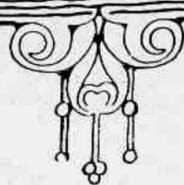
de referencia sobre todos os assumptos que possam vir a debate, e de um "bureau" de redacção, formado em geral por extranhos ao Congresso: technicos pagos por elle ou pelo governo estadual, para acompanharem as discussões nas Camaras, apresentarem os antecedentes, proporem emendas necessarias e redigirem do melhor modo o texto da discussão. Dos "bill drafting bureaux" sobresaem os de New York, Massachussetts e California, tendo tambem a American Bar Association creado uma commissão de uniformidade e melhoria da linguagem legislativa. Quanto ás bibliothecas de referencias, organizadas directamente pelas legislaturas ou indirectamente existentes em conexão com as bibliothecas estaduaes, citam-se as de Alabama, North Dakota, Virginia, New York, Michigan, Ohio, Pennsylvania, Wisconsin e Texas. Por seu lado, é o "lobbyism" uma das formas de obtenção de legislação favoravel e obstrucção de contraria, pela criação de escriptorios em Washington ou nas capitaes dos estados e a consequente acção sobre o Congresso e as legislaturas. Num paiz onde a competição industrial, os interesses de toda sorte, chegaram a um desenvolvimento tão grande, a lucta junto do legislativo e outros poderes publicos não podia deixar de ser consideravel. O proprio Congresso já procedeu a varios inqueritos para provar a extensão desse poder invisivel, que nem sempre é legitimo e muitas vezes lança mão da corrupção e da fraude. Um dos mais famosos nesse sentido foi o instigado pela American Federation of Labor contra a National Association of Manufacturers. Outro, o da Anti-Saloon League, organo dos interesses da prohibição do alcool, contra a U. S. Brewers Association, federação dos fabricantes de cerveja. Desde a U. S. Chamber of Commerce, considerada a mais poderosa influencia em Washington, até a mais modesta associação de fins humanitarios ou de reforma social, todos teem seu escriptorio ou, pelo menos, um representante permanente na vigilancia dos respectivos interesses. Conta um entendido que, só falando das economicas, ha mais de 150 associações com seu "lobby" no Congresso — representantes de carvão, couros, carnes, estradas de ferro, sêda, algodão, ferragens, aço, drogas, assucar, tudo. Os interesses conservadores e capitalistas estão mesmo organizados ali numa associação conhecida como "Monday Lunch Club". Taes representantes teem um pessoal bem pago, quando não conta no seu seio membros mesmo do Congresso, conhecem a vida e a folha legislativa de cada deputado e senador e dispõem de recursos para as campanhas necessarias, sempre alertas no dar aos seus constituintes alarma do menor signal que, no horizonte, lhes pareça surgir em detrimento proprio.

New York, 1924.





Avenida Rio Branco
Rio de Janeiro



Photographia de
F. Mesquita Braga

M a i o
1 9 2 5

A un hombre

por Pablo M. Vinosfran.

A ALVARO MOREYRA

Si, en tus meditaciones, tu cabeza asomaste
Sobre tu propio abismo, sediento de saber,
Y algo del tenebroso misterio despejaste,
No te has visto humillado por el rudo contraste
De tu insignificancia con tu razón de ser?

Producto de un esfuerzo que victoriosamente
Persiste desde el ciclo caótico inicial,
Tu vida en el planeta no es un mero accidente,
Sino el maravilloso postulado emergente
De una incontrovertible lógica universal.

Cuando logres, un día, penetrar en ti mismo,
Sorprendiendo el milagro de tu constitución,
Verás que hay en tu cuerpo, más que un simple organismo,
El complejo sistema de un vasto dinamismo
Que ultrapassa el alcance de toda concepción.

Verás cómo en la máquina de tu naturaleza,
Con sus dos atributos de pensar y sentir,
Circula una energía que no acaba ni empieza,
Y cómo el universo no ofrece otra grandeza
Mayor que la divina grandeza de vivir.

Y sabrás, con asombro, que el mundo es necesario
Sólo para que habites en él, y hasta quizás
Te llegues a sentir, aunque hombre, solidario
De la suerte del propio sistema planetario,
Puesto que tú eres eso, todo eso... y mucho más!

Y ha de cobrar, entonces, un sentido profundo
Tu vida, iluminada por la revelación,
Y dejarás de ser el gusanillo inmundo
Adherido a los flancos de un planeta errabundo
Que, a su vez, es el átomo de una constelación.

Y acaso te entristezcas, en tus reconditeces,
Al comprobar que, indigno de tu origen astral,
Llenaste tu divino búcaro con las heces
De tus bajas pasiones, y que más bien pareces
Un ángel consumido de miseria moral...



MARIO BETTINELLI

Mario Bettinelli é fóra de qualquer duvida um artista encantador que honra a sua bella Brescia, pittoresca cidade italiana. A mostra de suas obras, realizada na "Galeria Jorge", emprestou durante muitos dias, a mais sadia satisfação á colonia artistica da cidade. Quantos visitavam o magno ambiente de arte verificaram o seu valor, a sua emotividade pronunciada e comunicativa, retrato perfeito de uma serenidade profunda. A reunião de tantos predicados dá a Mario Bettinelli fóros de nobreza artistica; porém, o pintor não é só isso, é também um diabolico ironista que sabe vêr, como ninguém, o ridiculo nas mascaras mais austeras.

Guido Marangoni, espirito de elite da nova Italia, tece ao artista um verdadeiro hymno de gloria. Delle são as palavras que tomamos a liberdade de reproduzir: "facile e gagliarda spontaneità del segno, la succosa e fastosa colorazione, il gusto impeccabile nella scelta del soggetto, lo indicarono subito come un predestinato ad immancabile meta. Ed a renderlo popolare fra i visitatori delle piccole e grandi esposizioni di Brera, della **Famiglia Artistica**, della **Patriottica** e della **Permanente** concorsero non poco le sue famosissime caricature segnate ad olio, a grandi tratti somari e incisivi, con vena inesauribile, con un umorismo pronto, giocondo, gustosissimo. Quel ciclo di caricature esposte in varie occasioni a Milano, a Firenze, a Genova, a Bergamo, sollevò ondate di buon umore e fruttò all'autore medaglie, premi ed elogi a bizzeffe. E la marcia ascensionale del pittore venne molto avvantaggiata da quel trionfo clamoroso del caricaturista.

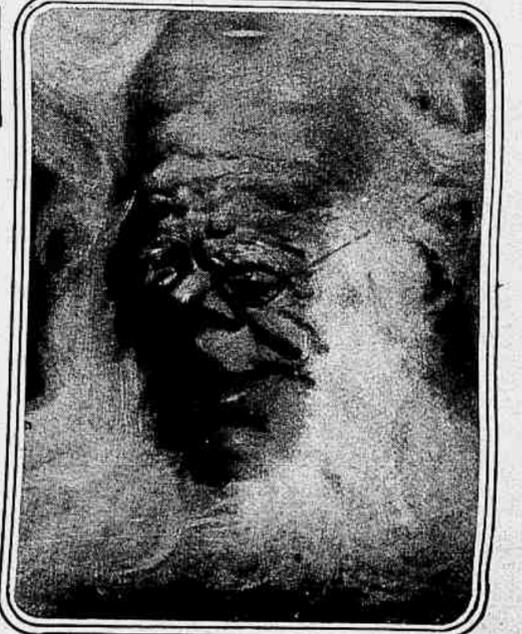
Quella sua intuitiva mirabile facoltà di cogliere i segni caratteristici del volto umano ed i riflessi d'ogni carattere e d'ogni temperamento nelle linee delle persone, assicurava al Bettinelli un eguale successo nel campo difficile del ritratto."



LISZT



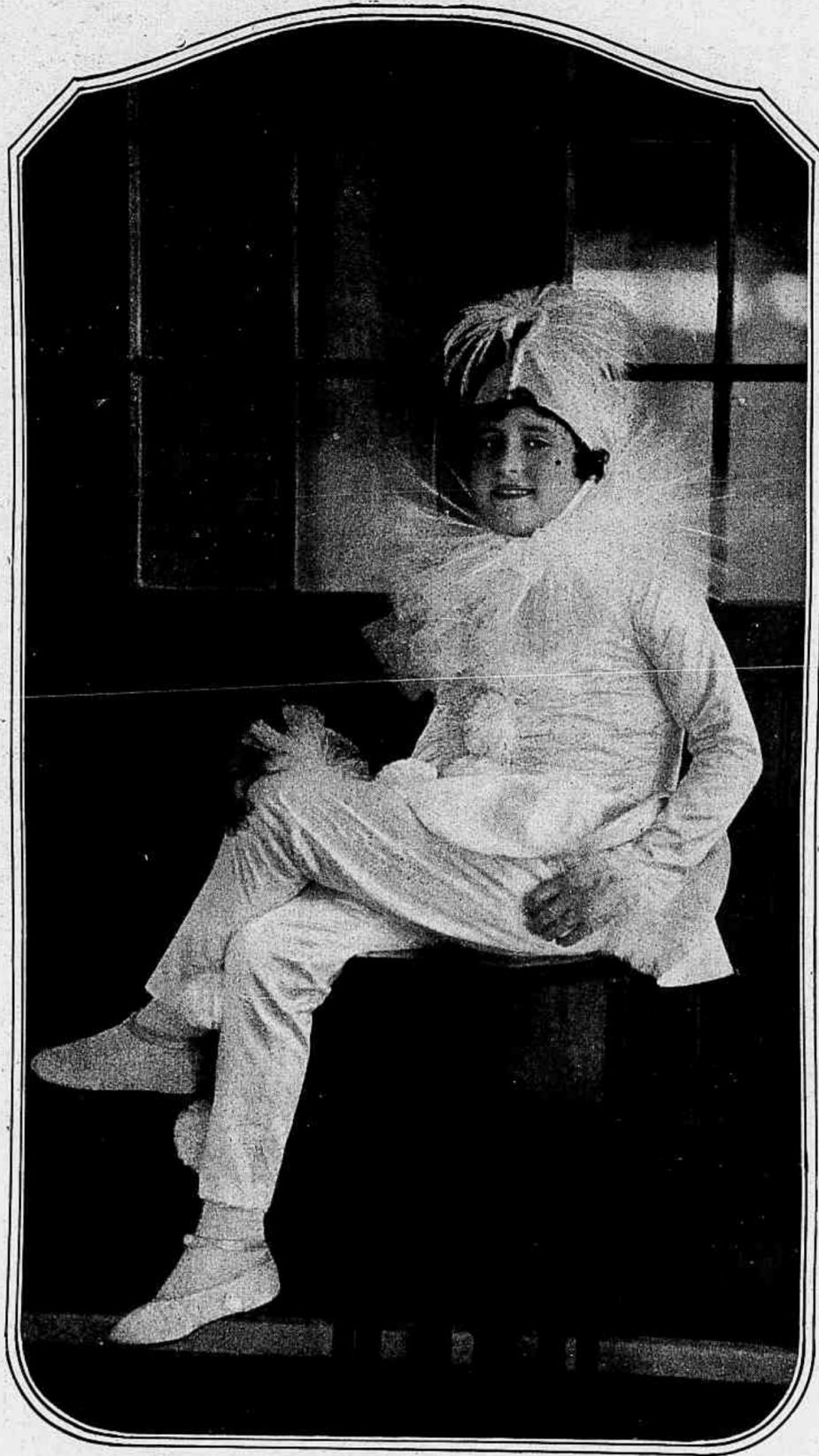
BEETHOVEN



IBSEN



ROSTAND



SOCIEDADE: SENHORINHA: FILHA DO DR.
PAULISTANA: CECILIA: ATALIBA SAMPAIO

ENCANTOS DE MINHA TERRA: HEROÏSMO DE MINHA GENTE.

(Palestra civica pronunciada pelo deputado Ramiro Berbert de Castro, em Ilhéos, na sede da Associação Commercial, em 6 de Fevereiro de 1925).

Exmas. Senhoras,

Meus Senhores,

Illustres Directores da Associação Commercial de Ilhéos:

Como poderia deixar de attender ao appello que, carinhosamente, me foi dirigido pela benemerita Associação Commercial desta cidade, para que eu aqui viesse realizar uma simples palestra civica?

Duas grandezas me empolgam neste momento: a da visão olympica de Ruy Barbosa, immenso vulto da eloquencia, amigo da sabedoria, pregoeiro do civilismo e da liberdade; e a da visão panoramica da terra, ridente e nemerosa, onde os meus olhos se abriram pela primeira vez á luz, onde senti pela primeira vez o embalo das caricias de meus paes, a doçura e suavidade das bellezas naturaes deste meu amado rincão.

Com que intimo deleite rememoro, evoco do fundo d'alma a quadra feiticeira, já se distanciando pelos annos e pelas desillusões da vida, em que decorreu a minha descuidada infancia nas fazendas **Triumpho e Paraiso!**

De **Triumpho**, onde nasci, recordo-me da velha casa, estylo colonial, avarandada, cheia de perspectivas que encandeavam a vista, adereçada pelo rio Cachoeira, rio em que se inspirou Epaminondas Berbert de Castro e o descreveu nestes sonetos:

O CACHOEIRA

I

Tranquillo e bom, pelo verão ardente,
O Cachoeira entre calhaus serpeia...
Bemdi-lo toda a ribeirinha gente
E a propria gente da mais longe aldeia.

Bemdi-lo... Certo dia, num repente,
O rio manso, que o viajor vadeia,
A rolar numa intermina torrente,
Estronda rouco. E' o temporal! E' a cheia!

E faz-se o rio um vórtice violento:
Emigram, de roldão, velhos, crianças,
Perseguidos das aguas e do vento.

Mas, depois, já desfeito o pesadelo,
Retornam com as antigas esperanças,
Para de novo amá-lo e bemdizê-lo...

II

De mim, sempre lhe quiz, manso ou bravo:
Seja verão, ou corra mau o inverno,
E' o mesmo amigo e desejado rio,
Cheio, aos meus olhos, de um prestigio eterno.

Quer elle ruja ameaçador, sombrio,
Ou, arrepiado ao sopro do Galerno,
Derive, ao sol, o seu espelho fio,
Voto-lhe um grande bem, alto, superno.

Trago-o commigo dentro na retina:
Revejo-o sempre quando evoco, ansioso,
As doçuras da vida campesina.

E quantas vezes, pelas tardes frias,
Cuido inda ouvir-lhe o éco lamentoso
Das antigas e doces harmonias!

Lembro-me, com infinda saudade, da sua vasta campina, macia como uma alfombra, toda de esmeralda, com uma ou outra arvore solitaria, inspirada, pensativa, agasalhando sob a sua sombra acolhedora as rezes tresmalhadas.

Lá, longe, arredondado e elevando-se para os céus, sempre de limpido azul, o **Alto Brasileiro**, com a sua magnifica vivenda, miradouro poetico daquella redondeza.

Além, a espessura mysteriosa da matta virgem, onde, para lembrar os lindos versos de Alcides Freitas,

"Um páo d'arco anguloso e secular,
De flores carregado,
Parece um velho e fatigado moiro,
Um mauritano velho já cansado
De carregar
O Barrête pesado de um thesoiro."

Em frente, na outra margem do rio, se espraia, de extremo a extremo, a **Primavera**, numa perpetua primavera em flôr.

E com que saudade, ainda, evoco a figura veneranda de Henrique Berbert Junior, o dominador daquellas paragens, cabellos castanhos, olhos azulinos, barba cerrada, unhas brunidas, altaneiro, corpulento, de origem germanica e que madrugava com os passaros.

Era elle proprio quem repicava, ao alvorecer, o sino, depois d'elle emmudecido, da varanda de sua casa, despertando os trabalhadores para a lucta quotidiana da lavoura do cacau, que é hoje a maior riqueza do nosso solo, lavoura de que foi elle um tenaz incentivador. Figura de honradez e de bondade simples, personificação do trabalho, exemplo de todos os que mourejam na lucta pela vida, e sinceramente cooperam para o progressivo desenvolvimento desta terra promissora.

Da fazenda **Paraiso**, onde me criei, revivo o scenario pinturesco e suggestivo dos seus accidentes physicos, irregular, de pequena baixada e dominada por anfractuosidades montanhosas; o ribeirão de aguas claras e murmurosas, á sombra dos cacauceiros marginaes, ziguezagueante, — symbolo fertilizador daquelles tractos uberrimos.

Esse magnifico scenario foi pelo nosso alludido conterraneo fielmente pintado nos versos deste soneto:

O PARAISO

Chego, afinal, ao "Paraiso". A estrada
Branca espirala á estiva luz accesa.
Nos proprios alcantis da redondeza
Sacode a selva a ramaria ousada.

O valle, a serra, a ingreme quebrada,
Tudó pompeia ao sol: a Natureza
E' mais bella e viçosa, com certeza,
Nesta linda fazenda cultivada.

Aves em bando, lestras, multicores,
Cruzam o espaço, gárrulas e afoitas...
A planura aromal abre-se em flores...

Rouxinoleia em cada frança um ninho...
E cuida ouvir-se, por detrás das moitas,
O sussurrar do ribeirão, baixinho...

E, amplificando essa visão, revejo a formosa Ilhéos, desabrochada como uma flôr de poesia, á foz do Cachoeira.

Diante de si, o exemplo extraordinario, épico da grandeza e liberdade do oceano; o affloramento dos Ilhéos, tradição symbolica do nome da cidade, uns despidos como o **Itahipim**, **Itapitanga** e **Rapa**, e, mais ao norte, todo verdejante, o **Ilhéo**, o maior de todos, alcandorado como um ninho, onde vão poisar as gai-votas que se entrecruzam no espaço, cirandando, a esmo, á flôr das vagas; a praia distendida como um lençol de alvissimas areias, onde já vae surgindo, modernissima, a avenida Beira Mar. Fronteira á cidade, lá está, com amenidade irresistivel, o pittoresco **Pontal**, com as suas deliciosas praias, com as suas vivendas alegres, sorrindo para os seus esbeltos coquei-raes, e de onde, das modestas arribanas, enfunando as velas triangulares das jangadas, ao romper do sol, partem, para o afan no mar alto, os pioneiros da pesca.

E os morros! O do **Unhão**, ensombrado de coqueiros vetustos que farfalham e sussurram aos beijos leves das virações marinhas; o de **Pernambuco**, guia dos navegantes com o seu pharol, na bocca da Barra, defrontando o do **Unhão**, cada qual conservando, nos seus angulos, nos velhos recifes tradicionaes, os vestigios dos fortes erguidos para a defesa da en-tão villa e do porto, contra qualquer ataque dos lusitanos na éra da Independencia; o da **Pimenta**, onde, a par de viçosas relvas, se estende o casario branco da **Conquista**; e o da **Victoria**, em cujo cume, para além, mais ao alto, como nevada cabelleira anciã, immovel, no fundo turquezino destes céus, se depára a cuspide sagrada, com os marmores de necropole, e se soergue para o firmamento a capellinha de Nossa Senhora da **Victoria**, despargindo bençãos sobre os destinos desta cidade, justamente considerada o primeiro centro de civilização, de progresso, de multiplas actividades, depois da cidade do Salvador. Este ambiente bemfazejo, prodigioso de energias latentes, aviva em mim o heroismo da Bahia através de sua historia, heroismo no sentido carlyleano.

A Bahia é, assim, uma terra de acção e de pensamento. E' uma terra de heroismo. Heroismo de que?

Heroismo religioso, porque foi em suas terras, selvagens, mas sagradas, na éra do descobrimento que se chantou a Cruz de Christo, e onde se rezou a primeira missa do Brasil, que inspirou a obra prima de um dos maiores pintores nacionaes — Victor Meirelles.

Heroismo civico, porque foi em seu meio que se installou a primeira séde governamental, com Thomé de Souza; porque, ainda no regimen da colonização, com a vinda de D. João VI, por inspiração do Visconde de Cayrú, abriu os portos brasileiros ao commercio do mundo, porque nos deu a gloriosa constellação de notaveis estadistas do Imperio, dentre os quaes se distinguiram, como astros de esplendidas fulgurações, Nabuco de Araujo, Visconde do Rio Branco, Montezuma, Marquez de Abrantes, Visconde de Caravellas, Barão de Uruguayana, Marquez de Monte Alegre, Visconde de Macahé, Dantas, Saraiva, Zacharias, culminando na figura quasi lendaria, de Cotegipe; heroismo civico, ainda com Cezar Zama e Manoel Victorino.

Heroismo poetico, porque foi na sua pittoresca e encantada Ilha da Maré que nasceu o primeiro lyrico Brasileiro, em ordem chronologica, Manoel Botelho de Oliveira; porque em suas terras brotou a maior satyra, com Gregorio de Mattos Guerra; por que a Bahia produziu a musa olympica de Castro Alves, o maior poeta social de seu seculo, o condoreiro sublime que mais soube sentir e cantar a dôr dos escravos, o poeta incomparavel da Abolição.

Heroismo do direito, com Teixeira de Freitas, o consolidador das nossas leis civis.

Heroismo da sciencia, com as excepcionaes figuras de Silva Lima, Francisco de Castro e Oscar Freire.

Heroismo da educação do sentimento patrio, com o preclaro philologo Ernesto Carneiro Ribeiro, e Abilio Cezar Borges, o Barão de Macahubas, o primeiro pedagogista que cooperou para a formação do espirito nacional.

Heroismo de honra e guerra, com os incançaveis batalhadores da porfiada campanha contra o hollandez, quer servissem nas cohortes de um Bagnuolo, ou nas algarras de um Barbalho Bezerra; quer com os bandeirantes, incomparaveis devastadores da virginda-de bravia da nossa terra, e cruzados, quasi mysticos, de pomposas cavallarias de firmeza e denodo; com os defensores tenazes, vigilantes sentinellas do solo bahiano, e que, aqui mesmo, regaram com o proprio sangue, — sementeira de outras valentias, o chão ilhéense, combatendo, com o valor de veteranos de Mazagão ou Argilla, ao clarão dos lampejos do estoque de um capitão Catuçadas — symbolo crioulo e humilde de toda a maravilha heroica da alma inquebrantavel dos avós.

Heroismo da liberdade e da fé, porque o seu sangue, na memoravel peleja da Independencia, victoriosa no 2 de Julho de 1823, em Cabrito e Pirajá, foi uma inolvidavel redempção consolidadora da emancipação politica de terra brasileira, sangue dos seus soldados, sangue dos seus heroes e sangue das suas heroínas, Maria Quitéria, a primeira mulher que jurou bandeira e mereceu a consagração do Imperador; Joanna Angelica, que, para não ver polluidas as virgindades reclusas do seu templo, abriu os braços á porta do Convento da Lapa, e se deixou trepassar pelas baionetas dos barbaros do General Madeira, exclamando que só maculariam aquelle santuario da virtude, depois de passar por cima do cadaver de uma mulher.

Heroismo, com os seus filhos no Paraguay, em Canudos, e ainda ha pouco, batendo-se pela restauração da ordem constitucional no pequenino, mas sempre altivo e glorioso Estado de Sergipe; pelejando, com a sua juventude e o seu sangue no 19 de Caçadores, contra a rebellião de São Paulo, em prol da legalidade.

E heroismo dos bahianos que marcharam, garbosos e impavidos com a Patria no cerebro e no coração, para se bater pelo completo restabelecimento da ordem e da lei, no Rio Grande do Sul, sob as mais calorosas ovações do povo de Porto Alegre, graças á acção patriótica do eminente estadista Dr. Francisco Marques de Góes Calmon, em cooperação dada ao excelso chefe da Nação, ao presidente Arthur da Silva Bernardes, extraordinario defensor das nossas instituições liberaes, o personificador, neste momento, de todos os nossos ideaes republicanos, heroe da legalidade e de raro patriotismo, cujo nome ha de ser insculpido em ouro no eterno pantheon da nossa historia politica.

Bemdito finalmente, o heroismo de Ruy Barbosa, de quem Ilhéos, inspiradamente, por iniciativa desta benemerita Associação Commercial, vae ter a effigie sagrada em bronze, para servir de nobre exemplo ás suas gerações presentes e futuras.

Ruy Barbosa, em imagem, ficará, como o lume tutelar desta cidade, elle que foi o genial Demosthenes da Republica, o espirito creador da nossa Constituição, o maior genio encyclopedico do seu seculo, o thaumaturgo da eloquencia sob seus multiplos aspectos, o protótypo do civilismo no Brasil, e uma das mais poderosas influencias em todos os factos mais notaveis de nossa historia contemporanea.

Ilhéos dos meus sonhos e das minhas aspirações de moço!

Nunca te apaguei de minha alma! Apartado de ti, durante mais de dois lustros, em Bello Horizonte, amago da grandeza do Brasil, nem um só instante estiveste, na verdade, longe de minhas cogitações sentimentaes, sociaes e politicas.

Entrevia, de longe, o teu perfil, como já evoquei, acariciado pelas brizas oceanicas, pelo aroma das flores dos teus esplendidos jardins, pela belleza impercível de tua gleba, de tuas aguas, e de teus céus.

Pensei, sempre, no teu destino, no teu fastigio, pois o meu ideal politico dimana do meu proprio sentimento.

O meu espirito liberal anseia pela harmonia do sentimento dos teus filhos, pela concentração de todas as suas energias, para que, sem partidarismos, sem rui-nosas ambições pessoaes, infensos ás intrigas da maelevolencia, da falta de patriotismo, sob a mesma ban-

(Termina no fim da revista)



NA QUERENCIA

• P O R • H O M E R O • P R A T E S ,

Como ao entrar do sol lá nos pampas, na infinda paz dos poentes nataes da minha terra linda, tardo, um passaro cruza em demanda do ninho, depois de haver mirado o céu triste e sosinho reflectido no azul morno e immovel dos lagos, assim volto de novo agora ao chão dos pagos e alegre embebo o olhar saudoso na querencia. E' a mesma a casa em que nasci. Na minha ausencia quasi nada mudou do seu aspecto antigo; sinto-me outro em seu seio acolhedor e amigo, e a mesma alma infantil dos meus dias de outr'ora resurge dentro em mim, canta em minha alma agora, sorri no meu olhar, pulsa em meu coração, revivendo commigo, em rapida visão, o aureo tempo feliz breve da minha infancia, Vejo, como num sonho, animar-se á distancia O meu passado... Ao longe, a olhar-me com meiguice a imagem, que ficou, da minha meninice acena-me com as mãos numa ingenua alegria. Ah! que suave expressão de doçura e poesia como um raio de sol a illumina e reveste! E ha um não sei quê de ideal, de sagrado e celeste nessa rosea Visão dos meus tempos de criança! E tudo que eu amei vem-me agora á lembrança sob um vago esplendor de sonho e de saudade velado pelo luar das noites de outra idade... A casa onde nasci; esta figueira antiga; aquelle velho umbú, a cuja sombra amiga, descuidado e feliz, nas manhãs de verão, eu soltava pandorga e jogava peão ou, a olhar para o céu, passava horas inteiras a ver o sol doirar pelas tardes fagueiras as grandes náus de luz das nuvens, vesperaes que cruzavam o azul dos lindos céos nataes desfazendo-se no ar como sonhos de gloria... E o antigo umbú parece avivar a memoria e conhecer-me! Ha uma alma em seu ar rude e bronco, sinto que lhe palpita um coração no tronco e tóco as frias mãos que lhê tremem nos ramos! "A bençam, meu Avô"! digo-lhe; e assim ficamos Um a olhar para o outro, extaticos... Silencio... De repente, porém, poder magico vence-o e a velha arvore, em mim pousando os olhos, onde qualquer coisa de humano e espiritual se esconde, parece me dizer, com voz pausada e grave, — que se esvae num adeus dentro da tarde suave... — "Sê bemvindo, meu néto, entre todos querido Louvado sejas tu que a mim, pobre e esquecido, trouxe um pouco de amor, de consolo e alegria! Sinto que se approxima o accaso do meu dia, mas morrerei feliz por ver que, homem agora, és inda o mesmo bom amiguinho de outr'ora que eu vi crescer aqui brincando á minha sombra". Sob os meus pés o chão é uma sylvestre alfombra verde de relva em flôr, de flexilha e de trevo; estendido na grama estes versos escrevo, e em quanto vou fixando o esquivo pensamento dessas recordações — flôres de cinza ao vento — folhas mortas do umbú, de ouro na luz do poente, como lagrimas vão cahindo lentamente... E é tremulo de unção religiosa e respeito que o desejo me vêm de estreital-a no peito, beijar-lhe o tronco e a fronde e cobril-a de abraços. Seus ramos, sobre mim se estendem como braços que a doce aura do sol leve e alada balança trazendo-me de novo em saudade á lembrança o tempo em que eu brincava á sua sombra, outr'ora.

As coisas, junto a mim, mudam o ar de quem chora em ternura e alegria e acolhem-na sorrindo! Lento, manchando o azul do céu radioso e lindo, longe, um passaro cruza e se perde á distancia; assim por outro céu volta ao ninho da infancia minha alma que se evôla em poesia e saudade. Em torno ao velho umbú, na meia claridade do crepusculo vaga um doce alor de prece, triste como um adeus a noite aos poucos desce... E a voz do que já fui, do que eu amei, murmura junto ao meu coração numa infinda doçura. Assim fico na sombra; e ao albor dubio e fraco da luz, no meu fitando o olhar dorido e opaco as coisas, junto a mim parecem animar-se, criar vida e expressão, espiritalizar-se... Os seus olhos sem luz são como poças d'agua, sob um pallor de luar, onde uma estranha magua quasi humana scintilla e esvae-se dolorosa no silencio que as veste em véos de cinza e rosa... E tudo que eu sonhei na minha infancia torna a viver na mudez crepuscular e morna dessa penumbra suave onde a saudade apenas — como ave que a encolher grandes asas serenas volta ao ninho depois de longa ausencia — pausa fatigada e offegante e, a olhar o céu, repousa... Bellas tardes de outr'ora. Onde a alegria e a paz que no vosso esplendor ephemero e fugaz me vestiam de sol quando eu era menino? Que bruxa vos tornou tão fragil o destino e a gloria, que cuidei então mais duradoura? quando alegre a correr num cabo de vassoura toda a terra sem fim, todo o céu era meu! e para ser feliz — que commigo nasceu o dom, que me ficou dos meus primeiros dias, de em venturas mudar pequenas alegrias — bastava-me sómente um cavallo de páu! e não havia dôr no mundo injusto e máu nem desventura ao ir e vir da sorte varia que se não apagasse ante os accordes da aria que habil como um zagal, na frauta de bambú eu tocava á tardinha á sombra desse umbú; emquanto sobre mim os passaros cantavam! Risonhos, sem cuidado os meus dias passavam; e era uma festa quando a caçar passarinho pelos campos bem cedo eu sahia sosinho de gaiola e alçapão e mais o meu bodoque. Que alegria tambem no triangulo ou no emboque do jogo da "bolinha"!... Adeus, frageis arco-ires das bolhas de sabão! Que El-Dorados e Ophires radiosos de um segundo em vosso fulgor breve! Quantas visões ideaes! Quantas Brancas-de-Neve, E as Colchidas de luz, de estranhas maravilhas longinquas praias de ouro; ermas, ignotas ilhas, que guiavam minhas náus, meus barcos de papell! Tudo desfez-se no ar; rutila e aurea Babel que se erguia até o céu, brilhando como um sonho! Com que infinda saudade eu recórdo tristonho minha infancia que foi como a flôr de um só dia, garça branca que cruza ao longe, fugidia num fim de tarde o pampa e se perde no azul, nuvem que se desfaz á doce aura do sul deixando-me sómente em ronda dolorida de sombras que me vão seguindo pela Vida, como outros corações dentro em meu coração, vozes mortas que ouvi de uma antiga canção, deixando-me sómente, ó flôr da minha infancia, como um sonho a evolir-se e a perder-se á distancia de todo o teu fulgor, ó breve mocidade o adeus de uma asa branca ao longe e esta saudade...

Velha assumpta que as oportunidades renovam de Lucylene Costa.



HA em nosso paiz uma inconsciente mania, uma necessidade pedante de entender de cousas transcendentales de instrucção. Se a persistencia dessa pilheria ás vezes não prejudica, de outras causa transtornos. Explica-se, assim, a facilidade com que todo governo a altera. Não ha dois que se succedam, que não toquem na sua essencia. Hoje pleiteam a liberdade absoluta do ensino, para amanhã lembrarem restricções incompativeis com as idéas que vão correndo. E' uma permanente confusão, da qual difficilmente sahiremos. Assumpto resolvido, aliás, por todas as velhas nações, o Brasil já devia de ha muito ter adoptado modelos que se adaptassem á ethica do nosso povo, tão facil de governar. Um prurido lamentavel de vaidade, uma permanente preocupação de reformar, nem sempre para melhor, tem levado, entretanto, todas as situações a gastar papel e tinta, sem que nada edifiquemos de character definitivo.

Desde o inicio da Republica, com Benjamin Constant e Ruy Barbosa, que os assumptos de instrucção vem preocupando o paiz. Dessa época até hoje a lista das nossas reformas é curiosa e mas-sada, erudita e conselheiral. Pontos de doutrina são a cada instante invocados, nomes de auctores rebuscados, livros copiosos vêm á baila, continuando tudo no mesmo quando não fica peor. E' uma contagiosa nevrose, de que nos precisamos curar.

De resto, permanecemos quasi no mesmo estado, em relação ao analphabetismo, em que a monarchia nos deixou. Em 1922, quando o Brasil celebrou o seu primeiro centenario de nação livre, o co-efficiente de analphabetos era bem pouco menor do que os oitenta por cento, sobre o total da população, que a velha instituição nos legou. Manda a verdade que se diga que pouco se tem melhorado, que os processos são quasi os mesmos.

Os professores, guardando as excepções honrosas, se improvisam com a mesma facilidade com que se criam amanuenses nas repartições do governo. Isto, aliás, já o dizia José Verissimo, annos atraz, na introdução com que precedeu a sua obra **EDUCAÇÃO NACIONAL**, por occasião de ser publicada, em sua segunda edição. Pouco, porém, conseguiu esse grande educador nacional, da differença censuravel da nação.

Não desejo incorrer no defeito que censurei acima, de ensinar o que se deva fazer em materia de instrucção publica. Quer-me parecer, entretanto, que o caminho por onde vamos, não é o mais acertado. Conviria, a um paiz novo como o nosso, que tudo precisa aprender, que, para os logares do campo, das villas e povoados, distanciados das cidades, fosse creado um typo de escola, differente do actual, onde com o a b c e a conta se ministrassem á creança noções de agricultura e outros conhecimentos praticos, de que ella necessitasse depois, ficando, assim, simultaneamente aparelhada de disciplinas uteis á vida. Muito difficilmente se vive com a simples acquisição do alphabeto, de maneira que conviria, nos logares afastados dos centros populosos, onde outros estabelecimentos completam a instrucção inicial, organizar e manter um professorado bem constituido e bem pago, de modo que o nosso pequeno camponês, o rustico matutozinho actual, recebesse do mestre-escola, juntamente com as noções da lingua, outras tão completas quanto possiveis sobre a terra,

que elle precisa conhecer e saber lavrar, para melhor a querer.

Não se pense, porém, que a alteração a fazer seria apenas no campo. Nas cidades, cumpriria fundar, ao lado das actuaes Escolas Normaes verdadeiras **menagères**, para aprendizagem das meninas, evitando, por essa fórma, que ellas sahissem da escola conhecendo sómente humanidades e extranhando, por completo, como se trata a cosinha, como se rega o canteiro, o carinho a dispensar ás aves, a maneira de pegar o bebé, ellas que vão ser mães. Não ficariam ahí as reformas. Os cursos normaes deviam ser desatracados das cadeiras que os sobrecarregam sem uma immediata funcção. Fóra com as noções de direito, com os problemas complicados de psychologia, com as cadeiras especiaes sobre historia da America, com os cursos de litteratura, de historia-natural, separada da physica e chimica, como se as nossas futuras mães de familia precisassem de ser doutoras. Em vez disto, cumpriria desenvolver o ensino do desenho, applicado ás artes plasticas e decorativas, fornecer idéas solidas, perfeitas e claras, de geographia e historia patria, que melhor ficariam constituindo, talvez, uma cadeira, a cargo de um só professor; vulgarisar os conhecimentos de stenographia e dactylographia, em substituição á vetusta calligraphia, de que hoje o mundo prescinde. A hygiene, comprehendendo noções systematisadas de pediatria, deveria ser ampliada, permanecendo nos programmas, como materia facultativa, a cadeira de canto e musica.

Por outro lado, as escolas destinadas á educação dos rapazes, requerem, por sua vez, fundas reformas, no seu desarticulado arcabouço. Para que o grego antigo nos gymnasios, quando pelo seu character de linguas mortas, melhor ficaria entre os bancos de uma universidade ou academia, onde se fossem especialisar aquelles que necessitassem da materia? Para que a logica, occupando logar nos programmas secundarios, quando, pela sua essencia, ficaria tão bem na companhia veneravel dos cursos superiores? Ainda não ficam por aqui as alterações a fazer. Nos cursos chamados propriamente academicos, nas faculdades de direito, de engenharia e medicina, nas proprias escolas militares, ha muito que corrigir. Vem, a proposito, citar a palavra illustre de distincto official do nosso exercito, engenheiro competente, que, em palestra, uma tarde, me transmittiu sobre o que se passava, em seu tempo, na Escola, a seguinte opinião: — "Nós, os rapazes da Escola Militar, pelo menos os do meu tempo, faziamos um curso brilhante, sobrecarregado de materias, aprendendo sociologia, concepções as mais variadas, abstractas e concretas, de philosophia e moral, verdadeiros bachareis, em letras, em diplomacia. Sahiamos, porém, da Escola, com medo a esta simples coisa — um cavallo. A primeira vez que tinhamos de montar, o animal nos incutia pavor."

Como todas as opiniões individuaes, não destinadas á publicidade, esta poderá ser levada á conta de exaggero, mas reflecte bem o estado de espirito dos que frequentaram a Escola Militar e sahiram de lá desapontados com a sobrecarga dos cursos.

Vê-se, do rapido debucho, que o mal está erradicado em todas as instituições do paiz. E' permanente, e como tal apresenta difficeis obstaculos a vencer. Não pôde ser resolvido burocraticamente, por decreto de quem apenas se julgue com auctoridade para fazel-o, motivo pelo qual muito bem andou o governo quando deixou de lado, a envelhecer na pasta, a serodia reforma engendrada pelo cavalheiro que até bem pouco tempo occupou o bisonho casarão da praça Tiradentes.

A MÚSICA BRASILEIRA A TRAVÉS DOS TEMPOS.

CARLOS GOMES

(1836 — 1896)

O escriptor que algum dia se propuzer a estudar a musica brasileira através da obra isolada de cada um dos nossos compositores, apreciadas as diferentes e multiplas influencias por elles recebidas de outras terras e de outras gentes, e por elles exercidas no nosso meio artistico, ha de, fatalmente, sentir, mais do que nunca, a responsabilidade formidavel do trabalho a que se entregou, quando tiver de traçar o capitulo destinado a Carlos Gomes. E' que, deante daquelle que toi em vida considerado como um dos grandes musicos do seu tempo e que foi e continúa a ser, no genero de musica a que se dedicou, o maior de todos os compositores brasileiros, não é possível deixar de provar a sensação que se prova deante dos grandes vultos, como das grandes obras, deante dos grandes monumentos como das grandes apotheeses.

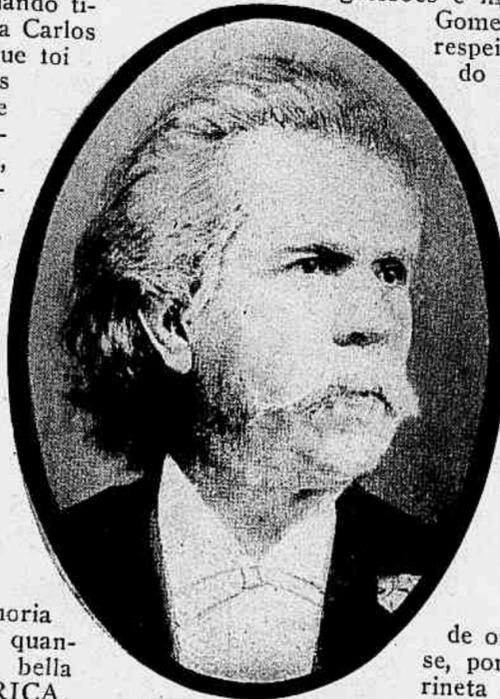
Carlos Gomes foi, de facto, um desses artistas verdadeiramente predestinados, que á proporção que se passam os annos, mais e mais se agigantam para aquelles que procuram conhecer-lhes a vida e esmiuçar-lhes a obra. E é esmiuçando a obra e meditando sobre a vida de Carlos Gomes, que, involuntariamente nos veem á memoria os famosos versos de Castro Alves, quando do exulta o Novo Mundo, na sua bella poesia, O LIVRO E A AMERICA.

Nascido em uma pequena cidade interior, mas "talhado para as grandezas, para crescer, crear e subir", desde muito cedo sentiu Carlos Gomes que não era aquelle o ambiente que convinha ás suas ambições artisticas. O Rio de Janeiro, residencia do Imperador cuja magnanimidade e bondade corriam de bocca em bocca, de Norte a Sul, pelo Brasil inteiro, attrahia-o de longe, como uma verdadeira fascinação. Seu grande desejo era fugir da monotonia enervante do ambiente em que vivia, fugir, desembarcar na Capital do então Imperio do Brasil, que elle via em sonhos com todas as bellezas e as attracções de uma verdadeira Chanaan, fugir, correr ao Imperador, falar-lhe e supplicar-lhe a protecção para poder cursar o Conservatorio de Musica. Depois, elle haveria de proseguir, ir além, conquistar applausos, conquistar platéas, conquistar a Gloria, que era o seu sonho, a sua obsessão, ou, como elle mesmo o dizia, uma verdadeira "idéa fixa que o acompanhava como o seu proprio destino."

Assim pensava e assim foi. Deixando Campinas e fixando-se no Rio, dois annos depois de aqui chegar conquistava o seu primeiro triumpho artistico, com a representação de sua primeira opera. De então por deante, de successo em successo, conquistando as platéas brasileiras e as estrangeiras, a sua vida foi uma successão continua de victorias artisticas, o seu nome andava de bocca em bocca, por toda parte, a sua musica, por toda parte colhia applausos e, por toda parte o seu genio era exaltado com enthusiasmo.

Talhado para as grandezas, Carlos Gomes foi grande; para crescer, elle, de pequenino musico provinciano, tornou-se um gigante mundial; para crear, foi o creador magnifico de toda uma série de obras de arte; para subir, subiu até onde é possível subir a creatura humana, isto é, até essas alturas insondaveis onde repousa a Gloria — ambição doirada e fallaz que é

o eterno sonho, muito poucas vezes alcançado, de todos os artistas. Não foi, porém, toda de applausos, a vida do grande musico. Como todo genio, soffreu e soffreu muito. Foi intrigado, foi injuriado, foi agredido; Foi intriguado, que tudo vivifica, mas que tambem a mas o tempo, que tudo destróe, se encarregou de destruir intrigas, aggressões e injurias, para que o nome de Carlos Gomes fosse legado aos posteros puro, respeitado e glorioso, para eterno orgulho do nosso patrimonio artistico.



ANTONIO CARLOS GOMES

aos sessenta annos de idade.

(Photographia tirada em Maio de 1896, no Pará, — quatro meses antes da morte do maestro)

Nasceu Antonio Carlos Gomes na cidade de Campinas, na então provincia de S. Paulo, no dia 11 de Julho de 1836, (1) sendo filho do distincto musico Manuel José Gomes e de D. Fabiana Jaguary Gomes, naturaes, ambos, da mesma cidade (2).

Filho de musico e musico de nascimento, Carlos Gomes, desde a meninice se dedicou ao estudo da arte de seu pae, que era director da banda de musica e organista da matriz de Campinas. Em tal meio e com a scentella da arte, era de ver que a inclinação de Carlos Gomes cada vez mais se desenvolvia. Aprendeu a tocar todos os instrumentos de orchestra e de banda, aprofundando-se, porém, no estudo do violino, da clarineta e do piano. Além disso, possuia uma excellente voz de tenor, de modo que era muito disputado não só para as ceremonias religiosas como para os saraus particulares que se realizavam em Campinas. Aos quinze annos já compunha, tendo se popularizado com a modinha "Tão longe de mim, distante", que correu mundo. Quando era necessario, substituiu o pae na direcção da igreja e da banda, compondo, frequentemente, para uma e para outra. Nem bem chegava do collegio, punha-se a estudar musica, fugindo sempre dos companheiros que o convidavam para folias.

Entre seus irmãos distinguia o maestro José de Sant'Anna Gomes, de quem era amigo afeiçoadissimo e quasi inseparavel.

Muito relacionado, muito disputado e muito querido, Carlos Gomes reconhecia, entretanto, que o ambiente musical de Campinas não era o que correspondia ás suas aspirações. Varias vezes, por isso, pediu a seu pae que o mandasse para o Rio de Janeiro. Queria matricular-se no Conservatorio, afim de estudar musica e seguir a carreira. Isso, entretanto,

(1) — Durante muitos annos foi erradamente attribuido o dia 11 de Junho de 1839 como a data do nascimento de Carlos Gomes. A confusão explica-se por ter sido essa data a do nascimento de um dos irmãos do maestro. O engano, entretanto, lhe causou varios aborrecimentos, especialmente quando foi do seu casamento na Italia, pois, para preparar o respectivo processo foi-lhe enviada do Brasil uma certidão de idade... de seu irmão! Sabe-se, entretanto, que, na presença de André Rebouças e do Visconde de Taunay, ambos seus amigos dedicadissimos, Carlos Gomes rectificou a data do seu nascimento, para 11 de Julho de 1836, que era a verdadeira.

(2) — Manuel José Gomes foi casado quatro vezes. Da primeira mulher não teve filhos; da segunda teve doze; da terceira teve oito e da quarta, seis, afóra os mortos. Carlos Gomes era filho do terceiro matrimonio; e, quando regressou da Italia, encontrou uma irmã de 51 annos e outra de quatro!

seria desfaltar Campinas, sua matriz e sua banda do seu elemento mais precioso. Ninguém melhor do que o pae reconhecia o valor do filho e a falta que lhe ia fazer. Além disso, chefe de uma familia numerosissima e lutando sempre com poucos recursos, o velho maestro sentia que lhe era impossivel destacar de seus vencimentos qualquer parcella que lhe permittisse manter Carlos Gomes fóra de seu lar. E assim, premidido por essas circumstancias importantissimas, oppunha-se sempre á idéa de mandar o filho para o Rio de Janeiro, mesmo quando essa idéa era patrocinada pelos seus melhores amigos.

Estava escripto, porém, que Carlos Gomes não poderia, por muito tempo, resistir aos impulsos de seu proprio destino. Elle sentia dentro de si aquella **forza indomita** que o arrastava para a Capital do Imperio, como uma obsessão ou como uma fatalidade. O proprio acaso se encarregou de precipitar os acontecimentos. Em 1859 compoz elle o Hymno Academico, dedicado aos academicos da Faculdade de Direito de S. Paulo. Presente no dia em que esse Hymno foi cantado em publico pela primeira vez, foi Carlos Gomes alvo de uma formidavel manifestação dos estudantes, manifestação que teve uma decidida influencia sobre a vida do joven maestro, fazendo-o tomar a deliberação de fugir para o Rio de Janeiro, mesmo sem a licença e sem a bençã de seu pae.

Foi debalde que seu irmão, o maestro Sant'Anna Gomes, procurou fazer-lhe ver as consequencias do passo que ia dar. Carlos Gomes a nada attendia. Vendo, por isso, que era inutil pretender entrar-lhe os passos, declarou-lhe o irmão que tinha a certeza de que elle voltaria dentro em pouco — ao que Carlos Gomes retrucou com esta phrase conscia e resoluta: — Eu só voltarei coroado de glorias — ou só voltarão os meus ossos!

E no dia 20 de Junho de 1859, contando, portanto, 23 annos, partiu de S. Paulo para o Rio de Janeiro, embarcado no vapor **Piratininga**, que tomou em Santos, e cujo commandante, por coincidência, tambem se chamava Antonio Carlos Gomes.

Encerra-se assim, com esse gesto destemido, aquella que se póde chamar a primeira phase da vida de Carlos Gomes, a que relembra a sua infancia artistica, passada em sua terra natal, numa actividade ainda incipiente mas já proveitosa para a sua carreira. Foi, effectivamente, nessa phase, que Carlos Gomes se assenhoreou de todos os segredos de uma orchestra e de uma banda de musica, estudando todos os instrumentos que as compõem, e de cujo manejo maravilhoso são prova todas as partituras de suas operas.

Chegado ao Rio de Janeiro, hospedou-se na residencia do negociante Azarias Botelho, estabelecido á Rua Direita (actual 1º de Março), n. 143. E foi só quando se viu sosinho no quarto que lhe fóra destinado, que elle comprehendeu o passo dado! Evocou, então, a figura severa de seu velho pae, a sua casa, os irmãos, os amigos, a sua Campinas distante. E teve saudades de todos e de tudo e teve, principalmente, remorsos de haver partido assim, daquella maneira, sem a bençã de seu pae!

No interior daquelle quarto sombrio, sentindo-se sosinho, em casa e em terra extranhas, o futuro gigante abateu-se formidavelmente!

Chorou... chorou durante muito tempo e, quando se sentiu alliviado, tomou a resolução de escrever uma carta ao pae, para expôr-lhe as suas intenções e pedir-lhe o seu perdão e a sua bençã (3).

Dez dias depois, isto é, no dia 2 de Julho de 1859, recebia elle uma bôa e longa carta do pae que, não só lhe havia perdoado a fuga, como enviara uma ordem para lhe ser paga, mensalmente, a importancia de 30\$000, o maximo a que lhe era possivel chegar para auxiliar-lhe a manutenção no Rio. E terminava assim a carta desse velho que teve a fortuna de ser pae do maior musico brasileiro: "Deus te abençõe. Deus te conduza prospero, avante, pelo arduo caminho da Gloria. Trabalha e sê feliz." (4).

Essas palavras foram, por assim dizer, o toque magico que esperava Carlos Gomes para iniciar a vida. No dia immediato, foi, pela Condessa de Barral, levado á presença do Imperador que logo com elle sympathizou, determinando a sua matricula no Conservatorio do Rio de Janeiro, do qual era, então, director Francisco Manuel da Silva, auctor do Hymno Nacional. Carlos Gomes foi admittido logo na aula de Composição de Gioacchino Giannini, dedicando-se inteiramente ao estudo, com a preocupação de adquirir, quanto antes, conhecimentos sufficientes para compor uma opera, pois o theatro era o seu sonho e a sua attracção (5). Elle nada mais ambicionava senão estrear com uma opera, mercê da qual pudesse conquistar os primeiros applausos do publico e iniciar a sua carreira fóra do Brasil.

(Continúa)

(3) — Deve-se a André Rebouças o não se haver extraviado essa carta preciosa que aqui transcrevo, *ipsis literis*:

"Meu bom pae. Nem sempre deve-se julgar as coisas pelas apparencias. Não só em Campinas, Itú, S. Paulo, como em outros logares de nossa provincia, deixa de ser conhecido o meu character. Por conseguinte, cheio de esperanza, de que justiça me será feita mais tarde, dei o passo que dei. Uma idéa fixa me acompanha como o meu destino. Tenho eu culpa, porventura, de tal coisa, se foi Vm. que me deu o gosto pela arte, a que me dediquei e si seus esforços e sacrificios fizeram-me ganhar ambição de glorias futuras? Não me culpe pelo passo dado hoje. Juca foi testemunha do que se passou em S. Paulo; da estima e das ovações que recebemos dos estudantes. A educação que Vm. me deu, e meu procedimento até hoje me dão o direito de esperar de meu pae uma certa confiança e um animador — *espéra!* Minha intenção é falar ao Imperador, para obter d'elle protecção, afim de entrar no Conservatorio desta cidade. Não perderei tempo. Tudo isto que lhe estou dizendo, o desgostará pelo motivo de eu ter sahido de lá sem sua licença; mas tenho confiança na minha vontade e no pouco de intelligencia que Deus me deu.

Nada mais lhe posso dizer nesta occasião; mas affirmo a Vm. que minhas intenções são puras e que espero desassocegado a sua bençã e o seu perdão."

E assignou simplesmente: "Seu filho, Antonio".

(4) — De posse da carta de seu pae, ao sahir do Correio, encontrou Carlos Gomes uma pobre que esmolava, dando-lhe tres moedas de quarenta réis cada uma — tudo quanto possuia na occasião.

(5) — Nesse tempo, o theatro lyrico atravessava a sua mais bella phase. O Rio de Janeiro recebia a visita annual de artistas de nomeada universal, entre as quaes Gayarre, Tamagno, Adelina Patti, Tetrzini, etc., e o nosso Theatro Provisorio era incluido entre os principaes theatros do mundo.

TAPAJÓS
GOMES



C R E P U S C U L O N A L A G Ó A R O D R I G O D E F R E I T A S
(P h o t o Z o e l n e r)

A Embaixada da Fé

por Soares d'Ázvedo.

PORQUE ellas, afinal de contas, são dos mais variados aspectos. Ha-as politicas; de intercambio commercial; temolas aqui scientificas e hygienicas — algumas dellas, como a Missão Rockefeller, attendam bem, eminentemente philanthropicas — temolas militares e navaes, como a missão franceza e a norte-americana; ha quem venha estudar o vôo nos nossos passaros, a configuração dos nossos peixes, a essencia das nossas madeiras, as duras entranhas do nosso solo. Paiz novo que somos, batem-nos mais á porta para nos conhecerem melhor, e — *honny soit qui mal y pense...* — para nos darem a mão, para nos exaltarem e instruirem. Porque tudo recebemos de fóra, inclusive o acaso da descoberta e a displicencia dos primeiros colonos. Recebemos tudo, até o proprio primeiro imperador que tivemos, louvado seja Deus. Não será agora a occasião de darmos alguma coisa, da riqueza acumulada em tantos annos de proficuo labor? Da Camara dos Deputados franceza ergueuse ha dias uma voz e essa voz proferiu com solemnidade o nome do Brasil. A proposito do que? Ainda da feracidade do nosso sólo ou do vigor dos nossos rapazes no desporto? Talvez da exportação do nosso café ou da excellencia do nosso fumo ou da bondade dos nossos fructos? Não. Que agora já temos um pouquinho de logar ao sol. Alludiu, em voz pausada e gesto brando, ao espirito progressista e ordeiro do povo brasileiro, como o demonstra a Constituição politica que nos rege e ampara... E para isso citou a liberdade de pensamento, tão em contraste com a intolerancia desalmada a que agora pretendem levar alguns allucinados a patria de S. Luiz, de

Joanna d'Arc, de Theresinha do Menino Jesus. Para quem vive envolto nas paixões de todo o genero que estraçalham a Europa de 1789 para cá, é realmente de embevecer o acerto com que os nossos legisladores reconheceram o direito de "liberdade para tudo e para todos, menos para o mal e os malfeitores", se quizermos adoptar as palavras felizes do infeliz Garcia Moreno. Causaria realmente assombro que na velha Paris, apegada a preconceitos da mesma idade, nesse Congresso onde se manuseia diariamente a "Encyclopedia", occorresse um acontecimento do calibre do do Paraná: é o Congresso legislativo do Estado que, em nome do povo que representa, abre credito especial para a formação de dois patrimonios, de dois patrimonios que hão de constituir a primeira pedra de mais duas dioceses. Só espiritos apoucados não lograrão ver neste acto official um grande passo para a maior expansão desta nossa privilegiada terra, onde o proprio sabiá tem ineffaveis gorgeios de fé...

Amanhã, pois é a seis de Maio vindouro, ha de zarpar daqui, como ha 525 annos zarpou de Belém de Lisboa, a embaixada de ouro que vai levar ao velho mundo as grandes descobertas moraes e espirituaes do continente americano. Até hoje recebemos; vamos dar agora. A peregrinação brasileira do Anno Santo, tão imponente e numerosa que mistér se tornou desdobrá-la em duas, lá vai mares em fóra, donairoza como uma noiva e esbelta como a primavera, levar á Europa a retribuição de cinco seculos de catechese. Não vai custeada pela verba do Ministerio das Relações Exteriores, como tantas missões de estudo que temos mandado para diversos paizes daquem e além Atlantico. Vai apenas custeada pelos corações brasileiros, numa espontanea romaria de fé, numa

profundíssima homenagem ao Pae da Christandade, num vehemente e solemne protesto de respeito e veneração ao representante de Nosso Senhor Jesus Christo na terra. Nunca — e eu o digo com toda a convicção de quem traz de baixo da lingua toda a historia nacional — nunca se commetteu acto publico de tamanho alcance para uma mais efficiente e alvorotada propaganda do Brasil no exterior. Nem Ruy Barbosa em Haya, com todo o peso do seu saber e todo o brilho da sua eloquencia, alcançou maior renome para a sua terra do que hão de obter essas centenas de brasileiros que vão deixar a commodidade de suas casas, a florescencia dos seus negocios, o doce e lindo azul do céu tropical, para se rojarem aos pés do Santo Padre, a dizer-lhe que ali estão, como estiveram antes e tantas vezes os seus ascendentes, numa jura solemne de amor filial, num triumpho e numa prece, humildes e confusos, como a quererem dizer que este Anno Santo está representando para a America alguma coisa mais do que possa representar para outro qualquer continente. Estamos hoje numa evidencia que se não póde mais sophismar, quaesquer que tenham sido os nossos erros no passado e no presente. Saiu destas bandas uma tremenda lição de ordem e de liberdade, como nunca a deu nenhum outro paiz da terra. Temos sessenta bispos, outras tantas sentinellas ás nossas almas. A caridade desponta no Brasil, sob este magnifico céu, á sombra destas velhas arvores amigas, como a mais mimosa e odorante flor. E em nossas leis não nos envergonhamos de reconhecer direitos, e ao applicá-las não temos pejo de consultar os mais intimos refolhos da alma brasileira.

Amanhã, vai partir a Embaixada da Fé. Algumas dezenas de bispos conduzirão algumas centenas de ovelhas até ás margens daquelle rio onde se teem dessedentado tantas almas. Penitencia... penitencia... Vamos visitar, beijar com reverencia as bordas dos tumulos dos apostolos... Vamos palmi-

lhar as ruas da velha Roma dos Cesares e dos Martyres, e havemos de ter a impressão de ainda estar vendo no desmornado circo as garras dos leões despedaçando as carnes tenras das virgens e arrancando os corações palpitantes dos velhos convertidos á fé christã. Mas tambem em Roma, de cabeça erguida, saberemos desafiar o mundo com a nossa força de moços, o nosso orgulho de crentes, a nossa tenacidade no sentir quanto eleva os povos e as nações uma historia de fidelidade á cruz e de realizações moraes positivas. D. Sebastião Leme, a mais bem formada cabeça brasileira, assim um não sei que de asceta e de guerreiro, de onde saem empreendimentos largos, idéas generosas, e em que se associam e se casam e se fundem os dois mais bellos sentimentos do homem — patriotismo e fé, — D. Sebastião Leme, o arcebispo da Eucharistia, irá commandando a nova Cruzada, porque Cruzados somos todos os americanos, no proposito de libertar Roma da inundação de paganismo, de philosophismo e de machiavelismo juntos, em que chafurda e se putrefaz uma parte da sociedade contemporanea da Europa, com os proprios estadistas e legislações. Já o sionismo e o arabismo, instituindo aquelle a primeira universidade judaica na Terra Santa, e emergindo este da sua derrota para os sonhos delirantes do maior imperio da Asia, conspiram para furtar aos christãos os logares santos, onde nasceu, penou, soffreu e foi aviltantemente crucificado o Filho de Deus. A França official não desarmará do proposito de desprestigiár o Papado. Das geleiras e dos *steppes* da Russia, por onde correm agora caudaes de sangue, tambem descem torrentes de impiedade. Em Portugal, o sacristão não póde tocar um sino sem licença prévia do governo todo-poderoso. Na Italia, o imperialismo fascista invade as igrejas e commette os mais nefandos sacrilegios. Na Turquia, os jovens turcos ainda não se cansaram de exterminar armenios. Será que está destinado á America er-

Senhora
Alberto
Betim
Paes
Leme



Desenho
de
Gilberto

guer uma poderosa muralha de defesa ao redor do Vaticano? Será que o Papa tem os olhos fitos no Mundo-Novo como os tiveram os aliados nos Estados Unidos durante a guerra? Seja como fôr, o Brasil está cumprindo o seu dever, a America segue na vanguarda dos continentes christãos, e a tal ponto que é o proprio governo da Colombia, é o proprio Congresso da Colombia quem consagra officialmente o paiz ao Sagrado Coração de Jesus...

Trezentos brasileiros irão desta vez especialmente a Roma, depositar aos pés do Papa os seus protestos de amor filial, de reverencia e de devotamento. Outros trezentos os seguirão, porque já nova peregrinação se prepara, novo vapor se

apresta para a grande viagem transatlantica, a grande romaria de fé, a grande embaixada de amor ao maior poder da terra.

... E em verdade vos digo que não se póde prestar melhor serviço á causa da propaganda do Brasil na Europa, mesmo nesse terreno que nem todos pisam, mesmo por esse processo que nem todos conhecem. A Embaixada da Fé será, positivamente, de maior efficiencia do que outra qualquer missão official servida pelas mais lucidas intelligencias, pelos mais privilegiados talentos, pelos mais robustos caracteres, pelas mais comprovadas competencias, pelo maior fausto. Porque ella será tambem a Embaixada dos Corações.

Frei Francisco de Menezes

por Alfredo Galthazar da Silveira



ESSE frade astuto e valente, que, em consequencia da sua alliança com os *emboabas*, que obedeciam ao mando de Manoel Nunes Vianna, incorrera na merecida odiosidade dos mineiros e paulistas, tornou-se, empós a invasão de

Duclerc no Rio de Janeiro, apreciado por quantos foram concededores da sua attitude naquella difficil conjunctura. Frei Francisco de Menezes, *figura machiavelica, o maior dos apostatas que então andavam em Minas*, consoante o conceito do Dr. Diogo de Vasconcellos, obtivera o consentimento regio para percorrer algumas minas; entretanto, cedo se acamaradou com Francisco do Amaral Gurgel, o qual, conhecendo a força da sua sagacidade, não tardou em interessa-lo no contracto dos açougues, que fundaria em 1706. Vendo-se, porém, hostilizado pelo povo, que endereçou uma energica reclamação ao governador Dom Fernando de Mascarenhas, attinente ao monopolio dos açougues, Frei Francisco de Menezes deliberou vingar-se daquelles que haviam obstado a realisação de seus planos financeiros.

Apoiado pelos *emboabas*, que não perdiam oportunidade para aborrecer os brasileiros, o predito frade adheriu ás tropas de Manoel Nunes Vianna, e, na celebre batalha de Cachoeira, coube-lhe assumir o commando geral do exercito, quando viu ferido o seu chefe e amigo Manoel Nunes Vianna.

"A batalha ficára indecisa, como si fosse um armisticio; de ambos os lados reinava o silencio, interrompido apenas pelos gemidos."

O frade, porém, indignado com o mallogro das suas pretensões, não esperou que rompesse o dia para proseguir no combate; e, cerca de meia noite, penetrou no acampamento dos adversarios, os quaes se encontravam desprevenidos, e, qual um genio irado, foi matando e maltratando a quantos poude.

Seguiu para Lisboa aquelle frade valente, e conseguiu que o rei Dom João V concedesse um perdão para todos os implicados naquella luta; entretanto, não obteve licença, conforme desejava, para regressar a Minas Geraes, que era, então, governada por Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, o qual, em officio de 3 de Abril de 1710, declarára ao dito rei Dom João V que em absoluto não convinha que tal frade puzesse os pés em Minas Geraes, por ser perturbador e cabeça de levantamento contra os Paulistas que o odiavam. Sabendo o alludido frade que o rei de Portugal autorizára o energico governador

Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, em carta regia de 12 de Novembro de 1710, a expulsa-lo de qualquer cidade de Minas Geraes, encarregou Jeronymo Pereira de liquidar os seus negocios, alli, e de trazer-lhe *alguma cousa que tivesse escapado das perdições*.

Ficou tão amargurado com os acontecimentos que deliberou seguir para Portugal, afim de acabar os seus dias na tranquillidade de uma cella; pois, o seu temperamento violento e irrequieto não se conformava com a prohibição de regressar a Minas Geraes, onde cataria bastante ouro para saciar os seus prazeres.

Dom Fernando de Mascarenhas deliberou seguir para as localidades conflagradas pelas repetidas lutas entre paulistas, mineiros e os portuguezes; mas, os *emboabas* difficultaram-lhe a caminhada e elle viu-se forçado a voltar para o Rio de Janeiro. Frei Francisco de Menezes encontrava-se na nossa formosa e hospitaleira cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, aguardando, naturalmente, uma embarcação que o conduzisse a Lisboa, quando as náos francezas, sob o commando de Duclerc, forçaram a entrada da barra. Ora, aquella invasão provocou um verdadeiro pânico entre os moradores da cidade, os quaes não esperavam, por certo, ataque tão inesperado, quão inopinado; e esse pavor cresceu, com a criminosa conducta do governador, Francisco de Castro Moraes, o qual não soube, por inepecia, ou covardia, comprehender as responsabilidades que pesavam sobre os seus hombros.

O frade, esquecido de que havia sido preterido, nas suas aspirações financeiras, pelo rei de Portugal, revelou-se, naquella situação difficil, um valoroso soldado e conseguiu reunir muitos homens, que acudiram aos seus calorosos apellidos. Si o capitão Duclerc era valente e não temia encontrar-se com os habitantes de uma cidade, que já estavam acostumados a repellir as aggressões de estrangeiros ousados, tambem, entre nós, existiam Gregorio de Castro Moraes, que já se havia recommendado, na pacificação dos conflictos entre os paulistas e os *emboabas*, ao apreço geral; Bento do Amaral Gurgel, Alvaro Dutra da Silva, Francisco Xavier de Castro, filho do governador, frei Francisco de Menezes, que souberam oppôr tremenda resistencia aos arreganhos e ameaças dos soldados francezes, embaraçando-lhes o caminho e obrigando-os, emfim, a pedir uma capitulação. O frade, depois de have-los batido, em successivos encontros, que os fizeram mudar de itinerario, entrincheirou-se com umas centenas de negros, mulatos e portuguezes no antigo monte do Desterro (outeiro da Gloria, actualmente) e os não deixou seguir para a

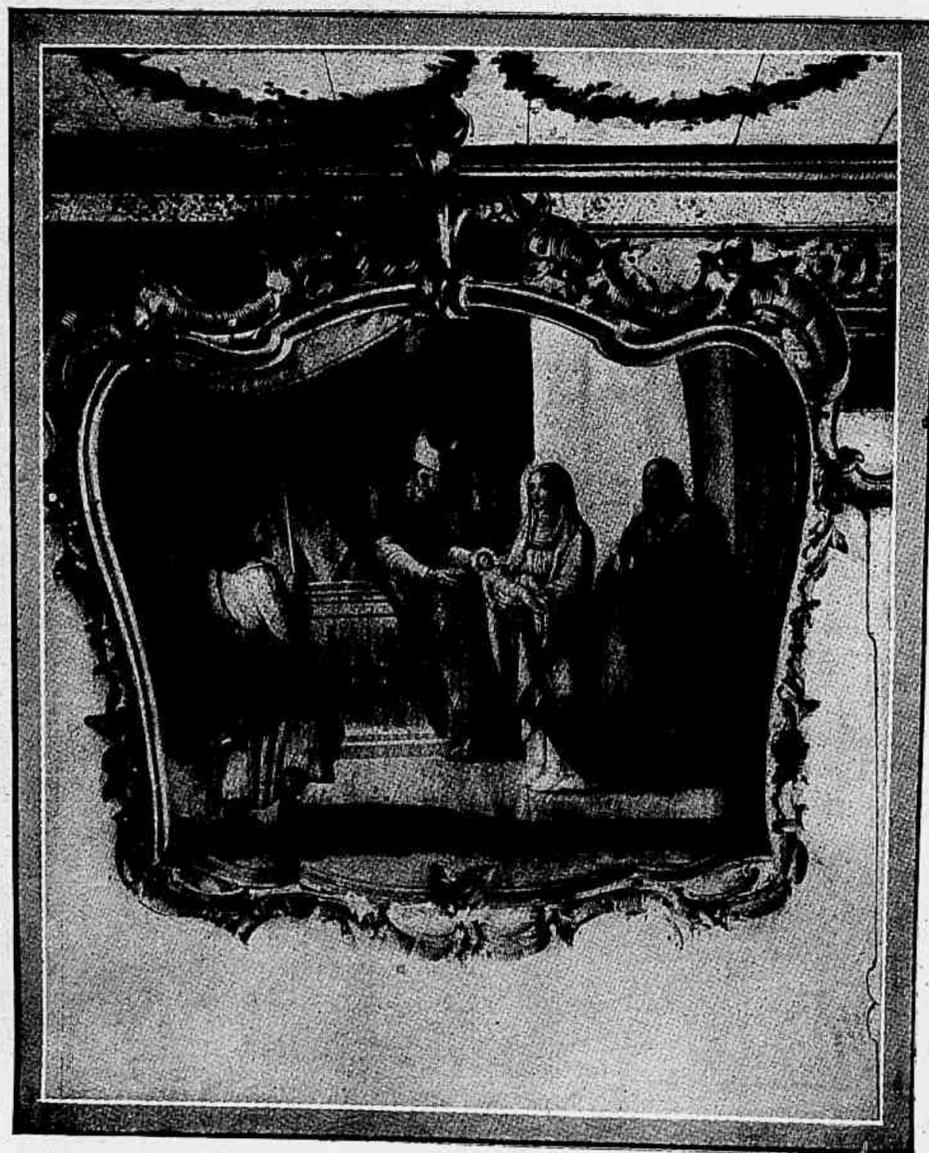
actual praia de Botafogo, onde poderiam acastellar-se. Diante de tal resistencia, deliberam seguir para o convento do Carmo (actual largo do Paço), onde, após uma terrivel batalha, o capitão Duclerc solicitou um armisticio. Morreram naquella luta, que durou algumas horas, Gregorio de Castro Moraes, Francisco Xavier de Castro, varios soldados e paizanos e algumas dezenas de escravos, que, atraídos pelos gritos e tiros, haviam ido espiar a luta, suppondo que se tratava de uma grande festa. O frade, pela sua heroica attitude, grangeou muitas sympathias na cidade, e recebeu, ainda, do perfido governador a incumbencia de conferenciar com Duclerc, que ficou recolhido no collegio dos Jesuitas.

Foi, tambem, o referido franciscano quem levou ao capitão Duclerc a autorização para residir num predio da rua da Quitanda, esquina da rua General Camara (apud Gastão Ruch), onde o assassinaram, mysteriosamente, embora duas sentinellas permanecessem, sempre, na porta principal da alludida casa.

Serviu aquella invasão franceza para reconciliar o valente franciscano com os brasileiros, os quaes, até então, o olhavam com grande aborrecimento, em se recordando da sua condemnavel attitude na guerra dos emboabas. Além de corajoso, era o franciscano dado ás letras, e existe no

nosso Instituto Historico a cópia de uma carta, que elle escreveu ao duque de Cadaval, prestigioso politico na cõrte de Dom João V, narrando-lhe as invasões francezas de Duclerc e Duguay-Trouin, no Rio de Janeiro, e fazendo-lhe algumas confidencias relativas á administração de Francisco de Castro Moraes. Prevendo que os francezes se não conformariam com a estrondosa derrota de Duclerc, cuja viuva chegou a intentar um processo para apurar a responsabilidade dos criminosos, o franciscano suggeriu ao governador Francisco de Castro Moraes a adopção de uma serie de providencias, as quaes poderiam neutralizar os ataques dos francezes ou de outros estrangeiros, que alimentassem a ambição de se apossar da nossa cidade. Frei Francisco de Menezes, como outros vultos notaveis da nossa historia, jaz num grande esquecimento; entretanto, é forçoso reconhecer que a sua attitude, no dia 19 de Setembro de 1710, tornou o seu nome digno de figurar na galeria dos herões brasileiros e deu á sua memoria um brilho inconfundivel. O franciscano, ambicioso e vingativo, que, em Minas Geraes, commettera varias indignidades, transformou-se, naquelle memoravel dia, num grande heróe, cujas façanhas todos elogiam com accentuado entusiasmo.

A
arte
religiosa
no
Brasil
Colonial



Painel
numa
velha
igreja
da
Bahia

O u t r o

por Leoncio Correia



DR. MENDES BARBOSA leu e releu, com largo vagar, aquella ligeira noticia, laconica e fria, perdida a um canto do jornal. A manhã ia radiante e linda, e como corria o suave Setembro depois de um inverno luminoso e amavel, desabrochava a alma aromal dos pegueiros em flôr. Sentado a um canto da janella, sobre a qual cahia a discreta penumbra de um pomar bem cuidado, o joven bacharel via, através o fumo do cigarro lentamente chupado, irem-se desenrolando os mais interessantes episodios da sua vida academica. E com o jornal descansado sobre os joelhos, na gloria translucida daquella manhã de primavera, recordava e sonhava...

"Acha-se gravemente enfermo o Dr. Carlos Nogueira, illustre advogado do nosso fóro". E só! Essas duas ligeiras linhas punham o peso de uma cruz immensa no angustiado coração de Barbosa. Esse peso, que o torturava, abria-lhe n'alma uma larga janella deitando para o passado. Com que doce luz se esbati na sua imaginação esse doce trecho da existencia, todo envolvido na bruma dourada da poesia!

E como se tivesse diante, sentado em outra cadeira, algem a ouvil-o, falava:

— Excelente Nogueira! Em toda a minha geração academica de outro collega não soube nem melhor nem menos egoista. Tão bom, tão justo, tão nobre! Eramos como Castor e Pollux... Ah! com que infinita saudade o recordo! Sempre juntos... na "republica", nas aulas, nos passeios, nos bailes... Formados, aqui, á nossa terra, chegámos com os mesmos enthusiasmos e os mesmos sonhos. Veiu a politica, e nos collocou, a cada um de nós, numa margem opposta á do outro. E, entre nós, rolando, profundo e mysterioso, o rio da Vida...

E um dia nos perdemos de vista... Como? Por que? Ainda hoje indago desse "porque" que nos separou. Pois então a politica é apenas a arrancada tenebrosa das paixões inferiores? Pois então para ser politico é mistér fazer cessar todas as divinas fontes do coração, matando a serena belleza da nossa augusta finalidade?

E pendeu a cabeça com desalento de vencido. Mas, para logo, com decidida resolução se ergueu. Iria ver, iria abraçar, iria beijar, ou vivo ou morto, aquelle que lhe fóra na mocidade o symbolo harmonioso e raro da amizade humana.

Na rua respirava com voluptuosa sofreguidão. Reconciliava-se consigo mesmo. A' proporção, porém, que se aproximava da casa do enfermo, invadia-o a timidez de uma criança, a hesitação de um primeiro crime. Como o receberiam? Por algum tempo, á porta da casa de Nogueira, pallido e embaraçado, supplicou uma inspiração. Por fim, como se a chamma viva do olhar lhe illuminasse o passado, subiu cautelosamente, como pisando o soalho de uma camara mortuaria, a meia duzia de degráos da escada de marmore. E varou a sala de visitas e o corredor. Com mansa e tremula mão entre-abre mansamente a porta do quarto.

Entra, junto ao leito do enfermo estaca, ancioso e commovido. Uma meia sombra, cheia de melancolica suggestão, derrama-se por tudo. E sob essa atmosphera morna, quieta, fusca, entre-olham-se por instantes. Estendem, ao mesmo tempo, os braços tremulos, e, assim, unidos e confundidos, beijam-se na testa, e esses osculos ahí ficam como os raios de uma estrella palpitante banhando uma ruina solitaria...

Barbosa, vergado sobre o seu amigo, bebia-lhe, syllaba a syllaba, a palavra arquejante e fatigada, e só ergueu, com lento esforço, a cabeça, ao presentir mais

alguem no quarto. De pé, muito bella, e ainda mais branca do que uma estatua de marmore branco, numa dolorosa immobilidade, quedava D. Leonor, a esposa do doente.

— Que lhe dêsse permissão a elle, o ingrato, mas só a elle, de velar pelo marido. Como seria consolador o resgatar por uma dedicação sem pausas o perdido por um tão longo afastamento! Que fosse repousar. Para doente, bastava o Nogueira. E de agora em diante acompanharia a marcha da enfermidade como o astrónomo o curso interessante de um astro. Que fosse repousar, — que dois saccos vasios não se põem em pé

Mas aquella estatua, na qual apenas o fulgor do olhar traia a essencia humana, immovel se conservava. Collocou uma cadeira junto á cama, convidando docemente a divina teimosa que della se servisse. Então, della muito perto, contemplando-a no esplendor da belleza magnifica, sentindo-lhe o halito ardente, a expressão estranha do olhar, o perfume exquisitamente delicioso do corpo admiravel, — perturbou-se. E a si mesmo se censurou dessa fraqueza — que a sua alma, que tão pura ali penetrara, com feio pensamento se maculava. E de novo, com supplicante voz, novo rogo lhe fez. E como magestosa deusa que o Olympo buscasse, D. Leonor, deslizando sobre os tapetes, que se arripiavam ao contacto dos seus pés, á alcova, viuva dos beijos e das caricias do bem amado, penosamente regressava.

Nogueira, deprimido pela enfermidade prolongada e pelo inesperado daquella visita, que fundamente o abalára, placidamente dormia. A' entrada do medico, foi Barbosa que o despertou de um doce e luminoso sonho, que lhe aprovêra sonhar indefinidamente...

— Melhor, muito melhor, affirmou, radiante, o Dr. Amaral, depois de haver, com apurado ouvido, auscultado o cliente.

E como, a esse tempo, surgisse, de physionomia machucada e dolorida, a formosa D. Leonor:

— Melhor, muito melhor... Ha esperanças... Confio na sciencia e em Deus!

Um sorriso angelical illuminou, como um raio tenue do sol agonizante, o lindo rosto a que as vigílias deram uma suavidade de luar pensativo.

Aquelle alvoroço do medico, aquelle doce sorriso da esposa, provocaram uma surda hostilidade interior no improvisado enfermeiro. E sobre o doente inerme e derreado projectou um obliquo olhar de inveja e de odio.

A' noite, circumdada de panno negro a tulipa da luz electrica, para tamizar-lhe a crueza, e envolto o quarto em silencio e sombra, Barbosa recolhia em scismas, fitando a face cadaverica de Nogueira:

— Certo, a Morte ahí estava a fazer a sua amavel pescaria... Mas com que desesperadora lentidão ia colhendo a linha! Se pudesse dar um vigoroso empuxão ao braço libertador...

E como envergonhado e arrependido de tal pensamento, com nervoso gesto parecia enxotar uma ave sinistra e negra que lhe adejasse nalma.

Dias depois, por uma madrugada — que se coava luminosa, num largo riso de ouro fluido, através das venezianas — a respiração do enfermo foi-se tornando estertorosa, e o nariz, que ia afilando, era como uma flôr estranha dos violaceos canteiros que se lhe alargavam em torno. Com uma vela na mão, á altura do rosto, toda irradiante de brancura e de belleza, assomou, como de costume, á porta, D. Leonor, no seu longo e claro roupão, como tecido de nevoas e de espumas — e era um fantasma divino, anjo de invisiveis azas, baixado á terra num raio aureo do sol glorioso que, lá fóra, lindamente resplandecia e cantava um

hymno immenso de pacificação e de amor. Subito, um grito lancinante, sobressaltou aquelle silencio de uma solemnidade claustral. E a esse grito de angustia e de desespero um novo silencio, mais silencioso do que a propria morte, por dilatado tempo pairou no ambiente. Nogueira, depois de haver encarado a companheira adorada, com afflicto e inquieto olhar escancarou a bocca na dolorosa expressão de quem tenta um supremo e inutil esforço de uma declaração derradeira. E estrebuxou com violencia para, em seguida, inteiriçar-se na eterna immobilitade. E ao lado d'elle, estendida e immovel, como dormindo o mesmo somno, estava D. Leonor.

Junto ao leito, de pé, num mixto de alegria feroz e de expectativa ansiosa, Mendes Barbosa contemplava a scena, que o empolgava e que de despeito o fustigava.

Quando, na manhã seguinte — e que maravilhosa manhã de encantador outomno! — Barbosa regressava do cemiterio, recalcou no intimo todo o seu perdido jubilo, e ponde, com a bocca muito longe do coração, murmurar, á guisa de consolo, ao ouvido, que a dôr ensurdecera, da chorosa viuva:

— Duas, as venturas do que morre cedo: a de morrer sem jámais haver pensado na morte, e a de partir sem ter assistido aos funeraes das esperanças e das illusões, que são toda a graça e toda a pocsia da vida...

Mal transcorrera um apressado anno, e já D. Leonor cambiára de sobrenome. Mme. Mendes Barbosa tinha a belleza melancolica do luar. Luminosamente bella na moldura dessa tristeza, com o seu sorriso de crepusculo ennevoado, os olhos cheios de um pranto em represa, obedecia automaticamente ao novo companheiro, sem a mais leve mostra de contrariedade, sem o mais remoto gesto de carinho. A voz do esposo chegava-lhe aos ouvidos confundida com a voz de todos os homens. Dahi, o cravar, nas suas horas de solidão e de extasis, o olhar indagador num ponto distante do horisonte fugitivo, como á espera de uma sombra que surgisse, e apurava o ouvido para colher o som de uma voz mysteriosa e consoladora... E, por isso, tambem, ha mais de anno, nadá alterara em sua casa: os moveis, os quadros, os tapetes, tudo mantinha a mesma ordem que as suas mãos sollicitas e cariciosas haviam dado pela Paschoa do seu primeiro e unico amôr...

A' singular cegueira do Dr. Mendes Barbosa aquillo não passava de caprichos adoraveis de mulher bonita... E a esposa, calada e triste, era, a seus olhos, estouvada e alegre...

Certa vez, em seu escriptorio de advocacia, deu por falta de um documento indispensavel ao correr de uma causa de que era patrono, e cuja exhibição,

na audiencia desse dia, era de capital importancia. Correu á casa. Um sombrio silencio forrava-a toda. E como participando d'elle, o advogado, pé ante pé, chegou ao gabinete, revolveu papeis, e, encontrando o procurado, metteu-o no bolso. Já se dispunha a sahir, quando de ingrato se accusou por não celebrar aquelle hiato do seu labor com um sonoro beijo na testa do anjo querido. E foi ao quarto. Vasio do corpo e do perfume daquella que anciosamente buscava. E ausente da sala de jantar, como da cosinha. Trancada a sala de vistas... Com offegante respiração, o sobressaltado coração em martelladas violentas e desordenadas, as pernas bambas, todo a tremer, o Dr. Mendes Barbosa curvou-se, agoniado, e procurou, com ávido olhar, pelo buraco da fechadura, bispar a causa do estranho caso.

Um feixe, palpitante e dourado, de raios de sol nimbava de um resplendor de santa a fronte pallida da esposa que, ajoelhada, em beatifica postura, mãos em cruz, orava, olhos docemente postos no retrato do ausente, que pendia da parede, e tão com elle parecido que D. Leonor se embalava na grata illusão de vel-o e ouvil-o ainda...

Barbosa escutou, attento, no desespero de surpreender algumas syllabas, ao menos, das palavras apenas ciciadas, e ouviu:

— "Tu és a minha luz consoladora, e a sombra é a saudade da luz..."

Abalou. Fóra da cidade, na tranquilla mudez da tarde, que começava a empallidecer o horizonte, sentiu-se esmagado. Tinha n'alma o horror de uma morte mais horrivel do que aquella que fecha os olhos, tapa os ouvidos, paralyza o coração. E uma tristeza ignota, profunda, invencível o senhoreou — como a de Adão na hora incomparavelmente tragica da expulsão do paraíso...

Alta noite, cauteloso como um ladrão, penetrou na sala, do OUTRO despregou o retrato, o qual, com a cumplicidade da tréva, mysteriosos braços carregaram para mysteriosos sitios.

D. Leonor, pela manhã, como lhe era habito, e primeiro ainda, foi á sala. Ao dar com o vasio do espaço que na parede occupava a téla amada, foi presa de espanto e de horror. Reagindo, esperou, com resignada paciencia, a sua hora de libertadora solidude, e, então, entre preces, entre soluços, entre lagrimas, despediu-se do dono, ainda, do seu coração, porque só então, pela primeira vez, sentiu-o ausente para sempre...

Nunca, até a morte separal-os, nem ella nem elle alludiram, vagamente embora, ao exquisito caso; mas, dia a dia, elle se foi sentindo mais triste naquella casa triste, e D. Leonor cada vez mais fria, cada vez mais silenciosa, cada vez mais indifferente...

APÓSTROPHES PERDIDAS...

A Alvaro Moreyra

Como o céu, todo escuro, se enche de astros,
E se abre, toda em luz, a escuridão,
Homem, repete em ti esse milagre:
— Enche de ideias o teu Pensamento!
— Abre em affectos o teu Coração!

Como a terra sequiosa do nordéste
Dá flôr e fructo, quando o inverno vém,
Homem, repete em ti esse milagre:
— Enflora o teu espirito com o Pranto!
— Fructifica, entre lagrimas, no Bem!

Como o mar, todo escuro, e tempestuoso,
Põe um clarão de espuma em seu furor,
Homem, repete em ti esse milagre:
— Em meio a tempestade do teu Odio,
Mostra um raio de luz do teu Amor!...

RAUL MACHADO.



Quadro offerecido ao Senhor Ministro João Luiz Alves, paranympho da turma, e entregue a Sua Excellencia por uma comissão de bachareis, vinda do Recife

O Prometheu das Selvas

✦ POR ✦ SAUL ✦ DE ✦ NAVARRO ✦



ALAR do Amazonas é evocar um mundo. A' visão dos geólogos surde essa região á maneira maravilhosa de um arremesso titanico da Terra como si fosse uma força desconhecida do planeta, que tem, naquellas selvas dantescas e naquelle dedalo de rios absorvidos pela caudal diluviana do mar dulce, o apogeu

de sua potencialidade cosmica. Para o olhar contemplativo dos poetas e artistas a Amazonia toma o aspecto tragico do **Inferno Verde**, onde, por um paradoxo, impera, ao revez do fogo, a furia das aguas, que se despejam em torrentes e solapam o solo; numa surda ferocidade, dando origem ás **terras cahidas**, que são o mais estranho quadro da voragem do rio-monstro.

Dir-se-ia que os Andes, com a sua escalada de montanhas, virginalmente brancas pelo véo das neves eternas, se transformam no rio fantastico e assumem aquella marcha formidavel das aguas que enfrentam e fazem recuar, espavoridamente, o oceano...

Nessas paragens de assombro, que abrangem uma zona immensa, veuada de rios, borbulhante de seiva, ensombrada pela juba das selvas interminaveis, vagueia uma legião de párias, numa ronda de espectros, a suggerir um exodo de duendes.

Alli é o homem — dil-o Euclides da Cunha, na sua prosa candente — que trabalha para escravizar-se...

Nesse mundo ainda em gestação, futuro habitaculo da especie, ultimo refugio da humanidade, quando, na previsão de Humboldt, o globo chegar á velhice, saudoso do sol, têm o seu exilio voluntario os ex-homens que vão em busca da fortuna e se fazem mendigos perpetuos, porque perdem a liberdade e se tornam escravos.

O Brasil, a Bolivia, o Perú, a Venezuela e a Colombia são, por um capricho topographico e por uma aberração sociologica, os paizes que fornecem, de preferencia, essa leva de vencidos, esse rebanho de infelizes. São os **caucheros**, que cortam a arvore maternal que produz o leite prodigioso da borracha, que foi, até pouco tempo, o **ouro negro** desse Eldorado desfeito; ou o nosso bravo e martyrizado seringueiro. São esses desgraçados a ultima encarnação de um Christo barbaro e inverosimil, porque, ao contrario do Redemptor, se torna escravo e soffre inutilmente...

E' que elles, no conceito euclideano, são os homunculos da civilização.

O Amazonas é, assim, a terra onde os rios rolam e rugem libertos, mas onde o homem captivo tem a volupia da submissão, como si o bestificasse o delirio das aguas que se expandem, se distendem, numa ansia de espaço, e, como bacchantes do abysmo, vencem e cavalgam o mar...

José Eustasio Rivera, que se eleva hoje na Colombia como uma de suas maiores expressões mentaes, escreveu uma novella magistral sobre a vida do **cauchero** na Amazonia. O thema, pela sua propria magnitude, é daquelles que exigem uma penna magica, cujo poder seja capaz de animar o scenario vasto e estupendo, onde se desenrola o drama doloroso da mais iniqua e ignorada angustia humana.

Em **La Vorágine** a musa do eximio poeta colombiano não canta, para dar logar ao protesto viril de um prosador masculino, em cujo estylo flammeja uma inspiração tropical e grita uma consciencia, porque, nessa obra notavel, há o clamor do verbo e a fulgu-

ração do pensamento, no assomo da Justiça e da Beleza.

Nessas paginas esplendidas desenha-se o scenario gigantesco daquelle laeocontico labyrintho de flores-tar serpeadas de rios sonoros, e estremece a vida miseravel dos homens que lá se escravizam até que a morte piedosamente os liberte.

Em meio daquelle immensidade inaudita mais uma vez o homem, confirmando o sarcasmo do sabio, é pequeno e, peor, ridiculo. Naquelle verde infinitamente grande, regido pela musica apocalyptica do rio-mar, o rei dos animaes tem alguma cousa de grotesco e desprezível ao mesmo tempo, isso porque as feras sejam, quiçá, mais humanas...

Ler o romance pujante de Eustasio Rivera é conhecer algo desse conflicto entre o homem e o meio, entre a especie e o maior tablado do globo, onde se encontra, talvez, a virgindade de nosso planeta e, por isso, onde elle é mais violento, mais exuberante e cruel...

O novellista vigoroso descortina esse spectaculo unico da Terra, onde o **cauchero** vive o inferno creado pelo cerebro de Dante, numa intensidade incrível, porque no Amazonas tudo, menos o homem, é estrondosamente grande, é maravilhosamente bello.

○

La Vorágine é a tragedia de um homem, o vilipendio e o martyrio do homem que se exila do mundo para viver em outro, porque os separa a ambos a grandeza fascinante do desconhecido; e, naquelle pedaço mais novo da Terra, onde a vida brada de seiva e esplende de força, elle, evadido da civilização e escravo da esperança, vae, silenciosamente, encontrar a mais tragica das mortes, tendo por mortalha verde o manto imperial das selvas tenebrosas e por funeral o **requiem** majestoso de um diluvio que se faz uma torrente continua e inexoravel...

O Amazonas offerece o assombro cosmogonico de um mundo que se fórma: é o parto de um continente, o berço provavel de uma nova raça esperada pela presciencia da theosophia, estando a plasmar-se alli mais um prodigio da Creação. E é por essa razão que se nos afigura um gigante ainda na infancia, cujo crescimento o força a devorar a terra e a marchar sobre o oceano, levando consigo, na sua fuga pelo Atlantico, a carga cyclopica de montanhas que se dissolvem.

O autor de **La Vorágine** escreveu-a, conforme nos declarou em carta, quando nol-a offereceu, para, tratando do odioso problema da escravidão **cauchera**, despertar, tanto aqui como na sua patria, uma campanha em favor dos indios e trabalhadores brancos que são ignobilmente explorados no recesso das invias selvas amazonicas, porquanto vivem elles, naquelle espantoso deserto branco, povoado pelas vozes estridentes das aguas, desamparados e entregues á violencia deshumana de hediondos capatazes, como victimas da mais atroz das tyrannias.

A leitura empolgante de sua admiravel novella infunde-nos o terror pelo inédito das crueldades que relata e move-nos a piedade por esses pobres espoliados que vegetam naquellas plagas fantasmagoricas, onde a maldade humana supera os males causados pelo destino cégo da fatalidade cosmologica.

Nesse livro forte, de largas e profundas pinceladas goyescas, culmina, antes de mais nada, a eloquencia rude da verdade terrivel, muito embora haja o colorido da arte e o nimbo da beleza. Sentimos, em certos episodios descriptos, o vigor de um desenho doresco e o fogo de uma imaginação dantina.

A acção novellesca serve apenas para urdir o entrecio desse drama soturno, em que, por vezes, passa o clarão sombrio de um numen shakespeariano, ou esse sopro de loucura que nos sacode ao ler as produções torturantes de Dostoiewski, o genio slavo que foi um delirio a convulsionar os dominios da psychologia do crime e que ampliou e deflagrou o horizonte sereno da esthetica.

A novella de Rivera gyra em torno da figura de Arturo Cova, que symboliza a progenie barbara de um Prometheu das selvas...

○

Fugindo da civilização, parte um dia de Bogotá, trazendo por companhia Alicia, typo fragil e precioso de mulher da cidade, donzella que seduz para aquella aventura temeraria, e condul-a ao amago do "cárcere verde". E, em pleno deserto rumoroso das florestas virgens, violentadas pelo estupro dos rios apavorantemente grandes, floresce a idyllial caricia daquelles dois amantes e os une a desgraça no amor, como si nos beijos trocados sentissem o contacto gélico da morte.

Penetram o coração das selvas, sob a allucinação de um mundo estranho e hostil, onde o homem, com a sua realeza precaria, senão ficticia, não passa de um animal inferior e quasi imperceptivel, tamanha é a omnipotencia daquella assombrosa e inegalavel natureza.

Installam-se, depois de una jornada de perigos e revezes, na "fundacion" de La Maporita, no rancho hospitaleiro de Franco, de quem Arturo se torna depois, pela communhão do infortunio, um amigo inseparavel.

Resumir essa historia amarga, que excede as misérias animadas pela penna poderosa de Gorki, impõe-se-nos, para resaltar, em traços rapidos, os lances principaes da obra magnifica.

Arturo vê-se logo envolvido pelo fatalismo de sua nova vida. Um homem perverso, figura typica do explorador daquella gente infeliz, surge no seu caminho, procurando seduzir a ingenua companhia, egressa da sociedade bogotana e contrafeita naquelle meio brutal. O ciúme crava-lhe o punhal e torna-o a elle, um intellectual desencantado, que fôra espai-recer o tedio no deserto, o macho na violencia do instincto e na fereza do egoismo carnal.

O abutresco individuo chama-se Barrera e é um bandido sob o impulso atavico de todas as taras e de todos os vicios.

E rememora o passado, a primavera de seu amor em perigo, sob o dominio exclusivo da magua, porque "a alma é como o tronco da arvore, que não guarda memoria das florações passadas, senão das feridas que lhe abrem na casca".

Passado algum tempo, na ausencia dos maridos, Barrera rapta-lhe a esposa e leva tambem, como prisioneira, Griselda, a mulher de Franco.

Arturo e o outro, irmanados no odio pelo inimigo e sedentos de vingança, abandonam o lar que se desfaz num incendio, ateadado pelo desespero da trahição soffrida, e partem em busca do perfido adversario, senhor de suas esposas roubadas.

Começa, então, a odysséa macabra. E embre-nham-se na selva. Rivera faz-lhe, nesse momento, uma invocação, da qual reproduzimos unicamente estas palavras que a glorificam: "Tens a adustez da força cosmica e encarnas um mysterio da criação."

○

Depois de ligeira convivencia com uma tribu aborigene, nos platanaes sylvestres de Macucuana, proseguem a sua marcha atravez do desconhecido, viajando sem norte, como cegos errantes, tendo só por horizonte visual a limitação do azul diaphano do céu e o verde indefectivel da floresta sem fim. Encontram, afinal, um guia providencialmente: Heli Mesa, quando sobem um rio em canôa. Pelo trajecto vão, aqui e alli, deparando as victimas inermes, que foram caucheros de um feitor implacavel e que agora o são de outro não menos deshumano.

Veja-se este quadro horresco, digno de figurar no Jardim dos Supplicios, de Mirbeau, e, para maior

relevo, no proprio idioma em que foi escripto: Eil-o contado pelo guia:

"En el bongo de las mujeres van los chicuelos, a pleno sol, sin otro recurso que el de mojarse las cabecitas para no morirse carbonizados. Parten el alma con sus vagidos, tanto como las súplicas de las madres, que piden ramas para taparlos. El dia que salimos al Orinoco, un niño de pechos lloraba de hambre. El Matacano, al verlo lleno de chagas por las picaduras de los zancudos, dijo que se trataba de la viruela, y, tomándolo de los pies, volteólo en el aire y lo echó a las ondas. Al punto, un caiman lo cogió en la jeta, y, poniendose a flote, buscó la ribera para tragarselo. La enloquecida madre se lanzó al agua y tuvo igual suerte que la criatura. Mientras que los centinelas aplaudian la diversión, logré zafarme las ligaduras, y, rapándole el grazt al que estaba cerca, le hundi al Matacano la bayoneta entre los riñones, lo dejé clavado la borda, y, en presencia de todos, me tiré al rio.

Los crocodilos se entretuvieron con la mujer. Ningún disparo hizo blanco en mi. Dios premió mi venganza y aqui me tienen!"

○

A novella contém, além disso, um precioso repositorio de lendas e abusões do folk-lore amazonico, sobreshindo a historia de Mapiripana, sacerdotiza india, que zela os mananciaes e as lagunas, vivendo dianicamente virgem nas selvas espessas; e, devido a essa deusa protectora, especie de nympha barbara, o Orinoco e o Amazonas possuem tributarios.

Lastimamos não poder deixar aqui transcripta essa lenda primorosa, recolhida pelo grande escriptor.

Os peregrinos heroicos, naufragos da selva, proseguindo a sua derrota pela vastidão insodavel daquelle intermino deserto fecundo, após longos dias de caravanar incessante, encontram um Rei Lear encarnado e mais tragico na sua desventura paterna: o ancião Clemente Silva, que a edade avançada e um pathetico soffrimento alquebrantam.

A vida desse velho cauchero, desse extraordinario martyr, vale por um symbolo vivo da escravidão e dos horrores amazonicos.

Vivia feliz com a familia, na Colombia, quando, para vingar a honra da irmã seduzida por um malvado que a raptára, abandona o lar o filho querido, o Luciano, que se fôra para castigar o infame seductor. Foi o desmoronamento do lar e de sua unica felicidade. Consumido de dôr, imagem viva da saudade e do desespero, Clemente Silva, depois de ver morrer a esposa, que não resistiu áquella suprema angustia, fez a sua entrada no inferno amazonico, desaparecendo no amago de suas selvas tetricas e, desde o Potumayo, foi seguindo ás pégadas do filho perdido. Tornou-se cauchero e envelheceu escravo! Quanto tempo levou esse épos eschyliano da desgraça de um pae em paroxysmo? Trabalhou 16 annos na miseria, na escravidão e na dôr esse Christo sylvestre!

Não encontrou o seu Luciano, que a selva sacrificára em plena juventude, encarnada numa mulher bella e demoniaca, a turca Zoraida Ayram, especie de Nemesis selvagem e serpente damninha que se duzia homens a troco de caricias e bugigangas, tornando-se amante dos exploradores do cauchero e senhora absoluta daquelle mundo, onde nem o Brasil, nem qualquer outro paiz lindante exerce soberania, porque nelle impera tão sómente a lei do mais forte e, mais que isso, a dictadura absoluta do Terror.

Depois desse commovedor tormento, restou-lhe o consolo de achar os ossos do filho, e aonde vae leva aos hombros encurvados aquelle thesouro funebre, aquella sagrada reliquia!

E foi assim que o encontraram Arturo e Franco, que ouviram emocionados a sua historia impressionante, tornando-o, desde essa hora, companheiro de sua lugubre odysséa.

○

Qual a exploração dos empregarios de caucheros? Clemente Silva nol-o diz: cada empregario tem caneyes, que servem ao mesmo tempo de vivendas e de bodegas. Nesses depositos ou barracas são guardados o cauchero, as mercadorias e as provisões, e nelles moram os capatazes e as suas amázias.

Senhor
José
Eustasio
Rivera



Autor
de
"La
Vorágine"

O pessoal que trabalha compõe-se, em sua maioria, de indígenas, e **enganchados**, que, segundo as leis da região, não podem trocar de dono num prazo mínimo de dois annos.

Cada individuo tem uma conta na qual se lhe debitam os gastos forçados — ferramentas, alimentos, etc. — e se lhe credita o **caucho** que traga, a que o amo fixa um preço irrisorio. Jámais **chauchero** algum sabe quanto lhe custa o que recebe nem quanto lhe abonam pelo que entrega, pois o empregario o torna um devedor irremissivel e perpetuo. Esta escravidão **sui generis** anniquilla a vida de milhares de homens e é transmissivel (!) aos herdeiros. A lei allí é o argumento da **Winchester**.

Varias são as fórmas da exploração: roubam-lhes o **caucho**, arrebatam-lhes as filhas e as esposas, são mandados a trabalhar em **caños** pauperrimos, donde não podem extrahir a gomme exigida, dando isto motivo a insultos soezes, maus tratos, castigos chinescos, e, quasi sempre, á pena summaria da morte. E as febres palustres, os desastres, os castigos inconscientes da própria natureza? São multiplos os flagellos da selva: ora o perigo das feras, dos incendios e das catastrophes climaticas; ora o caustico do sol, a picada das sanguessugas, que se espalham por todos os pantanos, a mordedura das terriveis **tambochas**, formigas tão venenosas como os escorpiões, a espetadela acerba dos espinhos e mil outros maleficios terrificantes.

A vida dos **caucheros** deixa a perder de vista o martyrio dos christãos primitivos, que depois a Egreja Romana beatificou, dando-lhes a aureola dos santos, bem como os demais flagicios que a historia e as lendas rememoram. Elle vive a ferir as arvores fortes, "que **tienen sangre blanca como los dioses**"; mas acaba por dar em troca o seu proprio sangue. De

resto, soffrem o mais terrivel supplicio: o delirio da floresta. E' que a selva exicial ultrapassa o assombro e as torturas do **Inferno** dantesco. Os **caucheros** são perseguidos por essa multidão de fantasmas verdes. As arvores caminham, imprecam, choram, gargalham, applaudem e apupam!

A' visão desses somnambulos de olhos abertos de espanto a floresta lhes surge com os sortilegios de uma cabalistica magia verde... "Esta selva sádica y virgen — narra o autor de **La Vorágine** — provoca al ánimo la alucinación del peligro proximo. El vegetal es un ser sensible cuya psicología desconocemos. En estas espesuras, cuando nos habla, sólo entiende su idioma el presentimiento. Bajo su poder, los nervios del hombre se convierten en haz de cuerdas, distendidas hacia el asalto, hacia la traición, hacia la asechanza. Los sentidos humanos equivocan sus facultades: el ojo siente, la espalda ve, la nariz explora, las piernas calculan y la sangre clama: Huyamos, huyamos!"

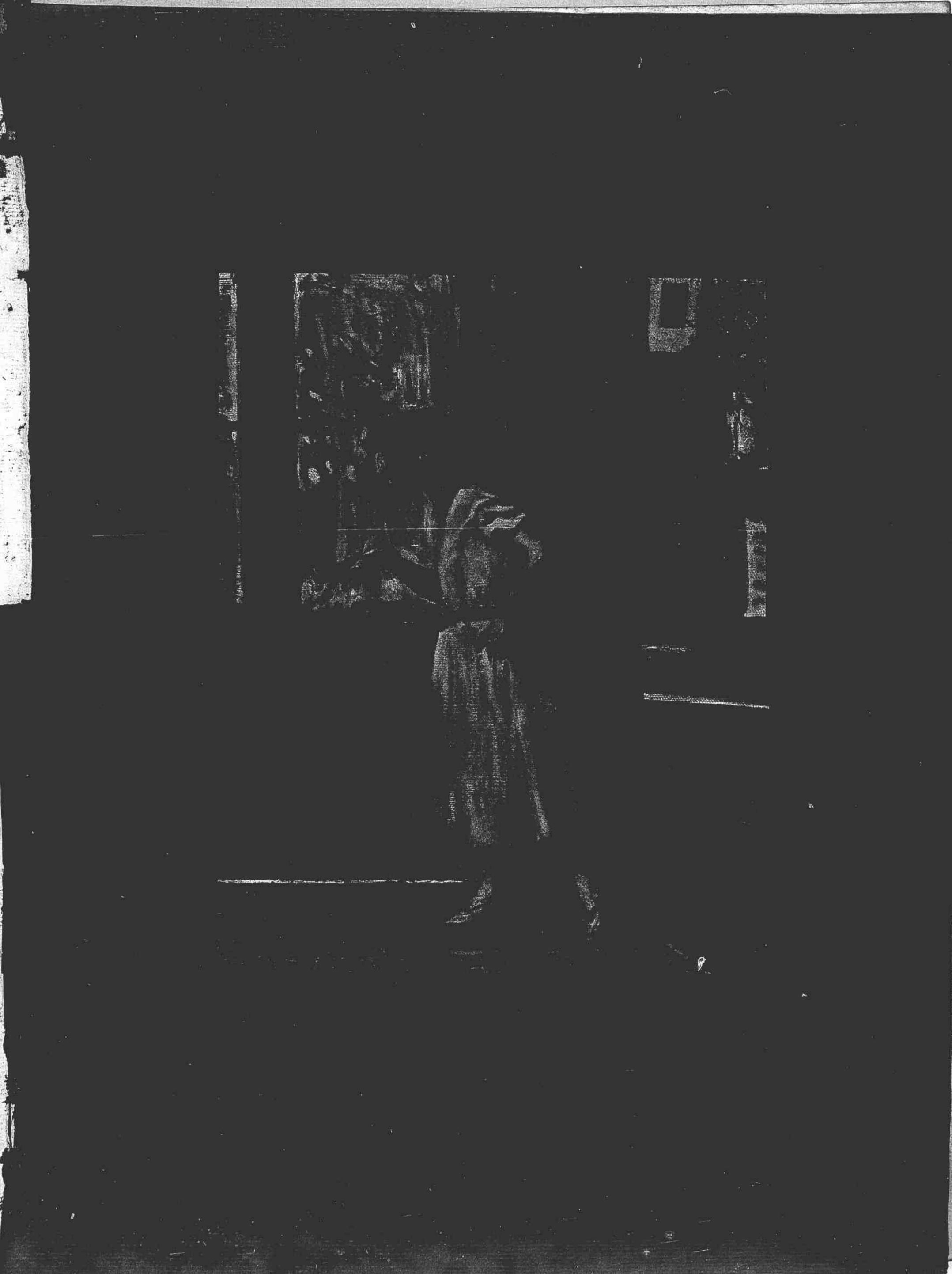
Arturo e Franco, depois de varios mezes, ou melhor, cerca de um anno, após uma via sacra pelas selvas, como bandeirantes da morte, conseguem, afinal, encontrar as esposas desventuradas; e Arturo executa a sua vingança, dando caça a Barrera, que, nú, se banhava num rio, depois de uma luta tremenda, titanica, sem testemunhas.

Arturo Cova — appellido fatidico! — regressa, tornando á floresta, para volver á patria e ser feliz.

O casal, numa canôa, inicia a sua viagem maravilhosa pelos rios que cortam aquellas paragens pittonicas, por esses rios que são os unicos caminhos, caminhos que andam e que cantam...

Depois de cinco mezes, ninguem lhes sabe o destino. Não ha rastro delles.

Devorou-os a selva!



1º de Maio

Reis Carvalhos



DESDE os seus primórdios, empregou-se a espécie humana em modificar o mundo em seu proveito, em agir sobre a Terra para utilizá-la, em trabalhar enfim. Mas, se no primeiro estado da civilização, no fetichismo inicial, todos trabalham para todos; a proporção que foi evoluindo a Humanidade, foram-se também diferenciando os agentes do trabalho. Como o homem produz mais do que consome e os productos duram mais do que é necessário para serem substituídos — o que constitue as duas leis capitais da economia politica, dois theoremas fundamentaes da estatica social ou sociostática — ao lado dos que actuam directamente sobre a Terra dos trabalhadores, propriamente ditos, surgiram os que accumulam o excesso de produção, os que conservam e administram essa accumulção, os que trabalham na gestão della, os trabalhadores do capital, os capitalistas. E, como o numero e a intensidade dos pendores egoistas é muito superior ao numero e á necessidade dos pendores altruistas, em vez de haver espontanea e intima harmonia entre as duas categorias de agentes economicos — o trabalhador e o capitalista — estabeleceu-se continua luta, luta millenar entre o capital e o trabalho. Atravéz dos tres institutos sociaes — a escravidão, a servidão e o salariato — o trabalhador tem sido um revoltado perenne contra o capitalista, e o capitalista um tyrano perenne contra o trabalhador. Não obstante, a propria successão dos tres regimens economicos mostra que o altruismo foi pouco a pouco dominando o egoismo inicial, que o assalariado de hoje, apesar de todos os seus soffrimentos, está em melhores condições do que o servo medioevo, ou o escravo antigo.

Resultado da secular oppressão do forte contra o fraco e da secular revolta do fraco contra o forte, avultam as guerras dos escravos na antiguidade, as rebeliões dos servos na idade-media, e as greves dos assalariados nos tempos modernos. E justo é reconhecer que se, só por si, o recurso á violencia, ás insurreições, não têm determinado a libertação successiva dos trabalhadores, contribuíram comtudo e tem contribuído para a sua progressiva emancipação. Infelizmente, dada a imperfeição da nossa natureza, mesmo na era normal, quando uma doutrina religiosa, uma synthese universal, ligar e religar homens e povos, e fôr preceito livre e unanimemente reconhecido aquelle do philosopho maximo — *submissão dos fracos aos fortes e dedicação dos fortes aos fracos* — ainda então, embora excepçoes, serão necessarias as insurreições, as revoltas serão uteis.

Foi um desses movimentos sediciosos, revolta do trabalho contra o capital, dos trabalhadores contra os capitalistas, dos operarios contra os patrões, uma greve de assalariados, que rebentou, estondosamente em Chicago no dia 1º de Maio de 1886.

Era o objectivo da parade, a consecução do dia de 8 horas, o qual vinha sendo propugnado no Occidente, havia annos, e especialmente nos Estados Unidos, por diversas sociedades operarias, entre outras pela *Liga das 8 horas pelos Cavalleiros do Trabalho* e pela *Associação Internacional dos Trabalhadores*. Preparada durante dois annos antes, porque fôra resolvida num Congresso reunido em Outubro de 1884, quando estalou, foi de uma formidabilidade excepcional, a greve geral de 1º de Maio.

Nesse dia, dois comicios monstros, de 15.000 adherentes cada um, realizam-se ao mesmo tempo em New-York e em Chicago. (1) No de Chicago, a intervenção da policia, disparando contra a multidão, provoca-lhe a defesa mediante barricadas, pedraças e tiros. Publicam-se violentos protestos contra a conducta dos agentes do Governo e convocam-se novos comicios. Num destes, em 4 de Maio, falam diversos oradores condemnando vehementemente o attentado policial contra os grevistas. Ouve-os a policia que, presente, mantém a ordem. Nisto, explode uma bomba; mata um policial e fere sessenta. E' o signal do conflicto. Percorrendo as ruas de Chicago, numa incontida ancia de vingança, os soldados ferem e matam a torto e a direito com a complacencia da burguezia bem installada na vida, que não via ou não queria ver senão os effeitos lutosos da greve, e não as causas que a tinham determinado; não attendia a que o lançamento da bomba homicida fôra talvez menos um acto de desespero da multidão ultrajada e ferida na vespera pelos policiaes, do que um estratagemma de agentes provocadores do capitalismo. A desforra foi implacavel: todos os comicios prohibidos; os jornaes socialistas e anarchistas supprimidos; os oradores do concião de protesto, encarcerados e perseguidos. Installou-se então processo contra os responsaveis pelos crimes occorridos nesse concião, especialmente contra os suppostos autores da morte e dos ferimentos. Nada de positivo foi apurado. Entretanto, como era azada a occasião para vingarem-se dos propagandistas de idéas sociaes ultra-revolucionarias, os quaes eram redactores dos jornaes supprimidos e tinham sido oradores protestantes no meeting onde occorrem as scenas de sangue — foram julgados e condemnados oito socialistas anarchistas: cinco á morte — Jorge Engel, Augusto Spies, Adolfo Fischer, Alberto Parsons, Luiz Lingg; dois á prisão perpetua — Miguel Schwab e Samuel Fielden; um a 15 annos de reclusão — Oscar Neebe.

Executada a sentença em 11 de Novembro de 1887, a innocencia dos condemnados foi tres annos depois reconhecida pelos proprios representantes do poder que os matou e encarcerou. Em 1890, o governador do Illinois, John Altgeld, mediante a revisão do processo, proclamou a nenhuma criminalidade das victimas. Mas, essa medida só aproveitou objectivamente aos que tinham sido privados da liberdade;

os quaes foram soltos depois de tres annos de prisão. Para os suppliciados chegou tarde. Para todos foi incompleta reparação. Os assassinos e as prisões de innocentes ficaram impunes. Os criminosos juizes que mandaram ao patibulo e ao carcere victimas sem culpas, cujo crime era apenas abraçarem e predicarem idéas differentes das que vigoram nos meios burguezes, não tiveram o justo e necessario castigo da sua infamia.

E' digno de toda glorificação o estoicismo dos martyres diante dos seus algozes. Quaesquer que sejam as divergencias que se possam oppôr aos ideaes por elles defendidos, não ha coração verdadeiramente humano que se não sinta deslumbrado pela coragem e pela firmeza dos oito heroes da anarchia.

Ouçamos-lhes algumas das palavras proferidas perante o tribunal dos verdugos.

— "Em que consiste o meu crime? pergunta Engel.

"Em que tenho trabalhado para o estabelecimento de um systema social onde seja impossivel o facto de que, emquanto uns amontoam milhões, aproveitando-se das machinas, outros caíam na degradação, na miseria. Assim como a agua e o ar são livres para todos, assim tambem a terra e as invenções dos homens de sciencia devem ser utilizadas em beneficio de todos. As vossas leis estão em opposição com as da natureza, e mediante ellas roubaes ás massas o direito á vida, á liberdade e ao bem-estar.

"Não combato individualmente os capitalistas, combato o systema que lhes dá o privilegio. Meu mais ardente desejo é que os trabalhadores saibam quaes são os seus inimigos e quaes são os seus amigos. Tudo o mais eu desprezo; desprezo o poder de um governo iníquo, os seus policiaes e os seus espias..." (2)

— "Ao dirigir-me a este tribunal, fala Spies, faço-o como representante de uma classe em frente de outra classe inimiga e começarei com as mesmas palavras que um personagem veneziano pronunciou, ha cinco seculos, perante o Conselho dos Dez, em occasião semelhante: *Minha defesa é a vossa accusação; meus pretensos crimes são a vossa historia!*..."

"E' a anarchia que aqui se julga!" insistis. Pois bem, isso me agrada: eu me sentencio, porque sou anarchista.

"Eu creio como Buckle, como Taine, como Jefferson, como Emerson, como Spencer e muitos outros grandes pensadores do seculo, que o estado de castas e classes, o estado onde umas classes vivem a expensas do trabalho de outra classe — ao qual chamaes *ordem* — eu creio, sim, que esta barbara fórma da organização social, com seus roubos e seus assassinatos legaes está proxima a desaparecer e deixará desobstruida a passagem a uma sociedade livre, associação voluntaria, ou fraternidade universal, se o preferis.

"Podeis, pois, sentenciar-me, illustre juiz, porém, ao menos, saiba-se que no Illinois oito homens foram condemnados á morte por creírem num futuro bem-estar, por não perderem a fé na victoria final da Liberdade e da Justiça!..."

"Esta sentença lançada contra nós é o anatema das classes ricas sobre as suas espoliadas victimas, o immenso exercito dos assalariados. Mas se acreditaes que enforcando-nos podeis conter o movimento operario, esse movimento constante em que se agitam milhões de homens que vivem na miseria, os escravos do salario; se esperaes salvação e o acreditaes, enforcaes-nos!... Vós vos achaeis aqui sobre um vulcão, e ali e acolá, em baixo e ao lado, e em todas as partes fermenta a Revolução. E' um fogo subterraneo que mina tudo. Não podeis entender isso. Não acreditaes nas artes diabolicas como nossos antecessores, mas acreditaes nas conspirações, acreditaes que tudo isto é obra dos conspiradores. Assemelhae-vos ás crianças que procuram a sua imagem atrás do espelho. O que vedes em nosso movimento, o que vos assusta, é o reflexo de vossa maligna consciencia. Quereis destruir os agitadores? Aniquillaes pois, aos patrões que accumulam fortuna com o trabalho dos operarios, acabaes com os detentores da terra que amontoam thesouros com as rendas que arrancam aos miseraveis e esqualidos lavradores, supprimi as machinas que revolucionam a industria e a agricultura, que multiplicam a produção, arruinam o productor e enriquecem as nações; enquanto o criador de tudo isso anda no meio, enquanto o Estado prevaleça, a fome será o supplicio social. Supprimi o caminho de ferro, o telegrapho, o telephone, a navegação a vapor, supprimi a vós mesmos, porque excitaes o espirito revolucionario... Vós e sómente vós sois os conspiradores e os agitadores!..."

"Já expuz minhas idéas. Constituem uma parte de mim mesmo. Não posso prescindir dellas e ainda que o quizesse não o poderia. E se pensaeis que, mandando-nos á forca, haveis de aniquillar essas idéas, que dia a dia ganham mais terreno; se mais uma vez applicaeis a pena de morte pelo atrevimento de dizer a verdade — e vos desafiameis a que demonstreiis termos mentido algumas vezes — eu vos digo: se a morte é a pena que impondes por proclamar a verdade, então estou disposto a pagar tão caro pego. Enforcaes-nos! A verdade crucificada em Socrates, em Christo, em Giordano Bruno, em João de Huss, em Galileu, ainda vive; esses e muitos outros nos procederam no passado. Estamos dispostos a seguir-os!" (3)

— "Tenho que protestar contra a pena de morte que me impondes, clama Fischer, porque não commetti nenhum crime. Fui aqui tratado como assassino e só se me provou que sou anarchista. Repito, pois, que protesto contra essa barbara pena, porque não me provastes crime algum. Mas se tenho que ser enforcado por professar as idéas anarchistas, pelo amor

á liberdade, á igualdade, á fraternidade, então nada tenho que objectar. Se a morte é a pena correlativa á nossa ardente paixão pela liberdade da especie humana, então digo bem alto: Podeis dispor da minha vida!..."

"Se crêdes que com este barbara veredicto aniquillaes os anarchistas e a anarchia, laboraes em erro, porque os anarchistas estão dispostos a morrer sempre pelos seus principios e estes são immortaes. Esse veredicto é um golpe de morte dado á liberdade de imprensa, á liberdade de pensamento, á liberdade da palavra neste paiz. O povo tomará nota." (4).

— "Accusam-nos ostensivamente de assassinos, diz Parsons, e nos condemnam como anarchistas..."

"Pois bem: eu sou anarchista.

"Que é o socialismo ou a anarchia? Brevemente definido é o direito dos productores ao uso livre e igual dos instrumentos do trabalho e o direito ao producto do seu trabalho. Tal é o socialismo. A historia da Humanidade é progressiva; e, ao mesmo tempo, evolucionista e revolucionaria. A linha divisoria entre a evolução e a revolução jámais pôde ser determinada. Evolução e revolução são synonymos. A evolução é o periodo de incubação revolucionaria. O nascimento é uma revolução; seu processo de desenvolvimento, a evolução.

"Primitivamente, a terra e os demais meios de vida eram communs a todos os homens. Houve depois uma mudança por meio da violencia, do roubo e da guerra. Mais tarde a sociedade dividiu-se em duas classes: senhores e escravos. Em seguida veiu o systema feudal e a servidão. Com o descobrimento da America transformou-se a vida commercial da Europa, e, abolida a servidão, seguiu-se-lhe o systema do salario. O proletariado nasceu na Revolução Franceza de 1789 e 1793. Foi então que pela primeira vez se proclamou a liberdade civil e politica... Ao folhear a historia, vê-se que o seculo XVI foi o seculo da luta pela liberdade religiosa e de consciencia, isto é, a liberdade do pensamento; que os seculos XVII e XVIII foram o prologo da grande Revolução Franceza, a qual, proclamando a Republica, instituiu o direito á liberdade politica; e hoje, seguindo as leis eternas do progresso e da logica, a luta é puramente economica e industrial e tendê á suppressão do proletariado, da miseria, da fome e da ignorancia. Somos aqui os representantes dessa classe prestes a emancipar-se, e não é porque nos enforqueis que deixará de verificar-se o inevitavel progresso da Humanidade... Que é a questão social? Não é um assumpto de sentimento, não é uma questão religiosa, não é um problema politico, é um facto economico externo, um facto evidente e innegavel. Tem, sim, os seus aspectos emocionaes, religiosos e politicos; mas a questão é, em sua totalidade, uma questão de pão, do que diariamente necessitamos para viver. Tem suas bases scientificas, e eu vou exporvos, segundo os melhores autores, os fundamentos do socialismo.

"O capital, capital artificial é o excesso accumulado do trabalho, é o producto do trabalho. A fundação do capital reduz-se actualmente em apropriar-se o capitalista e confiscar para o seu uso exclusivo e seu beneficio, o excesso do trabalho dos que criam toda a riqueza. O capital é o privilegio de uns quantos e não pôde existir sem uma maioria, cujo modo de vida consiste em vender seu trabalho aos capitalistas. O systema capitalista está amparado pela lei, e de facto a lei e o capital são uma mesma cousa.

"E que é o trabalho? O trabalho é um exercicio pelo qual se paga um prego chamado salario. O que o executado, o operario, vende-o para viver, aos consumidores do capital. O trabalho é a expressão da energia e do poder productor. Esta energia e este poder hão de vender-se a outra pessoa, e nessa venda consiste o unico meio de existencia para o operario. O unico que possui e que na realidade produz para si é o seu jornal, a sua diaria. As sedas, os palacios, as joias são para os outros. O excesso de seu trabalho não se lhe paga; passa intacto aos açambarcadores do capital.

"Esse é o vosso systema capitalista..."

"Acreditaes, senhores, que quando os nossos cadaveres tenham sido rojados á cova estará tudo acabado? Acreditaes que a guerra social se acabará estrangulando-nos barbaramente? Ah, não! Sobre o vosso veredicto dominará o do povo americano e o do mundo inteiro, para demonstrar a vossa injustiça e as injustiças sociaes que nos levam ao cadafalso; dominará o veredicto popular, para dizer que a guerra social não termina por tão pouca cousa." (5).

— "Não, não é por um crime que nos condemnaes á morte, exclama Lingg, é pelo que aqui se disse em todos os tons, é pela anarchia, e já que é por nossos principios que nos condemnaes, eu grito sem temer: *sou anarchista!*

"Accusae-me de desprezar a lei e a ordem. E que significam a lei e a ordem? Seus representantes são os policiaes e entre estes existem muitos ladrões... Repito que sou inimigo da ordem actual e que a combatarei com todas as minhas forças enquanto tiver alento. Declaro outra vez, franca e abertamente, que sou partidario dos meios de força... Permitti vos assegurar que morro feliz, porque estou certo de que centenas, milhares de operarios a quem tenho falado, recordarão minhas palavras, e, quando fôrmos enforcados, elles farão estalar a bomba. Nesta esperança vos digo: *desprezo-vos, desprezo a vossa ordem, as vossas leis, a vossa força, a vossa auctoridade...* Enforcae-me!" (6).

— "Denominar justiça os procedimentos seguidos neste processo, seria uma burla — affirma Schwab... Dizeis que a anarchia está processada, e a anarchia é uma doutrina hostil á força bruta, e opposta ao presente systema de produção e distribuição da riqueza... Que é anarchia? Um estado social em que

(1) — CHARLES RENAULT. — *Histoire des greves*, pag. 215.

(2) — RICARDO MELLA. — *Questiones sociaes*, pags. 223-224.

(3) — *Ibidem*, pags. 200-203-204-205.

(4) — *Ibidem*, pags. 213-216-217.

(5) — *Ibidem*, pags. 235-237-238.

(6) — *Ibidem*, pags. 220-221.

Pequena explicação

Entre os collaboradores da ILLUSTRACÃO BRASILEIRA está, com muita honra para nós, o Senhor Carlos Porto Carreiro. Não conhecemos pessoalmente o nobre poeta. Os seus trabalhos, aqui publicados, foram remetidos: uma vez pelo Senhor Raul Pederneiras, outra vez pelo Senhor Max Fleiuss, e, ainda outra vez, vieram pelo Correio, copiados á machina: quatro sonetos. Mandámos compôr o original, que appareceu na edição de Novembro do anno passado. Dias depois de posto á venda o numero, o Senhor Carlos Porto Carreiro esteve na gerencia desta Empresa e deixou dito que vira, surpreso, a pagina da ILLUSTRACÃO BRASILEIRA, que a agradecia, mas precisava dizer que um dos sonetos, começado pelo verso:

“Sempre tiveste o coração vasio”

elle nunca o escrevera! Informados disso e sentindo que o Senhor Carlos Porto Carreiro tinha sido victima de uma infamia, não quizemos dar ao autor della o prazer de um commentario. Agóra, infelizmente, somos forçados a divulgar o caso.

Um jornalista ingenuo do Maranhão teve a toleima de “descobrir” que o tal soneto pertencia a uma poetisa local e que o Senhor Carlos Porto Carreiro o plagiara!!!

Aqui e no resto do Brasil ninguem pensaria assim... Sobre tudo porque o soneto que não foi escripto pelo Senhor Carlos Porto Carreiro é inferior aos outros que foram escriptos pelo Senhor Carlos Porto Carreiro.

S6.

todos os seres humanos façam o bem pela simples razão de que é o bem e repilam o mal porque é o mal. Em tal sociedade, não são necessarios nem as leis nem os mandatos... E' um erro empregar a palavra anarchia como synonymo de violencia, pois são cousas oppostas. No presente estado social, emprega-se a violencia a cada momento, e por isso nós tambem propagamos a violencia, porém, sómente contra a violencia, como um meio necessario de defesa... A anarchia é a ordem sem governo. Nós, os anarchistas, dizemos que o anarchismo será o desenvolvimento e a plenitude da cooperação universal (communismo). Dizemos que quando a pobreza tenha sido eliminada e a educação seja integral e de direito commum, a razão será soberana. Dizemos que o crime pertencerá ao passado e que as maldades daquelles que se extraviaram, poderão ser evitadas de modo diverso ao de nossos dias. A maior parte dos crimes são devidos ao systema dominante, que produz a ignorancia e a miseria. Nós, os anarchistas, cremos que se avizinham os tempos em que os explorados reclamarão os seus direitos aos exploradores, e cremos ainda que a maioria do povo, com o auxilio dos homens rudes das cidades e da gente simples dos campos se rebelarão contra a burguezia de hoje. A lucta, em nossa opinião, é inevitavel.” (7).

— “Se me julgaes convencido de haver pronunciado o socialismo — diz Fielden com desassombro — eu não no nego, então enforca-me por dizer a verdade.

“Se quereis minha vida por invocar os principios do socialismo e da anarchia, como entendo e creio honradamente que os tenho invocado em favor da Humanidade, vol-a dou contente e acredito insignificante o preço ante os resultados grandiosos do sacrificio.

“Amo meus irmãos, os trabalhadores, como me amo a mim mesmo. Odeio a tyrania, a maldade e a injustica. O seculo XIX commette o crime de enforcar seus melhores amigos. Não tardará em soar a hora do arrependimento. Hoje o sol brilha para a Humanidade; mas, posto que para nós não possa illuminar mais ditosos dias, considero-me feliz ao morrer, sobretudo se minha morte puder adiantar um só minuto a chegada do dia venturoso em que aquelle bribe melhor para os trabalhadores. Creio que chegará o tempo em que sobre as ruínas da corrupção se levantará a esplendorosa manhã do mundo emancipado, de todos os monstruosos anachronismos da nossa época e das nossas caducas instituições.” (8).

— “Digo-vos frente a frente e bem alto, — grita Neebe voltando-se para um capitão da policia americana, e depois de se haver referido ao roubo de relógios e dinheiro, em casas varejadas pela policia — vós sois um ladrão. Sois um anarchista segundo o modo por que entendeis o anarchismo. Todos vós, nesse sentido, sois anarchistas.

“Achastes em minha casa um revolver e uma bandeira vermelha. Provastes que organizei associações operarias que trabalhei pela redução de horas, que fiz quanto pude para tornar a publicar o *Arbeiter Zeitung*; eis ahí os meus delictos. Pois bem: penaliza-me a idéa de que me não enforqueis, illustres juizes, porque é preferivel a morte rapida á morte lenta em que vivemos. Tenho familia, tenho filhos, e se sabem que o seu pae morreu choral-o-hão e recolher-lhe-hão o corpo para enterral-o. Poderão visitar-lhe o tumulo, mas, em caso contrario, não poderão entrar no presídio para beijar um condemnado por um delicto que não commetteu. Eis tudo que tenho a dizer. Supplico-vos: deixae-me participar da sorte dos meus companheiros! Enforca-me com elles!” (9).

Mantendo sempre a mesma incomparavel firmeza, aguardaram o dia da execução. Todos, ou quasi todos, protestaram contra os pedidos de clemencia, dizendo bem alto que nenhum crime haviam commettido; que o seu delicto era serem socialistas revolucionarios, era serem anarchistas, e pelo anarchismo morriam contentes.

“Em nome dos fóros da Humanidade, protesto contra a petição de clemencia, porque a minha consciencia, tranquilla e inalteravel, diz-me que não precisa della”, são palavras de Engel ao governador Oglesby.

“O desprezo que sinto pelo actual systema de exploração e meu desinteressado amor pela verdadeira liberdade, obrigam-me a não pedir nem permittir peçam por mim nenhuma classe de clemencia... Não podendo escapar da morte sem faltar aos meus principios, espero-a com calma e até com entusiasmo, pois considero quanto será ella proveitosa á causa

da Anarchia.” São trechos de uma carta de Lingg ao amigo, alguns dias antes de deixar a vida.

“Não posso pedir perdão nem recebê-lo, sem perder o direito á minha propria consideração. Se não posso obter justiça, se não posso voltar ao seio da minha familia, prefiro que se execute a sentença.” E' o que Fisher escreve ao governador Oglesby, dez dias antes da execução. A esse mesmo verdugo dirige-se Spies, cinco dias antes do martyrio, aconselhando-o a que não mate innocentes, cujo crime consistia em ter a convicção das suas idéas, e conclue com este rasgo de summo altruismo: “E se o assassinato legal é necessario, contentae-vos com um; possa apenas o meu sangue saciar a vossa sede.”

Finalmente, Parsons lança este immortal protesto: “Estou disposto a morrer por meus direitos e pelos direitos de meus companheiros; mas repellirei sempre com energia o ser condemnado por falsas e não provadas accusações; assim é que não posso aceitar o esforço que se faz para commutar a sentença de morte na de prisão perpetua. Tambem não approvo nenhuma outra appellação perante a lei, porque entre o capital, que é aqui o legal, e os tribunales, sempre ha de ser a decisão conforme ao gosto dos que possuem. Appellar para elles seria a humilhação do escravo diante do senhor que o tyrantiza. Não soube que era anarchista até que me levaram aos tribunales; foram estes que m'o fizeram ver claramente. Não peço clemencia; só quero justiça. Terminarei repetindo as palavras de Patrick Henry: “Dae-me a liberdade ou dae-me a morte.” (10).

Com esse inquebrantavel animo, affrontaram o carrasco no acto da morte. E houve um, Lingg, que se não sujeitou á ignominia da forca. Repetiu o gesto de Condorcet: suicidou-se na prisão.

Os outros quatro, cantando a *Marselheza*, subiram serenamente ao patibulo, enviando ás esposas e aos filhos palavras de commovida saudade; mas todos consagraram o ultimo pensamento á causa por que morriam.

Foram estas as suas phrases derradeiras: Spies — Salve, tempo em que o nosso silencio será mais poderoso do que as nossas vozes que hoje soffocam com a morte!

Fisher — Viva a Anarchia!
Engel — Hurra! pela Anarchia!

Parsons — Deixae que se ouça a voz do povo! Enquanto isso, Schwab e Fielden, indultados da pena de morte, eram recolhidos ao carcere como condemnados á prisão perpetua, e Neebe, preso como sentenciado a quinze annos de reclusão.

E assim terminou no anno de 1887 da era catholica e 98ª da Revolução Franceza, a tragedia de Chicago, o innominavel crime da justiça official dos Estados Unidos da America do Norte.

Mas quem eram esses oito heróes? Digamo-lo resumidamente. (11).

Augusto Spies era allemão; nasceu em Hesse em 1855. Tinha o officio de impressor. Veiu para os Estados Unidos em 1872. Redigiu e dirigiu o periodico socialista-anarchista *Arbeiter-Zeitung* (Jornal dos Trabalhadores) desde 1880. Fluente orador, falava frequentemente em comícios operarios. A nobreza das suas attitudes diante da crueza dos algoszes, fê-lo alvo da paixão de uma joven americana, rica, de familia distincta, Nina Van Zandt, que o esposou no carcere e se tornou depois de viuva a mais fiel adoradora do glorioso martyr.

Adolfo Fisher, tambem allemão nascido em 1860. Em 1870 emigrou para os Estados Unidos. Era typographo. Distinguiu-se pela sua illustração no meio das organizações operarias. Pela imprensa propagava as mais revolucionarias idéas socialisticas.

Jorge Engel, natural de Cassel, na Allemanha, onde nasceu em 1836. Era impressor. Veiu para os Estados Unidos em 1873, filiando-se ao partido socialista. Era incansavel propagandista de suas idéas sociaes. Orador correcto, diz-se que o admiravam até os proprios adversarios!

Alberto Parsons era americano, estadunidense; nasceu em Arkansas, em 1848. Aprendeu o officio de impressor. Foi soldado durante a guerra de secessão, em que o irmão era general. Occunou cargos publicos na administração e na politica. Depois tornou-se um grande agitador em prol do operariado. Em 1879 foi candidato á Presidencia dos Estados Unidos pelo partido socialista. Em 1883 foi um dos que collaboraram no programma da Associação Internacional dos Trabalhadores. Em 1884 fundou o jornal de propaganda socialistica *O Alarime*. Era uma grande figura entre os directores do movimento operario nos Estados Unidos. Casado com Lucy Parsons, de quem tinha dois filhos, encontrou na esposa uma digna émula de sua assombrosa firmeza. “Se de mim depende que Alberto peça perdão, que o enforquem”,

disse ella quando lhe falaram em supplicar aos verdugos graça para o marido innocente.

Luiz Lingg nasceu na Allemanha, em Mannheim, em 1864; filho de um trabalhador e de uma lavadeira. Era carpinteiro. Emigrou para a America em 1885. Abraçou com entusiasmo as doutrinas socialisticas, de que se tornou activo propagandista. Sua mãe, a lavadeira de Mannheim, foi de uma rara coragem diante do sacrificio do filho, revelando inulgar natureza moral. Eu tambem, escreve ella a Lingg pouco antes da morte deste, luctei, como sabes, duramente, para ter pão para ti, para tua irmã e para mim mesma, e é tão certo como agora existo que depois da tua morte estarei tão orgulhosa de ti como estive durante toda a tua vida. Declaro que se fosse homem teria feito o mesmo que tu.”

Miguel Schwab era allemão; nasceu em Mannheim, em 1853. Foi educado num convento. Tinha o officio de encadernador. Veiu para os Estados Unidos em 1879. Foi redactor do *Arbeiter Zeitung*. Fluente orador, muito popular entre os companheiros allemães.

Samuel Fielden, inglez, nasceu em Lancashire, em 1847. Foi ministro protestante. Em 1868 veiu para os Estados Unidos. Trabalhava como operario tecelão. Abraçou o socialismo em 1880, e se tornou um dos membros mais activos da Associação Internacional dos Trabalhadores. Passa nos meios socialistas por ter sido orador e pensador de notavel talento.

Oscar Neebe, filho de paes allemães, nasceu nos Estados Unidos, em Philadelphia, no anno de 1850. Trabalhador abraçou muito cedo as idéas socialisticas, de que se tornou activo propagandista.

E' a glorificação desses santos do socialismo anarchico, que deram a vida ou que padeceram pela reforma economica do mundo segundo um regimen ultra-liberal: que morreram e soffreram pela accracia — a qual é uma sociocracia espontanea, pois a sociocracia final, necular ao Feticismo systematico, que é o Positivismo, provém da accracia inicial do communismo primitivo, necular ao Positivismo espontaneo, que é o Feticismo; que, sem appellar para crencas ficticias, sem deuses e sem Deus, souberam morrer e soffrer como os grandes apóstolos do christianismo; e é a glorificação desses oito martyres de Chicago, exponentes maximos da moderna lucta entre o capital e o trabalho, symboes de todos os sacrificios a que se vem consagrando as classes trabalhadoras em prol da socialização effectiva do capital, verdadeiros martyres do trabalho; é a anothese desses eleitos da Humanidade que celebra o 1º de Maio, queiram ou não queiram os promotores officiaes do novo feriado.

Abstrahindo-se dos processos, das doutrinas empregadas para a socialização do capital, todos os homens que aceitam a lei sociologica que proclama o capital, social na origem e no destino, não tem sem incoherencia, glorificar os oito martyres de Chicago, como victimas nobremente sacrificadas a esse grande ideal. E até os que em nenhum grão aceitam a politica da socialização da riqueza, que continuam a defender o direito vigente da propriedade individual absoluta, esses mesmos devem sentir-se dignificados vendo ascender ás alturas do mais sublime heroismo os oito victimas da justiça official dos Estados Unidos. Acima das crencas e das opiniões naira soberano o altruismo. E Engel e Spies, Fisher e Parsons, Lingg e Schwab, Fielden e Neebe foram martyres do altruismo, morreram e soffreram pelo amor da Humanidade. A sua festa é a festa do seu martyrio. E' em torno de suas gloriosas memorias que se congregam os trabalhadores do Brasil e do Mundo, não para festejarem o trabalho ainda victima das explorações do capitalismo, mas para celebrarem o sacrificio daquelles heroes em prol da libertação economica dos trabalhadores, pela socialização definitiva da propriedade material.

Socialistas de todos os grãos, communistas ou collectivistas, autoritarios, ou libertarios, revolucionarios, ou positivistas, podem confraternizar no 1º de Maio, homenageando a memoria daquella theoria de eleitos que se sacrificou sobre e corajosamente pela reforma economica do mundo.

Comquanto diviriam no formularem a solução do problema economico, todos os reformadores concordam em reconhecer que é anachronico e anti-social o regimen actual da propriedade material. Dahi a possivel confraternização de todos, no dia da festa dos que morreram e soffreram por uma das mais liberas soluções do grande problema. Por isso mesmo, o 1º de Maio, commemorando o martyrio dos heroes de Chicago, celebra tambem a confraternização de todos os agentes do trabalho, sejam quaes forem as suas opiniões sobre a socialização da riqueza.

Só assim se pôde comprehender a incorporação do 1º de Maio ao calendario das festas civicas do Brasil e do Mundo.

(7) — *Ibidem*, pags. 206-209-210.

(8) — *Ibidem*, pags. 230-231.

(9) — *Ibidem*, pags. 213-214.

(10) — *Ibidem*, pags. 252-254-256-258-259-260.

(11) — *Ibidem*, pags. 199-206-214-215-217-221-224-231.

M a i o
1 9 2 5

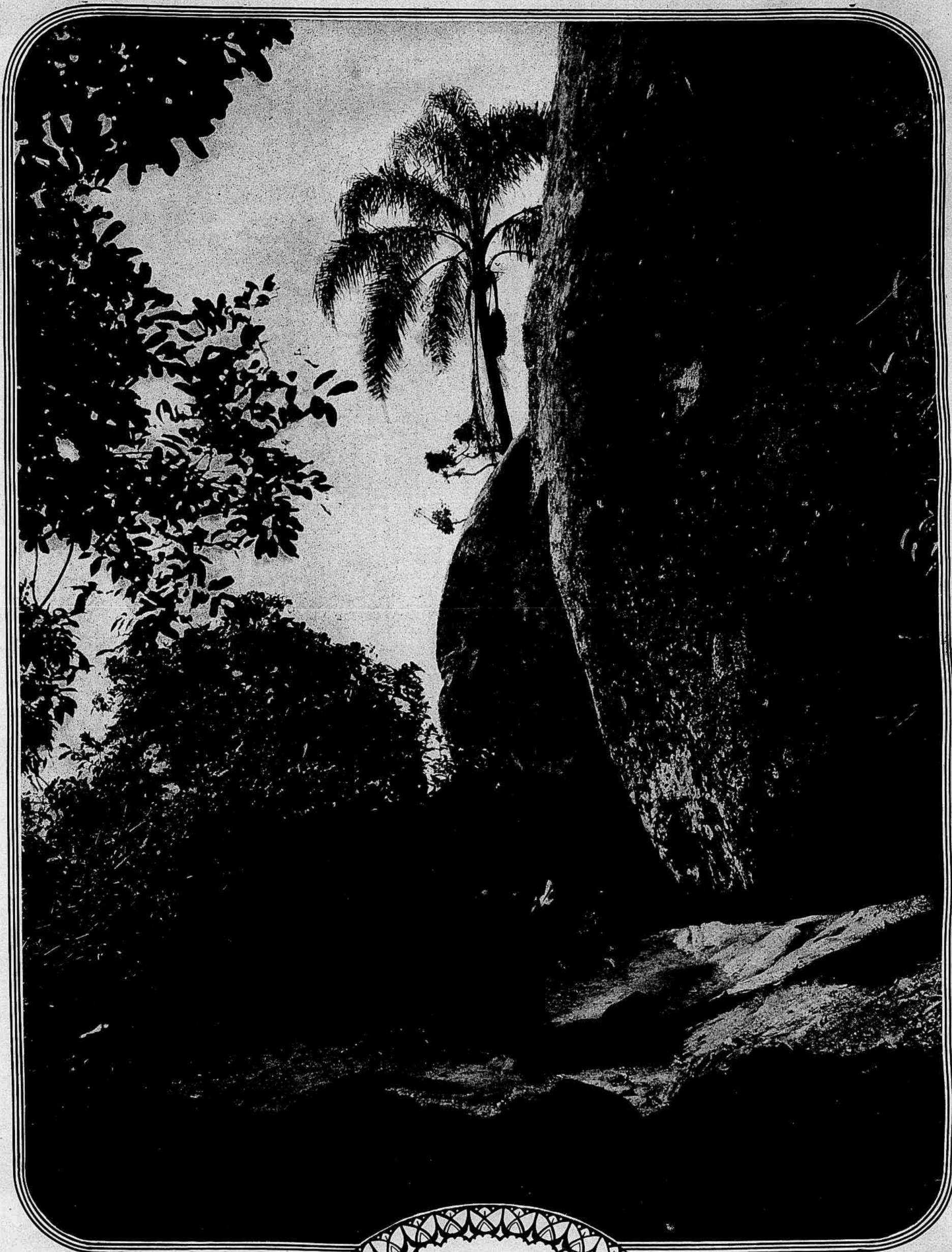


Photo Sá Rocha
(Amador)

CIDADE DE SANTOS

ARREDORES

"ROSEIRAL"

Excerpto do proximo romance de Raul de Azevedo

(O romancista patricio Raul de Azevedo está ultimando o seu novo romance ROSEIRAL, que apparecerá ainda este anno. Offerecemos hoje aos leitores de **Illustração Brasileira** um excerpto do proximo romance do nosso collaborador.)

.....

"O jantar, no dia seguinte, na casa de Copacabana, correrá bem. Estavam os tres muito satisfeitos, o velho Dalton, June e Celso. A tarde estivera maravilhosa, dum ar fino e suave. No terraço, ao cair da noite, conversando, elles apreciavam o curso de automoveis, muito movimentado. Amigos passavam, cumprimentando, acenando...

Era um encanto, June. Radiava de belleza, mocidade e esplendor. De branco, uma rosa rubra á cintura, simples, sem pinturas e atavios, sem joias, toda ella era frescura e sympathia. E ria, palestrando satisfeita.

O pae admirava-a, agradecido a Deus por lhe ter dado ao final da vida aquelle sorriso de creatura que ameigava e refloria a sua velhice. E Celso, dominando-se, mal podia conter o seu deslumbramento ante aquelles vinte e dois annos magnificos e aquella brilhante vivacidade de espirito.

Porque, com certa intimidade que se fizera, elle ia descobrindo em June formosas qualidades de coração, delicadezas de espirito, intrinseca honestidade. Nos seus gestos, nas suas preferencias, no seu falar, opiniões ou simples commentarios, via que tinha diante de si o typo perfeito de mulher que desejava para companheira, — alma sã em corpo fórte.

Celso sempre detestara essa educação chlorotica de certas meninas que se fizeram em maus collegios, e num quasi abandono das familias, por indiferença ou incompetencia, ou excesso de desejos satisfeitos, e cujos resultados viamos na maneira exagerada de vestir, tangando no andar, gestos e falar mais apropriados aos meios baratos, recitativos preciosos de salão, um francezismo de mau gosto em tudo, misturado com idéas colhidas em determinados romances de autores de valia duvidosa.

E June impressionara-o logo, pois vira que aquella creatura era com a sua leveza gra-

cil de moça formosa — educada na ordem e no trabalho, sabendo se dirigir, tendo pensamentos certos, diferenciando com segurança o bem do mal, sem estar embaida dos preconceitos tolos e ridiculos de que infelizmente se acha eivada uma parte larga da sociedade.

Já no pequeno salão — confortavel e claro, onde se destacavam uma tela pequena de Wateau, outra de Oswaldo e uma estatueta de Bodin, e viam-se nas floreiras de crystal e prata grandes rosas desabrochadas, vermelhas e brancas, ao fundo o piano Pleyel de meia cauda, para concerto, — Celso e Dalton installaram-se no Maiple confortavel, ouvindo com delicia June que pontilhava com os dedos ageis e finos o teclado branco, tirando sons emocionaes. Ella era de facto uma pianista de alma e sentimento, sabendo interpretar as grandes paginas musicas com technica perfeita e muito coração. E por pedido de seu mestre, Arthur Napoleão, já tomara parte em tres ou quatro concertos, em beneficio da Cruz Vermelha dois, recebendo a consagração do seu talento em largas palmas e solicitações entusiasticas de repetição dum publico bem familiarizado com a Arte.

Era uma artista de talento, e nessa noite executara para Celso com carinho e alma, e perfeição, Chopin e Liszt, Back e Debussy, este nos seus estudos curiosos e imprevistos, sempre caracteristicos, muita vez antagonicos, — doçura e tragedia. E na 8ª Rhapsodia de Liszt ella se revelára uma artista brilhante, surpreendente, admiravel.

Quando June terminou, e veio sentar-se ao lado de Celso, ambos vibravam, tocados da Arte subtil e maravilhosa, ella toda emoção ainda, elle deslumbrado daquella mulher e daquella musica...

O pae erguera-se, e agora no terraço, fumando o seu havana, olhava o mar que aqui e ali tinha phosphorescencias ao vir morrer na linha extensa da praia.

(Termina no fim da revista)

Um Garimpeiro das nossas preciosidades historicas.



A PUBLICANDO os apontamentos bio-bibliographicos abaixo, do Sr. Dr. Guilherme Studart, Barão de Studart, a "Ilustração Brasileira" tem por objectivo concorrer para o maior conhecimento deste batalhador emerito do Norte, onde tantas são as intelligencias fecundas que o nosso meio ignora ou pouco conhece. O Barão de Studart, realmente, é um dos vultos mais eminentes do paiz, pela sua cultura encyclopedica, como pela vastidão da sua obra litteraria, inspirada na verdade historica, sem nenhum interesse pecuniario. Jámais foi posto á venda, nas livrarias, um só exemplar dos seus numerosos trabalhos, para cuja feitura nunca recebeu um ceutil de auxilio do governo ou de quem quer que seja, não obstante o seu caracter de utilidade publica.

Os seus documentos sobre a historia do paiz, e especialmente sobre a do Ceará, são preciosissimos, muitos dos quaes só elle possui em original, não raro adquiridos por elevado preço. A um desses, certa vez, quiz um governo do Norte comprar, offerecendo pelo mesmo alguns contos de réis. Recusou-o o Barão de Studart, dando ao alludido governo, de graça, uma cópia do cobiçado documento.

Garimpeiro esforçado das preciosidades esquecidas e até ignoradas nos velhos archivos, o illustre historiador cearense tem a prova mais segura dos seus assignalados serviços, do valor das suas contribuições para o perfeito conhecimento da nossa vida politica, economica e social, no numero avultado de sociedades scientificas e de letras de que faz parte em todo o Brasil e em muitos paizes estrangeiros e das commissões importantes de que tem sido membro conspicuo.

O Dr. Guilherme Studart, Barão de Studart, filho primogenito de John William Studart, negociante e vice-consul britannico no Ceará por nomeação de 6 de Março de 1854, e de D. Leonisia de Castro Barboza Studart, nasceu a 6 de Janeiro de 1856, em Fortaleza, casa n. 73 da rua Major Facundo, antigamente da Palma, e consorciou-se a 3 de Fevereiro de 1889 com D. Luiza da Cunha Studart, filha dos Viscondes de Cauhybe, nascida a 10 de Dezembro de 1864 e fallecida a 16 de Setembro de 1898 entre os prantos e as saudades de toda uma familia unida e numerosa.

De seu consorcio teve os seguintes filhos: Renato da Cunha Studart, nascido a 28 de Janeiro de 1890, doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1915; D. Leonisia da Cunha Studart, nascida a 27 de Março de 1891 e casada a 30 de Julho de 1910, com seu primo o pharmaceutico e bacharel em Direito Arthur Studart, tendo tido do seu consorcio cinco filhos — Luiza Maria, Nizia, Carlos Guilherme, Zuila e Zilma; Guilherme da Cunha Studart, nascido a 27 de Março de 1892, bacharel pela Academia de Direito do Ceará em 1915; Maria da Cunha Studart, nascida e fallecida a 25 de Junho de 1895 e Luiz de Gonzaga da Cunha Studart, nascido a 27

de Dezembro de 1897, alumno dos Benedictinos da Serra de Santo Estevão, dos Salesianos de Recife e dos Conegos Premonstratenses de Petropolis, e hoje entregue á vida do commercio.

E' neto, pelo lado paterno, de William Chambly Studart, fallecido em Manchester a 6 de Setembro de 1834, e de D. Mary Martha Tustin Smith, filha legitima do Right Honourable Revid. Dr. John H. Smith e Elizabeth Smith, ambos da Igreja Anglicana, nascida em Worchester a 14 de Julho de 1784, baptisada em Lisboa a 23 de Outubro de 1814 na religião catholica romana, chegada á Fortaleza a 22 de Março de 1846 e fallecida em Fortaleza a 23 de Junho de 1866; neto, pelo lado materno, do Major Joaquim José Barboza, filho do capitão-mór Joaquim José Barboza e natural de Sobral, e de D. Maria



BARÃO DE STUDART

Joanna Castro Barboza, filha de João Facundo, o chefe liberal da provincia, de inesquecivel memoria.

John William Studart nasceu a 7 de Novembro de 1828, veio para Fortaleza a 11 de Setembro de 1852 a bordo do navio "Bahiano", e falleceu na madrugada de 24 de Fevereiro de 1878; D. Leonisia de Castro Barboza Studart nasceu a 22 de Janeiro de 1836 e falleceu ás 9 horas da noite de 17 de Maio de 1867; casaram-se a 24 de Fevereiro de 1855 na igreja matriz de Fortaleza, sendo celebrante do acto o Revdo. Vigario Padre Carlos Peixoto de Alencar e testemunhas Manoel Paes Pinto de Vasconcellos e sua mulher D. Anna Mendes de Vasconcellos, Joaquim da Fonseca Soares Silva e D. Rufina Barboza da Silva Castro.

Guilherme Studart fez o curso de humanidades nos Collegios Atheneu Cearense, de Fortaleza, e Gymnasio Bahiano, no qual obteve a medalha de ouro, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia a 16 de Março

de 1872 e doutorou-se a 15 de Dezembro de 1877, sendo suas theses approvadas com distincção.

A 28 de Fevereiro de 1878 foi nomeado vice-consul britannico interino em substituição ao pae e a 25 de Junho de 1879 vice-consul effectivo.

Seu titulo de barão é datado de 22 de Janeiro de 1900.

E' medico do Hospital de Caridade de Fortaleza e membro (fundador) do Instituto do Ceará, Academia Cearense (fundador), Centro Litterario do Ceará, Iracema Litteraria, Bohemia Litteraria, Phenix Caixeiral, Congresso de Sciencias Praticas de Fortaleza, Gabinete de Leitura do Aracaty, Centro Artistico e Litterario de Barbalha, Gabinete de Leitura Camocinense (benemerito), Gabinete Viçosense de Leitura (benemerito), Instituto Historico e Geographico Brasileiro (benemerito), Instituto Geographico e Historico da Bahia, Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, Sociedade de Estudos Paraenses, Liga Cearense do Pará, Instituto Historico do Pará (honorario), Instituto Geographico e Historico Piauihyense (honorario), Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Arcadia Americana, Academia Pernambucana de Letras, Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas, Instituto Historico de S. Paulo, Instituto Historico e Geographico de Santa Catharina, Academia Anchieta de Curityba, Instituto Historico e Geographico Parahybano, Instituto Historico e Geographico Fluminense, Academia Anchieta de Friburgo, Instituto Historico e Geographico de Minas Geraes, Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte, Instituto Historico e Geographico de Sergipe, Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Gremio Litterario e Recreativo Parahybano, Sociedade Brasileira de Homens de Letras (Rio de Janeiro), Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, British Medical Association de Londres, Sociedade de Geographia de Paris, Sociedade de Geographia de Lisboa, Sociedade de Geographia do Havre, Sociedade Bibliographica de França, Academia Nacional de Historia de Venezuela, Academia Physico-Chimica Italiana de Palermo (membro de honra com medalha de primeira classe), da Sociedade Academica de Historia Internacional de Paris (medalha de ouro com o diploma e insignia) e membro effectivo do Instituto Historico e Geographico do Estado do Rio Grande do Sul e Academia Mineira de Letras.

Presidente do Comité do Ceará no Quarto Congresso Medico Latino-Americano (1900) e o representante official do Estado do Ceará no 1.º Congresso de Historia Nacional (Setembro de 1914), um dos tres Agentes Auxiliares no Ceará do Director do Archivo Publico Nacional, Presidente do Centro Medico Cearense desde sua installação a 25 de Março de 1913, um dos membros da Commissão Executiva no Congresso de Historia Continental Americana reunido no Rio de Janeiro a 7 de Setembro de 1922 por nomeação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro de 15 de Janeiro de 1915,

Illustração Brasileira

membro do XX Congresso de Americanistas, membro do Comité da Defesa Nacional, Presidente da Filial Cearense da Cruz Vermelha Brasileira desde sua fundação a 1.º de Maio de 1918, Presidente da Associação Oswaldo Cruz e do Instituto Pasteur do Ceará desde sua fundação em 1918, Presidente da Liga Cearense contra o Analfabetismo desde a sua fundação, Director Honorario da Faculdade de Pharmacia e Odontologia do Ceará e Professor Honorario da Faculdade de Philo-sophia e Letras, do Rio de Janeiro.

Tem publicado os seguintes trabalhos:

— “Da Electrotherapia”. These para doutoramento apresentada á Faculdade de Medicina da Bahia, in 8.º de 162 pags., Bahia, Typ. de Affonso Ramos & C.ª, 1877.

— “Palavras proferidas na festa do tri-centenario de Camões”, in 8.º de 10 pp., Ceará, Typ. do *Cearense*, rua Formosa n. 19, 1880.

— “Historia do Ceará, Familia Castro, Ligeiros Apontamentos”, in 8.c de 130 pp., Ceará, Typ. Economica, rua da Boa Vista, n. 86, 1883.

— “Grammatica Ingleza”. Elementos de orthographia e prosodia. Fortaleza, Typ. Odorico Colás, 1886.

— “Discurso” pronunciado por occasião da inauguração do Asylo de Alienados de Porangaba a 1.º de Março de 1886, in. 8.º de 6 pp., 1886.

— “Faze o bem não cates a quem, ou uma pagina da vida do Senador Alencar”. Publicado em 1887 na Revista do Instituto do Ceará, da qual é director desde 1892.

— “Elementos da Grammatica Ingleza”, in 8.º de 142 pp., Typ. Universal, de Cunha, Ferro & C.ª, rua Formosa n. 33, Fortaleza, 1888.

— “Descripção do Municipio da Barbalha”. Publicado na Revista do Instituto do Ceará, 1888.

— “Alexandre Humboldt e Bernardo Manoel de Vasconcellos”. Publicado na Revista do Instituto do Ceará, 1888.

— “O Rio Ceará”. Publicado na Revista do Instituto do Ceará, 1889.

— “Sciencia Medica. Artigos de propaganda publicados em jornaes do Ceará”. Folheto de 54 pp., in 8.º Typ. Phenix, Lisbôa, 1889.

Os artigos versam sobre: Causas da mortalidade das creanças no Ceará; A cholera; O leite; A tísica entre nós; Dr. Villette e seus estudos sobre o beriberi.

— “A correspondencia de Bernardo Manoel de Vasconcellos e João Carlos Augusto de Oeyenhausen com os Ministros D. Rodrigo de Souza Coutinho e Visconde de Anadia como subsidio para a historia de seus governos no Ceará”. Publicado na Revista do Instituto do Ceará e tirado á parte em folheto, 1889.

— “Descripção da comarca do Principe Imperial”. Publicada na Revista do Instituto do Ceará, 1889.

— “Luiz da Motta Feo e Torres e seu governo no Ceará”. Publicado na Revista do Instituto do Ceará e tirado em folheto, 1890, Typ. Economica, in 8.º de 71 pp.

Este folheto é dividido em duas partes, uma descriptiva com 36 pp., e outra documental com 35 pp.

— “Antonio José Victoriano Borges da Fonseca e seu governo no Ceará”. Publicado na Revista do Instituto do Ceará e tirado á parte em folheto, 1890.

— “Azevedo de Montauray e seu governo no Ceará”. Publicado na Revista do Instituto do Ceará e tirado á parte em folheto, 1891, Typ. Economica. Sobre este trabalho escreveu *Le Polybiblion*, de Paris, numero de Setembro.

— “Seiscentas datas para a chronica do Ceará na 2.ª metade do seculo XVIII”. Publicado na Revista do Instituto do Ceará e tirado á parte em folheto, 1891.

— “Os successores do Governador Borges da Fonseca”. Publicado na Revista do Instituto do Ceará, 1891.

— “A primeira villa do Ceará”. Publicado na “Revista Moderna”, n. 2, Fortaleza, 1891.

— “A exploração das minas de S. José dos Cariris durante o governo de Luiz Joseph Corrêa de Sá segundo a correspondencia do tempo”. Publicado na Revista do Instituto do Ceará e tirado á parte em folheto, Typ. Economica, Praça do Ferreira, n. 43, Fortaleza, 1892, in 8.º de 62 pp.

— “O Ceará no tempo de Miranda Henriques e Lobo da Silva e as Minas dos Cariris”. Ceará, Typ. Economica, Praça do Ferreira n. 43, 1892.

— “Notas para a historia do Ceará. Segunda metade do seculo XVIII”, Lisboa, Typ. do Recreio, 62, rua Formosa, 1892, in 8.º de 507 pp.

Essa obra, que “Le Bibliophile Americain” (Libraire Ch. Chadenat 17, Quai des Grands-Augustins, Paris) qualifica de “excellent travail historique pour cette partie du Brésil”, teve as apreciações e juizos criticos de varios escriptores quer nacionaes, quer estrangeiros e de inumeros representantes da imprensa brasileira e portugueza, os quaes enfeixados num folheto de 60 paginas correm mundo sob o titulo “Apreciações sobre o livro do Dr. Guilherme Studart — Notas para a historia do Ceará”.

— “Relação dos manuscritos, originaes e copias, sobre a historia do Ceará que constituem a collecção Dr. Guilherme Studart”. Primeiro fasciculo, de 144 pp., Lisboa, Typ. do Recreio, 1892. Segundo fasciculo de 108 pp., Fortaleza, Typ. Studart, 1896.

— “Notas sobre a linguagem e costumes do Ceará”. Publicadas na “Revista Lusitana” sob a direcção de Leite de Vasconcellos, Lisbôa, 1892.

— “Datas para a historia do Ceará no seculo XVII”. Publicado na Revista do Instituto do Ceará e tirado á parte em folheto, Typ. Economica, Praça do Ferreira n. 43, 1894.

— “Pathologia Historica Brasileira. Mais algumas informações e notas acerca da Pestilencia da Bicha (febre amarella) que reinou em Pernambuco e na Bahia no seculo 17. Carta ao Dr. Silva Lima publicada na *Gazeta Medica da Bahia*, n. 1, Julho de 1894.

— “A Chorographia do Brasil de Moreira Pinto, na parte relativa á historia do Ceará”. Publicado no “Ceará Illustrado”, n. 2, 1894.

— “Ineditos relativos ao levante occorrido na Ribeira do Jaguaribe no tempo de Manoel Francez e do Ouvidor Mendes Machado”, que fazem parte da collecção Studart, Fortaleza, Typ. Studart, rua Formosa n. 46, 1895.

— “Documentos para a biographia do fundador do Ceará”, Typ. Studart, 1895, in 8.º de 48 pp. Com um prefacio.

— “Pathologia Historica Brasileira. Novos documentos para o estudo da pestilencia

da bicha ou males”. Publicado na *Revista da Academia Cearense*, da qual é um dos directores desde 1896, e tirado á parte em folheto, in 8.º de 43 pp., Typ. Studart, 1895.

— “Datas e factos para a historia do Ceará. Ceará-Colonia”. 1.º vol., in 8.º de 525 pp., Typ. Studart, 1896.

Desse trabalho occuparam-se Capistrano de Abreu num estudo critico publicado na *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, com o titulo “Sobre uma historia do Ceará”, e o Dr. Pedro de Queiroz, num outro, sahido á luz na *Revista da Academia Cearense*, anno de 1897.

— “Relatorio do movimento do Centro Litterario” apresentado por seu presidente Dr. Guilherme Studart, Typ. Studart, rua Formosa n. 46, 1890, in 8.º de 11 pp.

Este relatorio sahiu publicado tambem na revista “Iracema”, Fortaleza, n. 9.

— “Datas e factos para a historia do Ceará. Ceará-Provincia”, 2.º vol., in 8.º de 373 pp., Typ. Studart, rua Formosa n. 46, 1896.

— “Catalogo dos Jornaes de grande e pequeno formatos publicados no Ceará”, *Revista da Academia Cearense*, annos de 1896 e 1897, e *Revista do Instituto do Ceará*, annos de 1898 e 1904. Essas publicações do Instituto sahiram ao mesmo tempo em folheto de 47 e 98 paginas respectivamente. Fortaleza, Typ. Studart, (1898) e Typ. Minerva, de Assis Bezerra (1904).

A publicação primitiva enumerava 369 jornaes, a de 1898 enumerava 507 e a ultima 834.

Uma edição especial, 951 jornaes, foi publicada no grande livro do 1.º Centenario da Imprensa no Brasil levado a effeito em 1908 pelo benemerito Instituto Historico e Geographico Brasileiro e a definitiva, 1.435 jornaes, em 1924.

— “A proposito do bicentenario da morte do jesuita Antonio Vieira”, publicado na *Revista da Academia Cearense*, 1897, e tirado á parte em folheto de 15 pp., Typ. Studart.

— “Datas e factos para a historia do Ceará. Ceará-Estado”. 3.º vol. in 8.º de 110 pp., Typ. Studart, 1899. O volume vae até a data 17 de Julho de 1899. Sobre elle escreveu o Jesuita Carlos Teschauer um parecer nas Memorias Historicas da Sociedade de Cõrre em Munich, e occupou-se, como já o fizera com os dois precedentes, o “Polybiblion”, de Paris, numero correspondente a Novembro de 1900.

— “Pequeno Diccionario Bio-biographico Cearense”, publicado por trechos espar-sos em varios jornaes do Estado e systematicamente na “Revista da Academia Cearense”, annos de 1899 a 1907, e finalmente tirado em volumes sob o titulo “Diccionario Bio-biographico Cearense”: 1.º vol. com 375 biographias em 1910, 2.º vol. com 375 biographias em 1913 e 3.º vol. com 252 biographias em 1915. O 4.º vol., em que figuram tambem aquellas pessoas que não sendo cearenses têm o nome ligado á vida cearense, está em via de impressão.

— “Na festa de S. Vicente”, allocução proferida na 3.ª assembléa geral das Conferencias de Fortaleza em 1900. Typ. Studart, in 8.º de 13 pp.

Esta como as subsequentes allocuções proferiu-as o Barão de Studart na qualidade de Presidente do Conselho Central da Socie-

dade de S. Vicente de Paulo, cargo que occupa desde 14 de Dezembro de 1889.

— "O Padre Martins de Nantes e o Coronel Dias d'Avila", publicado na *Revista da Academia Cearense*, pp., 41-55, anno de 1902.

— "Um Manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa", publicado na *Revista da Academia Cearense*, anno de 1902.

— "Francisco Pinto e Luiz Figueira. O mais antigo documento existente sobre a historia do Ceará". Publicado no "Livro do Tricentenário" e na *Revista do Instituto do Ceará* (1903) e tirado á parte em folheto in 8.º de 127 pp., Typ. Studart.

— "Martim Soares Moreno, o fundador do Ceará". Publicado no "Livro do Tricentenário" e na *Revista do Instituto do Ceará* (1903) e tirado á parte em folheto in 8.º de 126 pp., Typ. Studart.

— "Historia Portugueza e de Outras Provincias do Occidente desde o anno de 1610 até o de 1640 da Felice Acclamação de El-Rei Dom João 4.º Escrita em trinta e huma relações por Manoel Severim de Faria, Chantre da Sé de Evora". Copiada na parte que diz respeito ao Brasil, pela primeira vez publicada e annotada pelo Barão de Studart, Fortaleza, Typ. Studart, rua Formosa n. 46, 1903. Traz um appendice de 44 documentos, ineditos, pertencentes á Collecção Studart.

— "Documentos para a historia do Brasil e especialmente a do Ceará", 1608-1625. Primeiro volume, Fortaleza, Typ. Studart, rua Formosa n. 46, 1904. O volume, de 309 pp., encerra 79 documentos, cada um delles sendo precedido de uma noticia summaria. Segundo volume, com 275 pp., Fortaleza, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, rua Major Facundo n. 56-57, 1909. Terceiro volume, com 300 pp., Fortaleza, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 1910. Quarto volume, com 250 pp., Fortaleza, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 1921.

A publicação dos Documentos está continuando a ser feita na *Revista do Instituto do Ceará*, annos 1922 (82 docs.), 1923 (96 docs.)

— "Do programma, modo de agir e excellencias da Sociedade Vicentina", allocução proferida em assembléa geral das Conferencias de Fortaleza a 8 de Dezembro de 1904, Ceará, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 1905, in 8.º de 14 pp.

— "Documentos para a historia de Martim Soares Moreno colligidos e publicados pelo Barão de Studart". Publicado na *Revista do Instituto do Ceará*, 1905, e com uma introduccão tirado á parte em folheto, in 8.º de 116 pp., Typ. Minerva, de Assis Bezerra, Fortaleza. O *Polybiblion*, de Paris, numero de Janeiro de 1906, occupou-se dessa publicação.

— "Do jornalismo catholico e sua necessidade nos tempos presentes", allocução proferida na assembléa geral das Conferencias de Fortaleza a 23 de Julho de 1905, Typ. Minerva, 1905.

— "Duas Memorias do Jesuita Manoel Pinheiro". Versa a primeira sobre a fundação do Hospicio de Aquiraz e a segunda sobre a posse dos Jesuitas como administradores das aldeias do Ceará. Publicadas com uma introduccão na *Revista do Instituto do Ceará* e tiradas em separata, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, Fortaleza, 1905.

— "Sociedade de S. Vicente de Paulo". Allocução pronunciada em assembléa geral de 20 de Abril de 1906.

— "Sociedade de S. Vicente de Paulo". Allocução proferida na assembléa geral de 22 de Julho de 1906, Fortaleza, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 1906.

— "Acheegas á Geographia do Ceará", publicadas na *Revista do Instituto do Ceará*, anno de 1906, p. 220.

— "Dezenove Documentos sobre os Palmares", pertencentes a Collecção Studart. Vem publicados com uma introduccão na *Revista do Instituto do Ceará*, anno de 1906, pag. 254.

— "Sociedade de S. Vicente de Paulo". Allocução pronunciada a 8 de Dezembro de 1900, Fortaleza, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 1907.

— "Sociedade de S. Vicente de Paulo". Allocução pronunciada a 17 de Fevereiro de 1907 perante as Conferencias de Fortaleza, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 1907, in 8.º de 9 pp.

— "Resenna de Cartas e Mappas do Ceará. Ligera noticia dos seus autores". Publicada na *Revista da Academia Cearense*, anno de 1900, pags. 61-130 e tirada á parte em folheto de 74 pags., Typ. Minerva, 1906. Sobre esse trabalho escreveu *Le Polybiblion*, de Paris, numero de Maio de 1907 e na um estudo do Prot. Sievers no *Geogr. Mitteilungen* do Dr. Petermann, 1909.

— "A Diocese do Ceara ou Fortaleza", publicado na *Catholic Encyclopedia*, de New-York, 1908, e reproduzido na *Revista da Academia Cearense*, 1913, com maior desenvolvimento.

— "Ineditos do Padre Antonio Vieira", *Revista da Academia Cearense*, anno de 1908.

— "Mais um Centenario". Publicado na *Revista do Instituto do Ceará*, 1908. Refere-se ao Centenario do Jornalismo no Brasil.

— "Administração Barba Alardo". Resumo Chronologico, 22 pp. Resumo historico 21 pp. Publicada na *Revista do Instituto do Ceará*, 1907, e tirado á parte em folheto, 1908.

— "Discurso" pronunciado a 12 de Dezembro de 1908 pelo Barão de Studart, como paronympho dos Bachareis do Gymnasio São José, de Quixadá.

— "Lourdes", publicado na grande *Polyanthéa Mariana*, que com esse titulo sahi a lume das Escolas Profissionais Salesianas, S. Paulo, 1908.

— "Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará". Memoria apresentada ao 4.º Congresso Medico Latino Americano, reunido no Rio de Janeiro em Agosto de 1909. Publicada na *Revista da Academia Cearense*, anno de 1909. Tirada á parte em folheto de 74 pp. e em 1913 reproduzida no "Norte Medico", Fortaleza. Della se occupou, entre outros, o *Jornal de Medicina*, de Pernambuco.

— "Relatorio do Conselho Central da Sociedade de S. Vicente de Paulo do Ceará", apresentado a 10 de Abril de 1910, dia da celebração de suas Nuycias de Prata, Typ. do *Cruzeiro do Norte*, Fortaleza, 1910.

— "Usos e Superstições Cearenses", publicado na *Revista da Academia Cearense*, 1910.

— "Jornaes Cearenses no Quatriennio 1908-1911". Publicado na *Revista da Academia Cearense*, anno de 1911. E' um appendice ao trabalho "Annaes da Imprensa Cearense", publicado em 1908 na Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, e no grande livro do 1.º Centenario da Imprensa devido ao In-

stituto Historico e Geographico Brasileiro, a que já se fez referencia.

— "Allocução" proferida na Assembléa Geral das Conferencias de Fortaleza, a 21 de Julho de 1912, Fortaleza, Secção de Obras do *Cruzeiro do Norte*, 1912.

— "Allocução" proferida na Assembléa Geral das Conferencias de Fortaleza a 8 de Dezembro de 1912, *Revista do Conselho Central da Sociedade de S. Vicente de Paulo do Ceara*, 1912.

— "Frederico Ozanam, o fundador da Sociedade de S. Vicente", allocução proferida a 9 de Fevereiro de 1913.

— "Allocução" proferida na sessão inaugural do Centro Medico Cearense a 25 de Março de 1913, publicada no *Norte Medico, Fortaleza*, *Norte Medico*, Fortaleza e a *Natuaude em Fortaleza*, *Norte Medico*, anno 1.º, n. 9, 1913.

— "Sobre o obituario infantil em Fortaleza", *Norte Medico*, anno 1.º, n. 6, 1913.

— "A Questão dos Attestados Medicos", *Norte Medico*, anno 1.º, n. 9, 1913.

— "Frederico Ozanam", allocução proferida a 27 de Abril de 1913, commemorando a data do seu 1.º centenario, Fortaleza, Secção de Obras do *Cruzeiro do Norte*, 1913. Este trabalho foi reproduzido (ed. de 5.000 exemplares) e distribuido por A. Campos, São Paulo.

— "Jesuitas e Jesuitismo". Conferencia realizada na séde do Circulo Catholico de Fortaleza, em 24 de Abril de 1914, Ceará, Fortaleza, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 55, rua Major Facundo, 1914.

— "Tuberculose e Alcoolismo". Conferencia realizada na séde da Sociedade Artistica Beneficente a 14 de Junho de 1914, Ceará, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, 55, rua Major Facundo, 1915.

— "Allocução" proferida no Circulo Catholico de Fortaleza a 30 de Junho de 1914, pelo presidente Dr. Barão de Studart, Typ. Minerva, de Assis Bezerra, Fortaleza, 1915, in 8.º de 9 pp.

— "Succinta Noticia sobre a Santa Casa de Misericordia de Fortaleza", *Revista do Instituto do Ceará*, 1915.

— "Alcoolismo". Conferencia realizada no Circulo dos Operarios Catholicos S. José, em 4 de Junho de 1916, Typ. Moderna, de Carneiro & C.ª, Fortaleza, rua Barão do Rio Branco n. 157, 1916, transcripta no *Norte Medico*, anno 4.º, ns. 3 e 4, 1916.

— "Administração Manoel Ignacio de Sampaio". Parte Chronologica. *Revista do Instituto do Ceará*, pp. 201 a 247, 1916.

— "Allocução" proferida na Assembléa das Conferencias Vicentinas de Fortaleza, a 23 de Julho do corrente anno (1916). "Relatorio de 1915". Typ. Commercial dos Irmãos Jatahy, 1916.

— "Para a Questão Grossos. Documentos relativos a Sebastião de Sá", *Revista do Instituto do Ceará*, 1916.

— "Documentos relativos ao Mestre de Campo Moraes Navarro" *Revista do Instituto do Ceará*, 1916-1917.

— "A proposito de um Anuario de Estatistica", *Ceará Medico*, anno 5.º, n. 3, 1917.

— "Tres de Maio de 1917. O movimento de 17 no Ceará", *Revista do Instituto do Ceará*, pp. 107-160 1917.

— "A morphéa em Fortaleza", *Ceará Medico*, anno 6.º, n. 1.º, 1918.

Ilustração
Brasileira

— “Palavras” proferidas por ocasião de ser installada a Filial Cearense da Cruz Vermelha Brasileira a 1.º de Maio de 1918.

— “Allocução” pronunciada ao assentar-se a pedra fundamental do edificio destinado ao Instituto Pasteur do Ceará, a 4 de Agosto de 1918.

— “O Padre Mestre Ignacio Rolim”, *Revista do Instituto do Ceará*, pp. 62-71 1918.

— “Extrangeiros e Ceará”, *Revista do Instituto do Ceará*, 1918, 1919, 1920, 1922.

— “João Carlos Augusto de Oeynhaus- sen e Manoel Martins Chaves”, *Revista do Instituto do Ceará* 1919.

— “Discurso” proferido pelo Presidente da Associação Oswaldo Cruz, Dr. Barão de Studart a 12 de Outubro de 1919, na solemne inauguração do Instituto Pasteur do Ceará, *Correio do Ceará*, 14 de Outubro de 1919.

— “Antonio Cardoso de Barros”, *Revista do Instituto do Ceará*, 1920.

— “Discurso” proferido na Assembléa Geral das Conferencias Vicentinas do Rio de Janeiro, a 25 de Junho de 1920, *Boletim Brasileiro da Sociedade de S. Vicente de Paulo*, ns. 7, 8 e 9, Rio de Janeiro.

— “Os Mortos do Instituto”, publicação da *Revista do Instituto do Ceará*, desde 1907 até 1920.

— “Alguns Problemas em torno da Tuberculose e o Operariado”. Conferencia feita na séde do Centro Artistico Cearense, a 8 de Fevereiro de 1921.

— “Os Mortos da Sociedade de S. Vicente de Paulo do Ceará”, allocução proferida na Assembléa Geral das Conferencias de Fortaleza, a 13 de Fevereiro de 1921, *Typ. Commercial*, de C. Jatahy, 1921.

— “Os Jesuitas e seus crimes” *Almanach do Ceará*, 1922.

— “Ouvidoria e Ouvidores do Ceará”, *Revista do Instituto do Ceará*, 1922.

— “Cearenses presidentes do Ceará”, *Revista do Instituto do Ceará*, 1922.

— “Resenha de Cartas, Plantas e Mapas do Ceará no seculo XX”, *Revista do Instituto do Ceará*, 1922.

— “Cearenses elevados ao solio episcopal”, *Revista do Instituto do Ceará*, 1922.

— “Conselho Geral da Provincia do Ceará”, *Revista do Instituto*, 1922.

— “Geographia do Ceará”, *Revista do*

Instituto do Ceará, annos de 1923 e 1924. Tirada em separata de 348 pp.

— “A Independencia do Pará”, *Revista do Instituto do Ceará*, 1924.

— “Datas e Factos para a Historia do Ceará Estado”. 1889-1924, in 8.º de 271 pp.

— “Discurso” pronunciado na Faculdade de Pharmacia e Odontologia do Ceará a 24 de Maio de 1924.

— “Os Martyres da Confederação do Equador no Ceará”, 1924, in 8.º de 26 pp.

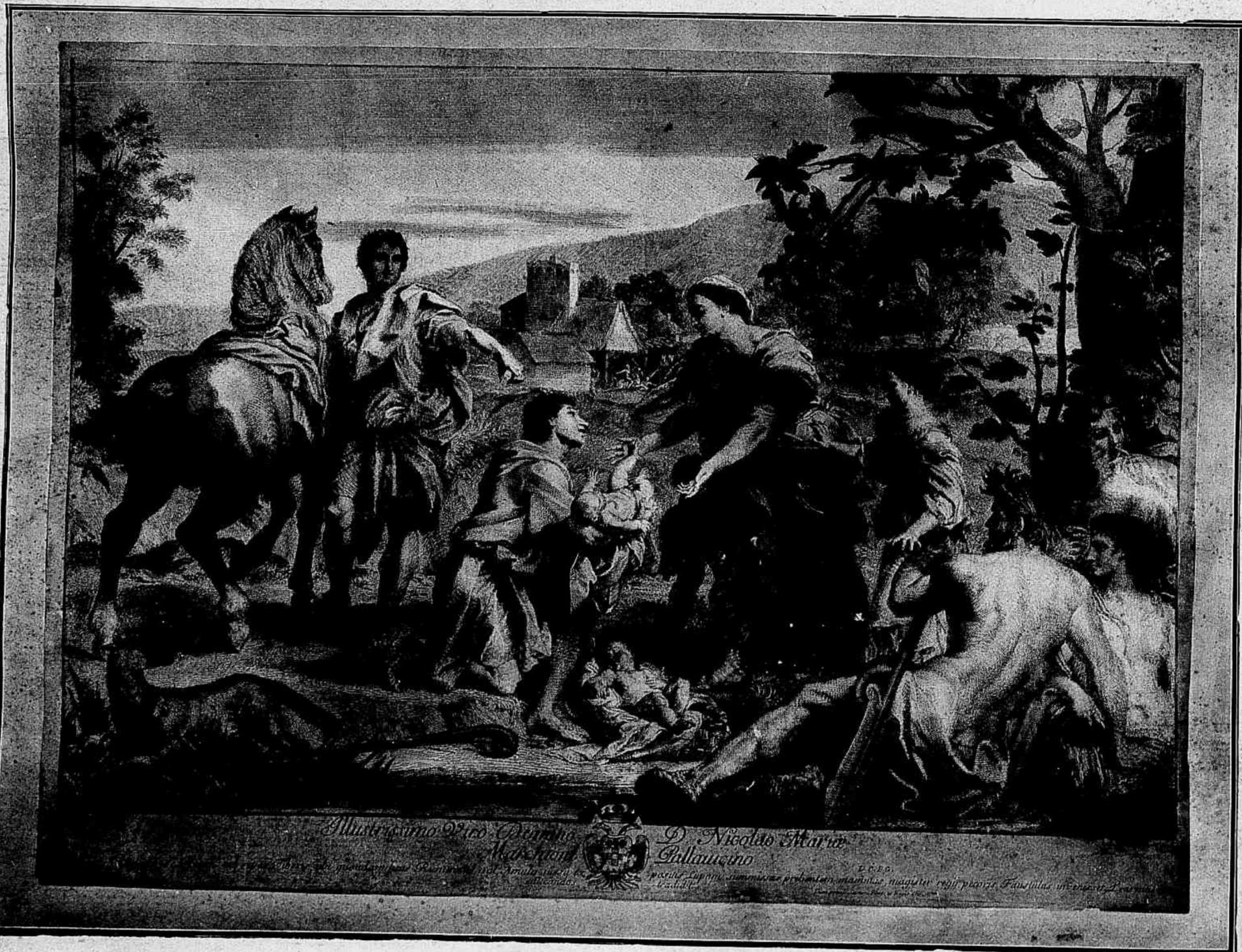
— “Para a Historia do Jornalismo Cearense”, 1924. Com clichés. 1.435 jornaes, in 8.º de 228 pp.

— “Das obras a crear e desenvolver na Sociedade de S. Vicente de Paulo”. Allocução proferida na assembléa geral de 8 de Dezembro de 1924, *Typ. Commercial*, de Carlos Jatahy.

— “A Confederação do Equador no Ceará. Parte Chronologica”. Publicado no Tomo especial da *Revista do Instituto do Ceará*, 1924, pp. 141 a 188.

— “Documentos para a Historia da Confederação do Equador do Ceará”. Publicados no Tomo Especial da *Revista do Instituto do Ceará*, 1924, pp. 355 a 564.

o o o



ROMULO E REMO
(REPRODUÇÃO DE UMA GRAVURA ANTIGA)

Borboletas



BORBOLETAS brancas. Lindas borboletas brancas. Como me atraem com o seu esvoaçar cheio de leveza e de graça, como se fossem fragmentos de seda abandonados ao vento.

Vêm, surgem de um canto do céu, despontam do perfume de uma flor, e airozas, diáfanas, batendo as asinhas claras, vôam, perdem-se no imenso azul, como pequenas scintillações, como pequeninas almas em busca do infinito.

Sem compreender porque me comove ver as borboletas, sem compreender porque acompanho com os olhos rasos d'água o seu voejar tranqüillo e doce, eu sinto a volúpia com que ellas vôam, ora lá no alto, ora quasi roçando o chão, pousando aqui e acolá, embebendo-se do perfume das flôres numa ansia de viver indefinidamente.

E, então, quando já sem forças batem as azas demoradamente, voando com pequenas syncopes, e que vejo que tinham tanta esperança naquella vida passageira, triste vida, que dura horas

sómente, que tão depressa foge, eu compreendo bem o que a ellas me attrahe.

O arfar ansiado, o debater afflicto ante a morte, que tão depressa surge, fazendo-lhes desbotar as azinhas que se desfazem, dilaceradas numa poeira de prata, mostram-me o paralelo que ha entre a duração das suas vidas e a dos meus pobres sonhos de amor.

Surgem tambem de um canto do céu, do perfume de uma flôr e ansiando uma vida eterna, elevam-se para o infinito, sonhando com o perfume de um beijo, e... horas depois, debatem-se exanimés contra o destino, contra a vida cruel que os mata inexoravel e terrível.

As borboletas... nascem, ávidas de luz, ansiosas pelo azul, pelas flôres, por uma vida tão ephemera, coitadas... e tombam debatendo as azinhas rôtas...

Os sonhos... crêam-se irisados, ávidos de luz, cheios de esperança, esvoaçam para o ideal, mas... depressa as doiradas azas da illusão fenecem, dilaceram-se e elles morrem...

Pobres sonhos de amor...

Pobres borboletas brancas...

Rio, Janeiro de 1925.

G I L B E R T O J U L I O



As novas Trichromias

NAS paginas do presente numero, vão os nossos queridos e amaveis leitores encontrar, firmando obras de real merito, um grupo de artistas ainda bem moços, portadores já de credenciaes de valor.

Esses artistas são: Francisco Manna, João Baptista de Paula Fonseca e senhoras Regina Veiga e Adelaide Gonçalves. Pertencem todos a gerações novas; não obstante isso, possuem nomes familiares a quantos amam verdadeiramente os magnos problemas de arte em nossa terra, sendo laureados não poucas vezes nos salões officiaes de Bellas Artes.

Francisco Manna, o mais velho do grupo, italiano de nascimento, mas aqui educado e actualmente funcionario da Republica, realizou na Galeria Jorge ha bem pouco tempo, uma interessante mostra de pintura, merecendo calorosos elogios da critica e dos entendedores do assumpto. Tratando dessa exposição, Ercole Cremona, em uma das publicações da nossa empresa, teve palavras que merecem ser aqui transcriptas pela justeza das observações. E', pois, com o maior prazer que offerecemos aos nossos leitores a interessante pagina:

"Francisco Manna não é um novo nos ambientes de arte do Rio de Janeiro. O seu nome merece confiança por todos os motivos. Se o artista não tem na presente mostra telas capazes de o consagrar, pouco importa: do pintor, conhecemos trabalhos que lhe deram nome e o fizeram digno do nosso registro. Nesses casos temos a tela que elle intelligentemente intitolou "Claro escuro social". Esse quadro foi exposto no Salão de Bellas Artes de 1906, merecendo os mais em 1919, 1922 e 1923 com "Menção honrosa de 1º grão", "Medalha de prata" e "Premio de francos elogios dos mestres e da critica. A tela retratava um aspecto de rua movimentada, cheia de luz; no primeiro plano uma torturada figura de miseravel, maltrapilha e soffredora, contrastava com a luz e movimento do resto do quadro. Araujo Vianna, que era um espirito de

escól, tinha pela tela uma verdadeira admiração e disso não fazia mysterio.

Mas, tratemos da obra presente que nos dá o pintor. Dentre todas as telas do artista, destacamos em primeiro lugar "Uma manhã na Praça Sete", uma paisagem animada, de regulares proporções, com boas qualidades de desenho e muita côr.

O conjuncto da tela é agradável, é bem observada nos menores detalhes; a planimetria mereceu do pintor um cuidado carinhoso; os ultimos planos apesar de brilhantes são bem situados; entre elles não ha conflictos de valores. O céu é bem tratado e as figuras bem ambientadas com o todo da paisagem. Como composição, a tela tem boas qualidades, as massas são bem postas, agradando plenamente.

"Manhã de Sol" é uma telasinha encantadora; nella, o pintor fugiu um pouco á technica costumeira e nos dá uma paisagem interessante, largamente pincelada. De côr muito fina, pôde ser considerada como dos bons trabalhos do artista.

Outra tela interessante é "A Tarde". Como côrte, o quadro tem um sabor de novidade; a luz é bem distribuida e o trechó de mar afina convenientemente com a massa da montanha do primeiro plano.

Em "Cesta virada", Francisco Manna nos dá uma boa mancha de fructas, tratada com certa liberdade de technica e côr justa. "Velha ponte", "Ao cair da tarde", "Dia nublado", "Mangueira em flôr", "Contra luz" e "Velha Horta", são telas bem interpretadas, onde o artista mostra sentir bem a paisagem e ter uma comprehensão equilibrada da difficil arte de "cortar" os assumptos."

Como se vê, Francisco Manna, pôde formar na vanguarda, entre os nossos bons pintores. No quadro que reproduzimos, facil é verificar não haver exaggeros da nossa parte. *Velho Parque* é uma peça de real valor; nella, são encon-

(Termina no fim do numero).



P R A I A D E P A R N A P O A N

S a n t o s

(Photo Sá Rocha, amador)

O ENSINO AGRÍ

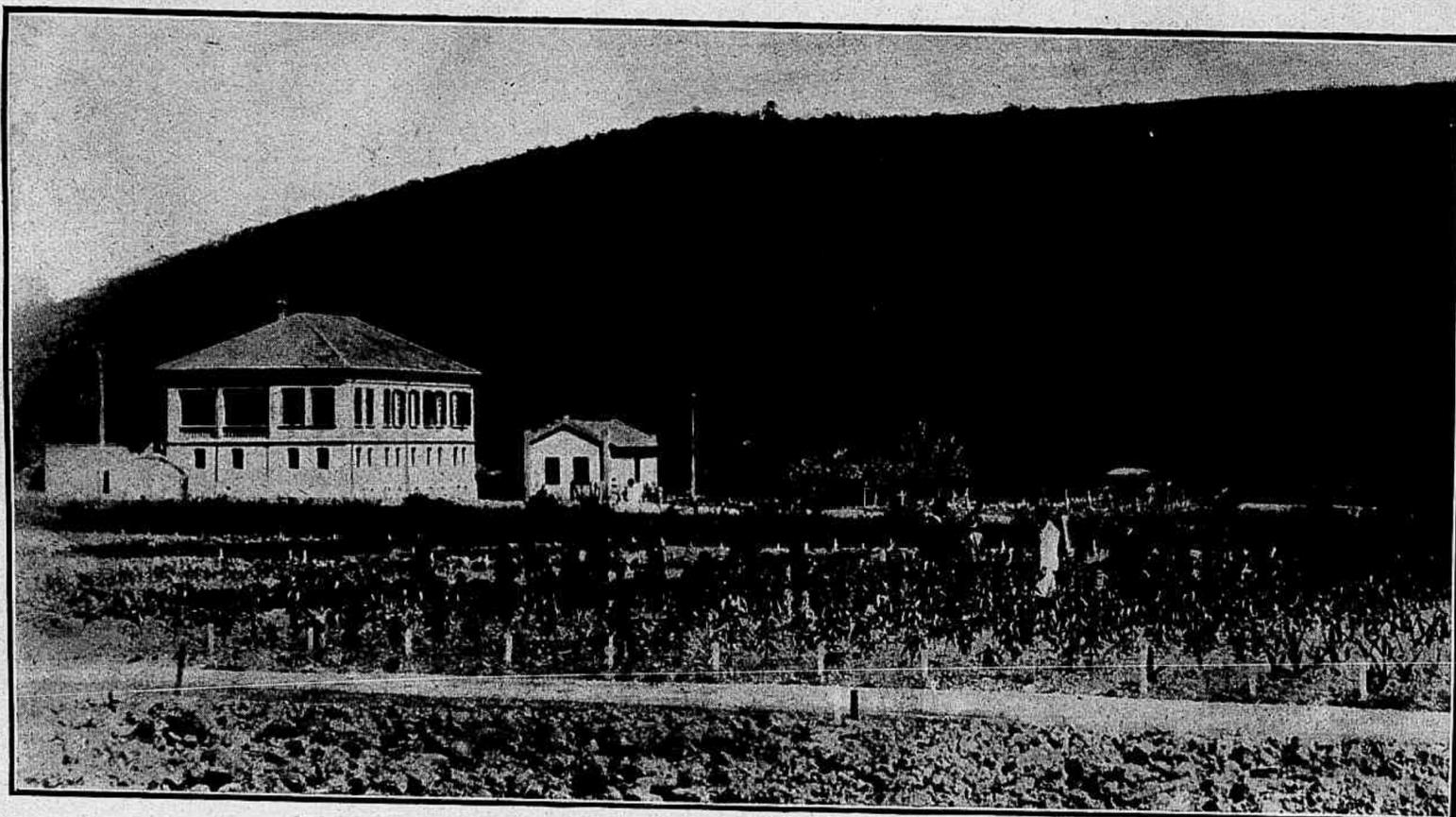
A Escola de Agricultura de Viçosa considera

Ao Exmo. Sr. Dr. Miguel Calmon, ministro da Agricultura, foi ha dias apresentado o relatório pelo engenheiro Gomes Carmo, sobre a fundação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa. Documento informativo do governo, não obstante o entusiasmo que no Dr. Gomes Carmo despertou a grandiosidade da instituição, não pôde elle deixar de merecer toda fé e despertar a melhor atenção dos brasileiros sinceramente interessados no futuro da patria.

Acha-se a Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Geraes, situada junto á cidade de Viçosa, a

ella ligada por imponente avenida de leito carroçavel, com 2.000 metros de extensão e 20 de largura. Essa ayenida, quando concluida inteiramente, será artisticamente arborizada com especimens nossos de grande effeito ornamental. Corre-lhe paralela, e separando-a dos canteiros de experiencias culturaes, a via-ferrea, que vae presentemente a Caratinga e a Saude e, dentro de cinco annos, levará também, por um lado, a Ouro Preto, e por outro, a Bello Horizonte, desde que o ramal de Ponte Nova a Saude se entronque com a futura ferro-via, que, partindo da capital do Estado, passará pelos vindouros centros metallurgicos de Itabira de Matto Dentro e Rio Doce, indo ter a Victoria.

Os campos de cultura da Escola, dest'arte, estarão escancaradamente expostos ás vistas dos transeuntes do trecho da Leopoldina Railway que, em futuro proximo, será o mais movimentado de todos os ra-

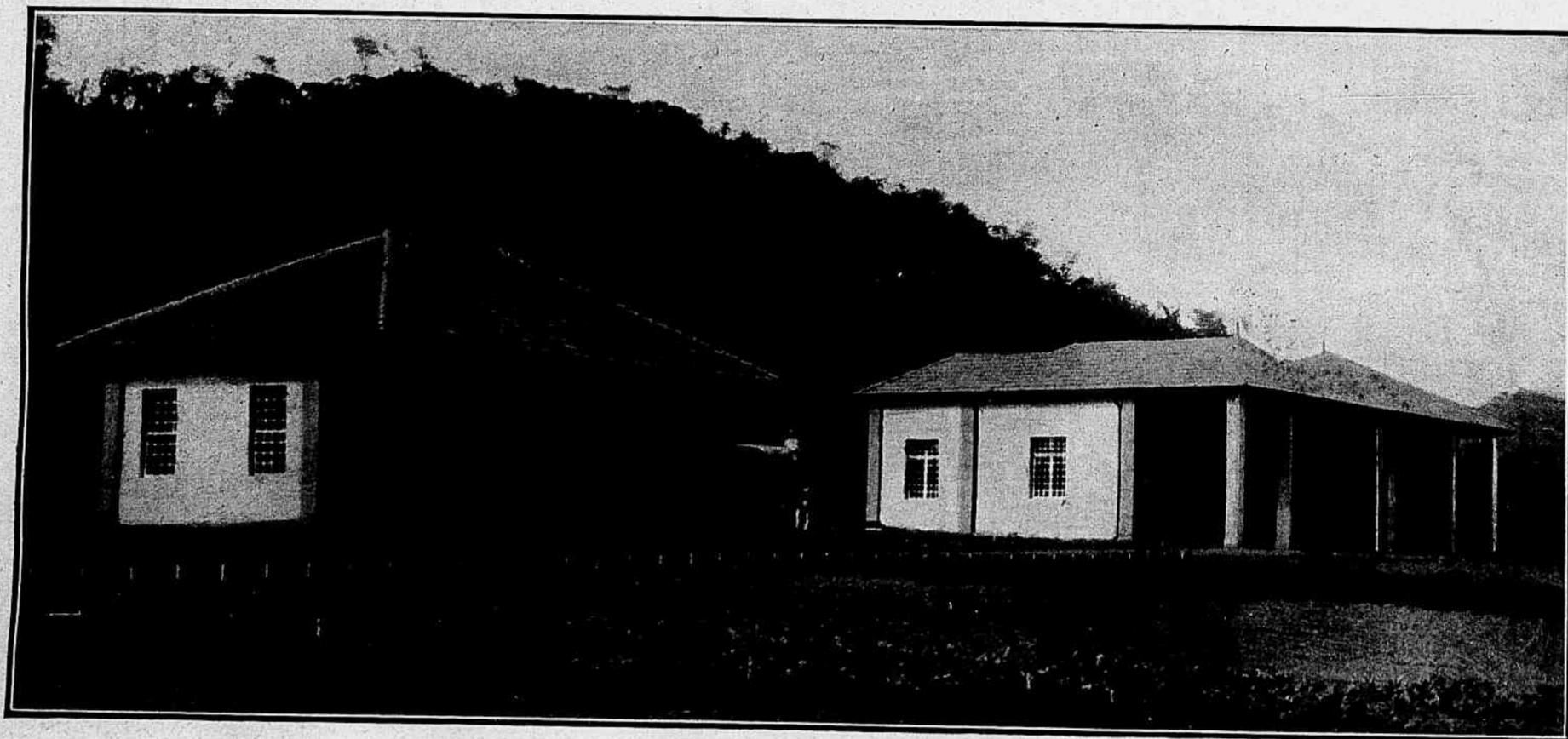


Aspecto de um dos campos de cultura

maes desta estrada de ferro. E isto será um bem para o desenvolvimento dos campos de cultura, melhor cuidados quando para os mesmos tiverem a atenção chamada até as pessoas alheias ás questões agronomicas, sobre os mesmos emittindo criticas desapaxionadas e ditadas pelo bom senso que é dado esperar de todo mundo.

Uma area de 450 hectares de terras cultivaveis foi reservada á Escola, terras essas que, não obstante os accidentes do sólo, frequentes no Estado de Minas, são physicamente optimas como as considera o engenheiro commissionado do Ministerio da Agricultura.

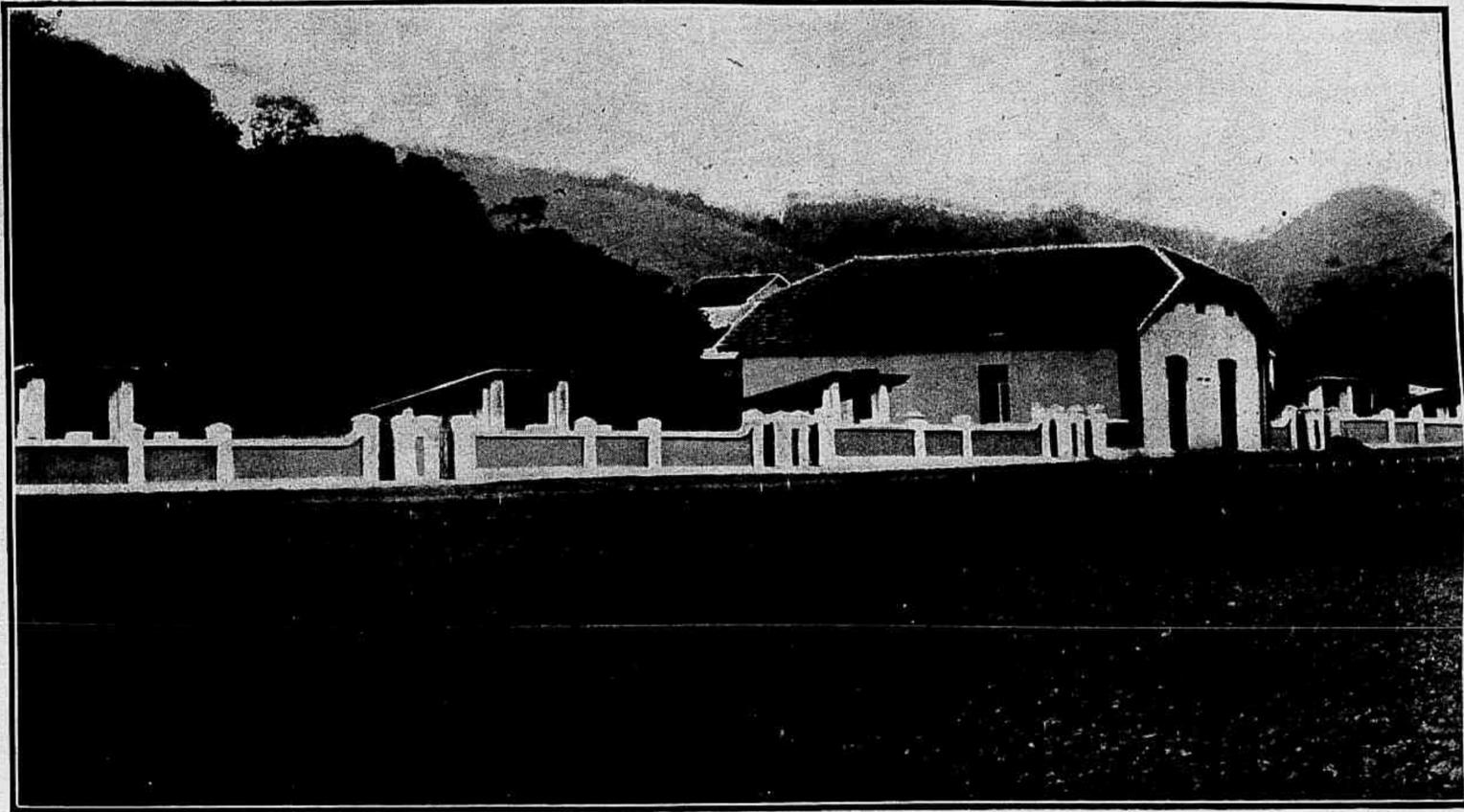
Recordando as circumstancias em que nasceu a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, não se pôde deixar de tecer francos louvores ao benemerito governo do Estado, que a realizou, o governo do Sr. Dr. Arthur Bernardes. Tomando as redeas do governo de Minas Ge-



Departamento pratico de engenharia rural, entomologica e viveiros de insectos

COLA NO BRASIL

da, no genero, uma das maiores do mundo



Aspecto das pocilgas

raes, foi em estado de deprimente anarchia que encontrou a finanças publicas o Sr. Dr. Arthur Bernardes. Saneou-as com as medidas energicas que lhe ditaram a sua coragem civica e a comprehensão justa que tem um administrador consciente de suas grandes responsabilidades.

Amigos que sabiam do seu interesse pelo ensino agricola, propuzeram-lhe a fundação de um grande estabelecimento em Bello Horizonte. S. Ex. acceitou a ajuda que vinha ao encontro do seu desejo, mas observou aos amigos que só empenharia os dinheiros publicos, em empreza de tal monta, num centro agricola e pecuario, e nunca na capital do Estado, onde falleciam os meios para um ensino pratico que se requer numa escola deste genero.

Foi então que o governo Arthur Bernardes fez vir dos Estados Unidos um tecnico na materia, o propecto professor P. H. Rolfs, que dirigiria o

mando significativamente que na America do Norte tal empreendimento não seria levado a cabo por um só Estado!

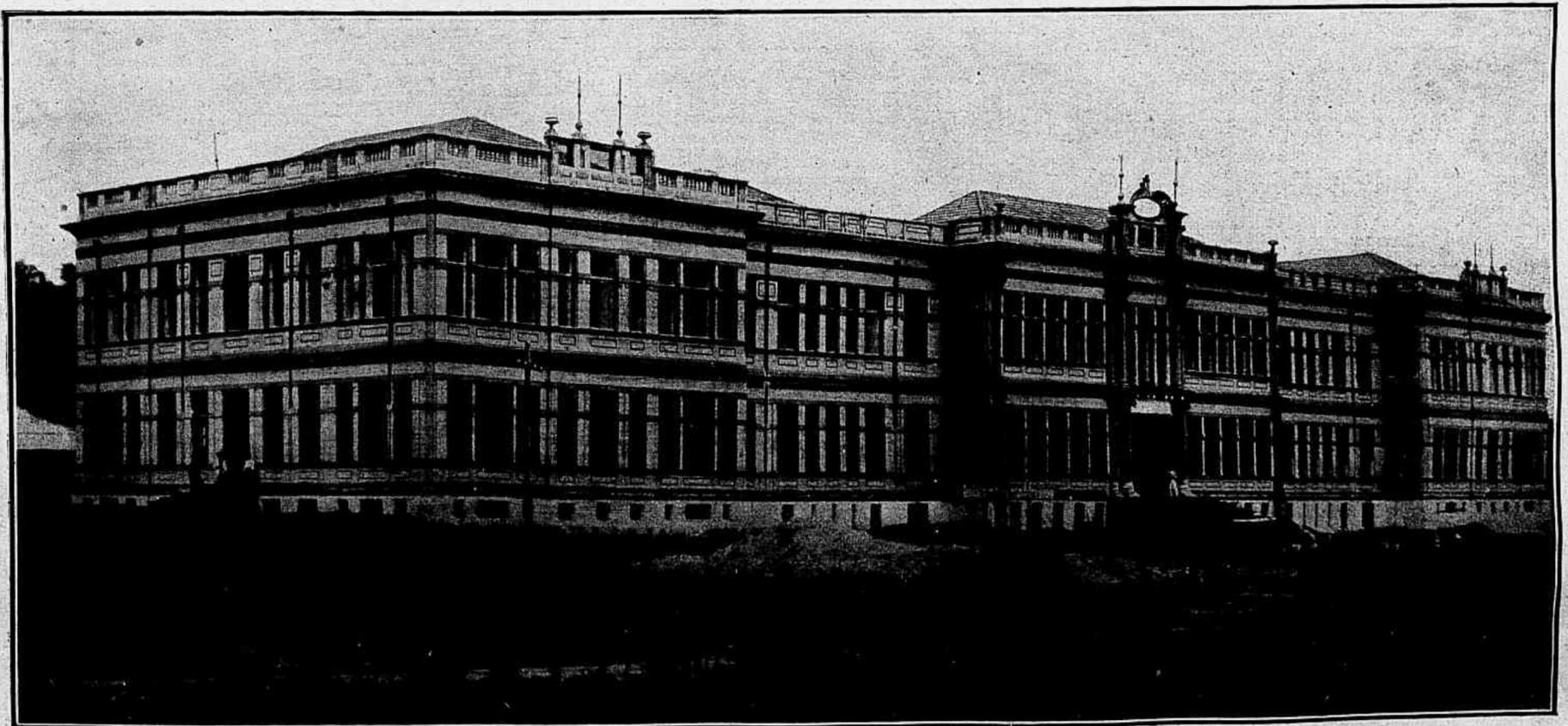
Foi-o, entretanto, no Brasil, onde a má fé e o impatriotismo pastam com frequencia na reputação de homens publicos da honestidade e envergadura moral de Arthur Bernardes, que liga, não ao presente, que não o poderá comprehender, mas ao futuro do paiz a obra gigantesca inaugurada em Viçosa.

Empreendimento grandioso, orçado em cinco mil contos de réis, a Escola Agricola de Viçosa é a posteridade do seu fundador.

A direcção da Escola está confiada ao zelo, á actividade e á capacidade do engenheiro patricio Dr. J. C. Bello Lisbôa, que a conduzirá ao engrandecimento moral e cultural que é dado della esperar.

novo estabelecimento desde a sua construcção até a organização dos seus cursos. O Dr. P. H. Rolfs tem uma pratica de quasi quarenta annos em agricultura sub-tropical, tendo dirigido na sua patria, durante muitos annos, a famosa escola de Gaineville, no Estado de Florida.

Desde então essa grandiosa escola cresceu de importancia, sendo ás centenas os alumnos que do mundo todo a ella occorrem para o estudo agricola sub-tropical. O grande cientista americano considera a Escola de Viçosa a maior do mundo no seu genero, affir-



A magestosa séde da Escola Superior de Agricultura e Veterinaria de Viçosa

CABELLOS

Uma descoberta cujo segredo custou
200 contos de réis

A "Loção Brilhante" é o melhor específico para as affecções capillares. Não mancha a pelle e não é nociva. É uma formula scientifica do grande botânico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

É recommendada pelos principaes institutos sanitarios do estrangeiro, analysada e autorisada pelos Departamentos de Hygiene do Brasil.

Com o uso regular da "Loção Brilhante":

- 1.º) — Desapparece a caspa.
- 2.º) — Cessa a quéda do cabelo.
- 3.º) — Os cabellos brancos, descobertos ou grisalhos voltam á côr natural primitiva, sem ser tingidos.

4.º) — Detem o nascimento de cabellos brancos.

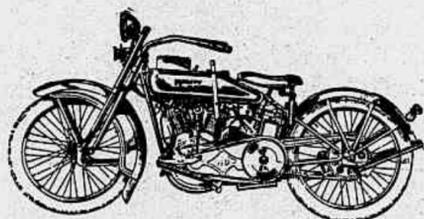
5.º) — Nos casos de calvicie, faz brotar novos cabellos.

6.º) — Os cabellos ganham vitalidade, tornando-se lindos e sedosos, e a cabeça limpa e fresca.

A "Loção Brilhante" é usada pela alta sociedade de S. Paulo e Rio.

Encontra-se nas boas perfumarias, drogarias e pharmacias.

Para unhas lindas
Esmalte "Gaby"



Onde ainda não penetra o automovel, por peor que seja o caminho, vencereis com uma bôa motocycleta!

A HARLEY-
DAVIDSON,

das bôas, é a melhor!

Em stock os esplendidos typos 1925
Peçam catalogos e preços

MESTRE E BLATGÉ

Rua do Passeio, 50



Nutrition

Nas luctas da existencia

Nas luctas da existencia em que a saude é vencida pelo rachitismo, pela magreza e pelo depauperamento, o Nutrition é a força salvadora que liberta do aniquilamento o corpo humano.

Vence a golpes vigorosos

O Nutrition vence a golpes vigorosos o rachitismo que estiola as energias, fortifica os depauperados, levanta as forcas organicas, estimula a energia e desperta a alegria de viver que só sentem os que têm bôa saude.

ROSEIRAL

(Fim)

RAUL DE AZEVEDO

A noite era escura, e as ondas convulsas rugiam, bramiam, levantavam-se altas para depois, quebradas, rolaem mansas e espumantes, quasi macias, lambendo a areia num espreguicamento lento e doce ne braços enlaçados de mulheres formosas...

Agora, muito sós, June e Celso tinham emudecido, e havia talvez um enleio ingenuo entre ambos. Certo os dois se entreolhavam, e um estava com o pensamento no outro... Fizera-se silencio, — um

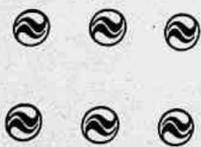
sileicio encantador que elles gozavam, com volupia intima. Como é bom, muita vez, ficar num ambiente calmo e tranquillo, ao lado da pessoa que se quer, sem uma phrase, sem uma palavra!...

— June!

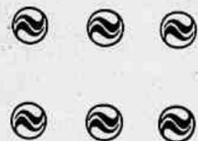
— Celso!

E despertaram daquelle lindo sonho, olhando um para o outro, desabotoados nos labios dois sorrisos de amor e bondade, de magnifica e radiosa esperanza...

Não falaram. O pae reentrava no salão, fazendo-se tarde, o moço despediu-se, comprehendendo que, para si, chegara o grande e decisivo momento"...



CONFIDENCIAL
A BRANCURA, LOUCANIA E MACIEZA DA MINHA CUTIS DEVO AO
CRÈME DE PEROIAS DE BARRY
É UMA PREPARAÇÃO MARAVILHOSA



O PRIMEIRO VESTIDO DE EVA



A fantasia humana cõmetteu todos os excessos e excen-
tridades em materia de modas.

E' a velha historia que data dos tempos mais primitivos da
humanidade. Vestidos, joias, pelles, etc., tudo isto inventou a
 vaidade do homem para embellezar a "obra prima" do Creador.

Porém tudo isso nunca poude nem poderá eclipsar a for-
mosura, magestade e graça, desse imperial adorno natural com
que Deus dotou a mulher, coroando a sua cabeça com o magni-
fico e formoso manto dos seus cabellos.

Nada de postição havia sobre o seu corpo, a não ser a mali-
ciosa folha de parreira, primeiro vestido paradisiaco, após o
peccado.

Mas tinha o manto esplendido dos seus cabellos, com o
qual, cheia de pudor, se cobriu, desde que soube que amar era
um peccado.

Adão ficou "épaté", que é como quem diz "besta", quando
a sua gentil companheira, tirando os ganchos, os quaes consis-
tiam em espinhos de plantas, deixou cahir em cascatas de louros
caracões a magnifica cabelleira que, dizem, segundo dados for-
necidos pelo proprio Adão, lhe chegava até aos calcanhares.

As nossas mulheres de hoje podiam cobrir-se com igual
vestuario que usava a mãe da humanidade, se em vez de quei-
mar o pericraneo com essas aguas de grande perfume, devido á
grande quantidade de alcoes e silicatos com que diariamente ar-
ruinam os seus cabellos, usassem em seu lugar o maravilhoso
Tricofero, composto de materias sãs, simples, innocuas e de uma
acção efficaz e bem patente, que faz prosperar e crescer os
cabellos.

SAUDE E VIGOR

Piotonico
FONTOURA
O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

As nossas trichromias

(Fim)

trados os predicados mais recommendaveis. A pequena tela representa um recanto do parque que circunda a Escola Wesceslau Braz.

João Baptista de Paula Fonseca é o autor feliz de *Paysagem*, quadro de composição pittoresca e technica bem cuidada.

Apesar das suas proporções reduzidas, *Paysagem* é uma obra boa, reveladora de sentimento e muita aptidão. Baptista Fonseca é um paysagista que vae seguindo na esteira luminosa de seu mestre, o incomparavel João Baptista da Costa. Com o grande pintor, o moço artista aprendeu a ver e a sentir as nuances mais delicadas dos nossos verdes o transparente das nevoas das montanhas e a tranquillidade das aguas. *Paysagem* pertence á galeria de José Marianno Filho, estheta requintado que tantas bellas obras nos tem cedido para reproduzir.

D. Regina Veiga, artista de raça, é a autora da encantadora tela *Curiosidade*.

A artista que nos deu tão singela mas suggestiva composição, é possuidora de uma bagagem onde figuram muitas obras de rara solidez. Conhecedora dos mais adeantados centros estheticos do mundo, deixa perceber nas suas produções um conhecimento perfeito da grande arte. Iniciou a sua carreira no Rio de Janeiro, recebendo os sabios conselhos do venerando creador da *Partida de Jacob e Narração de Philetas*; em todas as mostras de arte em que suas obras figuraram, teve sempre o melhor testemunho de carinho por parte da critica honesta.

Outra artista nas mesmas condições é a Sra. Adelaide Gonçalves, autora do excellente retrato (pastel) da *Sra. Julio Azevedo*. D. Adelaide Gonçalves, fóra de duvidas, é um dos orgulhos da sua geração. Já no tempo em que frequentava a classe de Eliseu Visconti, na Escola de Bellas Artes, os seus companheiros adivinhavam a brilhante pintora que hoje é; tudo contribuia para isso: sensibilidade, criterio e um conhecimento seguro do desenho. O lar da artista é bem um recanto onde a arte reside; ella, pintora de rara emoção e seu marido, o escriptor Plinio Cavalcanti, esmerado belletrista.

Em poucas linhas ficaram retratados os autores das obras aqui reproduzidas. Agora diremos quaes os louros por elles conquistados. Francisco Manna foi premiado em 1906 e 1909, respectivamente, com "Menção honrosa de 1º gráo" e "Medalha de prata"; Baptista Fonseca "Viagem á Europa"; Sra. Regina Veiga com "Menção de 1º gráo" em 1906, "Medalha de prata" em 1917, e "grande medalha de prata" em 1918; D. Adelaide Gonçalves foi contemplada em 1913 com a medalha de prata e com a medalha de ouro como alumna da Escola Nacional de Bellas Artes.

Encantos de minha terra, heroismo de minha gente

(Fim)

RAMIRO BERBET DE CASTRO

deira de redempção e concordia, todos se congreguem, velhos e moços, a tradição e o presente, envoltos na mesma renovadora chamma de ideal, com enthusiasmo e emulação civica, no mesmo amor de irmãos, impavidos, e confiantes no horizonte maravilhoso do futuro que já desponta entre as mais seductoras promessas, para o maior esplendor de teus destinos, para a magnitude de tua hegemonia economica, para a preponderancia fulgural da tua mentalidade, para a mirifica expansão da tua perenne grandeza.

Bemdigo pois, o que tu és, que serás, pelo futuro aedeante, *Rainha do Sul*, já proclamada e querida em toda a Bahia, celloiro incomparavel da fartura! Terra abençoada de Deus, doce ninho das minhas mais fagueiras esperanças, eu louvo o teu gesto resplandecente, para com a gloria de Ruy Barbosa, que é, no consenso universal, o symbolo da intellectualidade brasileira!

Adeus, Rugas

3.000 dollares de premios se ellas não desaparecerem.
A mulher em toda a idade póde rejuvenescer e se embellezar. — E' facil obter-se a prova em vósso proprio rosto e em pouco tempo.

EXPERIMENTAE HOJE MESMO O "RUGOL"

Creme escientifico, preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza, Mlle Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL — Opera em vosso rosto uma verdadeira transformação, vos embelleza e vos rejuvenesce ao mesmo tempo.

RUGOL — Differe completamente dos outros cremes, sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvido pelos póros da pelle os preciosos alimentos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL — Evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha e faz desaparecer as sardas, pannos, espinhas, cravos, manchas, etc.

RUGOL — Não engordura a pelle. Não contém drogas nocivas. E' absolutamente inoffensivo. Até uma creança recém-nascida poderá usal-o.

RUGOL — Dá uma vida nova á epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

GARANTIA! — Mlle Leguy pagará mil dollares a quem provar que ella não tirou completamente as suas proprias rugas com duas semanas do tratamento apenas.

Mlle Leguy offerece mil dollares a quem provar que ella não possui oito medalhas de ouro ganhas em diversas exposições, pela sua maravilhosa descoberta.

Mlle Leguy pagará ainda mil dollares a quem provar que os seus attestados de curas não são espontaneos e authenticos.

AVISO — Depois desta maravilhosa descoberta inumeros imitadores têm apparecido de todas as partes do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não aceite substitutos, exigindo sempre:

RUGOL

Mme Hary Vigier escreve:
"Meu marido, que em sua qualidade de medico é muito descrente por toda a sorte de remedios, ficou agradavelmente surprehendido com os resultados que obtive com o uso do RUGOL e por isso tambem assigna o attestado que junto lhe envio."

Mme Souza Valence escreve:
"Eu vivia desesperada com as malditas rugas que me afejavam o rosto e, depois de usar muitos cremes annunciados, comecei a fazer o tratamento pelo RUGOL obtendo a desaparicação não só das rugas, como das manchas, modificando a minha physionomia a ponto de provocar a curiosidade e admiração das pessoas que me conheciam."

Encontra-se nas boas pharmacias, drogarias e perfumarias.
Se V. S. não encontrar RUGOL no seu fornecedor, queira cortar o coupon abaixo e nos mandar, que immediatamente lhe remetteremos um pote.

Unicos cessionarios para a America do Sul: — ALVIM & FREITAS, rua do Carmo n. 11-sob. — Caixa 1379 — S. Paulo.

COUPON — SRS. ALVIM & FREITAS, caixa 1379 — S. Paulo: — Junto remetto-lhes um vale postal da quantia de 15\$000, afim de que me seja enviado pelo correio um pote de RUGOL. (I. B.)

NOME
RUA
CIDADE
ESTADO

Loteria Federal

100 CONTOS

INTEIRO 7\$700 — DECIMO 800 RÉIS

Sabbado, 23 de Maio

Unica official
Unica fiscalizada pelo Governo Federal
Unica por cujos premios responde o Thesouro
Unica extrahida á vista do publico nesta Capital.
Capital: 3.000 contos com deposito de 500 contos no Thesouro

Predio proprio á Rua 1º de Março, 110 e Visconde de Itaborahy, 67
Extracções diarias ás 2. 1/2 e ás 3 horas aos sabbados.
Pedidos de bilhetes com mais 900 réis para o porte.

ALLIVIO DE DORES

PARA
CAIMBRAS
RHEUMATISMO
DIARRHEIA
ENTORCES
ETC.

DE BARRY

Suggestões do bond



O homem ia muito tranquillo lendo o seu diário, sobre a chronica policial, porque é amigo das emoções fortes e nem a politica, nem a vida social, nem os theatros têm para elle interesse, porque diz que isso já foi publicado cem vezes.

Lia, pois, os crimes mais sensacionaes, quando de repente chega-lhe ao nariz um perfume delicadissimo.

O homem tem um olfacto muito sensivel, e o que é muito raro, muito delicado, e cousa estranha tratando-se de um perdigueiro policial.

Furtivamente move-se em seu logar, e de soslaio divisa a vizinha que acaba de se sentar no banco de traz, isto é, o que fica logo atraz de suas costas.

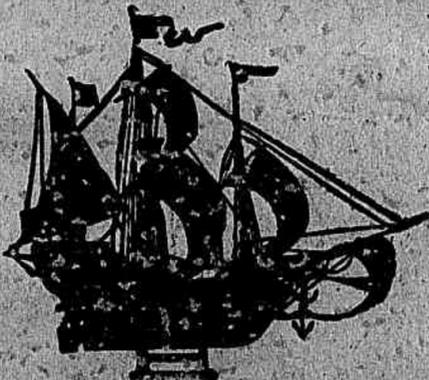
— Bonita moça! — murmura com os seus botões. — E cheira bem! Cousa pouco commum em quem não se pinta nem põe loções, porém, é um cheiro original. Que será?... Ignoro; mas a questão é que este perfume me suggestiona...

A moça move-se, levantando um embrulho que trazia sobre os seus joelhos, e o delicioso perfume invade todo o carro.

O homem não pôde conter-se, volta-se, sorri e saúda a moça, e com voz de canna rachada, igual á que resulta de um pente coberto com papel de seda, diz á moça:

— Senhorita, a senhora é uma flôr de belleza, porém, o perfume da senhora me é desconhecido! A que cheira a senhora, se não ha atrevimento na pergunta?

— Não sou eu, senhor. E' este embrulho, em que trago alguns sabonetes Reuter, o mais afamado, o mais puro, o mais hygienico e o mais rico entre todos os sabonetes.



BARCO INSIGNIA DE CHRISTOFERO COLOMBO

"Santa Maria" 1492

Lindissima e attractiva decoração para casa, talhadura em madeira artistica, feita á mão, com cordame e armação fielmente reproduzidos do original.

Mande grátis, prospectos illustrados sobre modelos de barcos de todos os paizes e tempos.

LUDWIG RUTZ

CASA EXPORTADORA DE TALHADURAS ARTISTICAS
OBERAMMERGAU, 68 — (BAVARIA)

Desejam-se representantés!

XAROPE

Primeira Dentição



DELABARRE

SEM NARCOTICO

Usado em fricções sobre as gengivas.

Facilita a sahida dos Dentes

Supprime todos os Accidentes da Primeira Dentição

Exigir o Sello da União dos Fabricantes

ESTABELECIMENTOS FUMOUZE, 78, Fg Saint-Denis - PARIS
e nas principaes pharmacias

Grande estabelecimento graphico PIMENTA DE MELLO & C.

Especialidade em chromolithographia, cartas geographicas, diplomas, acções, letras de cambio, apolices, retratos, cartazes, rotulos e todos os trabalhos commerciaes typographicos; livros em branco, papel e objectos para escriptorio; qualquer trabalho em alto-relevo typographico ou lithographico e timbragem. — Rua Sachet, 34 — Teleph. 7828 Norte. End. teleg. Pimentamello, Rio — Officinas: Rua Visconde de Itauna, 419 — Tel. 5996 Villa.

BAZAR AMERICA

Finissimos objectos para presentes



Especialidade em Porcellanas, Crystaes, Metaes finos, Faqueiros e Talheres de Christofle.

ORIGINALIDADE E
BOM GOSTO

Rua Uruguayana, 38-40

THE INSTRUMENT OF QUALITY

Sonora

CLEAR AS A BELL



É TÃO FÁCIL DIZER QUE ESTE OU AQUELE
PRODUCTO É "O MELHOR NO MUNDO" MAS NÃO
QUE TOCA A SONORA, É O PRÓPRIO POSSUIDOR
QUEM ASSIM DÁ A SUA OPINIÃO.

COMPARE A SONORA COM QUALQUER OUTRA
MACHINA FALANTE QUANTO A TONALIDADE,
APERFEIÇOAMENTOS E VARIEDADE
DE MODELOS.

SI V. EX. GOSTA DE BOA MUSICA TEMOS A
CERTEZA DO QUE SERÁ O SEU
VEREDICTO.

SERIA UM PRAZER FAZERMOS UMA DEMON-
STRAÇÃO PRÁTICA DAS ALTAS QUALIDADES
DA SONORA.

Acabamos de retirar da Alfandega grande stock de So-
noras simples e combinadas com Radio. Não demore em
visitar nossa exposição.

Unica Agente no Brasil:

OPTICA INGLEZA

127, RUA DO OUVIDOR, 127
RIO DE JANEIRO

A' venda em São Paulo:

Ao Boticão Universal
Rua 15 de Novembro, 7

